Maria Schaun (org)

NELSON SCHAUN
merece um livro...

Editora da UESC

Maria Schaun (org.)

NELSON SCHAUN merece um livro...

100 anos de um personagem da
história política e cultural de Ilhéus

Editora da UESC

© 2001 by Maria Schaun

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45650-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (073) 680-5028 - Fax (073) 689-1126
http://www.uesc.br e-mail: editus@uesc.br

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
César Borges - Governador

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
Eraldo Tinoco Melo - secretário

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Renée Albagli Nogueira - Reitora
Margarida Cordeiro Fahel - Vice-Reitora

DIRETORA DA EDITUS
Maria Luiza Nora

PROJETO GRÁFICO E CAPA:
Adriano Lemos

PESQUISA EM ARQUIVOS DE JORNAIS:
João Cordeiro de Andrade

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS GRAVADAS:
Gilbia Sampaio Lopes

REVISÃO:
Nicolau e Socorro Schaun

CONSELHO EDITORIAL:
Altenides Caldeira Moreau
Dário Ahnert
Dorival de Freitas
Francolino Neto
Henrique Campos Simões
Jane Kátia Badaró Voisin
Lurdes Bertol Rocha
Maria de Lourdes Netto Simões
Maria Laura Oliveira Gomes
Reinaldo da Silva Gramacho
Paulo dos Santos Terra
Rosana Lopes
Sebastião Carlos Fajardo

Equipe Editus

Coord. de Diagramação: Cristiano Maia; **Design Gráfico:** Adriano Lemos; **Coord. de Arte-Final:** George Pellegrini;
Supervisão de Produção: Maria Schaun; **Revisão:** Maria Luiza Nora, Dorival de Freitas; **Coord. de Política Editoral:** Jorge Moreno.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N431 Nelson Schaun, merece um livro... / [organização] Maria Schaun. - Ilhéus : Editus, 2001.
248p.

100 anos de um personagem da história política e cultural de Ilhéus

ISBN: 85-7455-031-0

1. Literatura brasileira - Coletânea. 2. Schaun, Nelson, 1901-1968 - Biografia. I. Schaun, Maria.

CDD - 869.08

Averiguar qual a existência das gerações
que passaram, eis o mister da História.
Alexandre Herculano

Dedico este livro a
Vanja Kruschewsky Miguel Schaun,
esposa e companheira de Nelson - *in memorian*.

Sou grata
ao Conselho Editorial da UESC
que acreditou no projeto

a Simone, Nicolau e Socorro
que confiaram em nosso trabalho

aos parentes e amigos que
nos auxiliaram de alguma maneira.

Nota1: Ao serem revisados, alguns textos tiveram sua ortografia e acentuação atualizadas para facilitar a leitura. Entretanto, cuidamos para que essas alterações não mutilassem ou deturpassem o sentido dado pelo autor.

Nota2: As crônicas e artigos de Nelson Schaun ou sobre ele ficam suspensas no período de 1937 a 1945, devido ao momento político existente no Brasil.

Nota3: Os exemplares do *Diário da Tarde* dos anos de 1940, 1948, 1950 e do período de 1951 a 1957 foram destruídos por um incêndio na sede do jornal.

Nota4: Coleções de outros jornais, como *O Momento* e T*ribuna do Sul*, se perderam com as perseguições políticas ou com o próprio desgaste do tempo.

SUMÁRIO

UM EXEMPLO - Soane Nazaré de Andrade 13
UM SER INTEREXISTENCIAL - Simone Schaun 15
NELSON ERA UM "CARA LEGAL" - Nicolau Schaun 17
PARECE QUE FOI ONTEM... - Socorro Schaun 23

POR NELSON: artigos, crônicas e análises

MÉTODOS DE ENSINO 31
A ATUALIDADE DE HUGO 34
RECEITA DO MUNICÍPIO DE ILHÉUS 38
COMO VÃO OS INTELECTUAIS PELO MUNDO 45
AS REIVINDICAÇÕES DA LAVOURA CACAUEIRA 46
O APROVEITAMENTO DO CACAU NA ECONOMIA DOMÉSTICA 59
AS INVERSÕES INGLESAS NO MUNDO 61
AO POVO DE ILHÉUS 63
A CISÃO NO COMUNISMO 66
À MARGEM DE UM ENCONTRO 70
A PROPÓSITO DA ORTOGRAFIA 74
A ESCRITA NO PROCESSO HISTÓRICO DA LINGUAGEM 78
ESCRITA - Produto e fator de civilização 83
COMECEMOS A TAREFA... 86
PELA DIGNIDADE HISTÓRICA DE ILHÉUS 88
INQUIETAÇÃO DA JUVENTUDE 91
COMO EXPLICAR O ATRASO DE ILHÉUS? 94

DISCURSOS

SAUDAÇÃO AOS LAUREADOS DO CONCURSO DAS CHAVES DE OURO .. 99
SAUDANDO A BARBOSA MELO 113
SAUDAÇÃO A JOAQUIM RIBEIRO 117
MOÇÃO DE APOIO À IMPRENSA 129
CONFERÊNCIA FEITA NO INSP 131

SOBRE NELSON: homenagens e informações

NELSON SCHAUN 147
NA UNIÃO PROTETORA 148

AS COMEMORAÇÕES DA FESTA DA ÁRVORE 149
ECOS DO DIA DO PROFESSOR 150
ESCRITORES REGRESSARAM ONTEM AO RIO DE JANEIRO 152
ACADEMIA DE LETRAS EMPOSSOU NOVO QUADRO DIRETOR 154
QUARTO DE HORA LITERÁRIO 155
NA ACADEMIA DE LETRAS 157
UM CENTRO DE OPEROSIDADE E CULTURA 160
O BOI - Plínio de Almeida 161
A ACADEMIA DE LETRAS NO SEU PRIMEIRO LUSTRO DE VIDA 162
PATRONOS E OCUPANTES DAS 40 CADEIRAS DA A.L.I. 166
FOI MESTRE DOS MAIS COMPETENTES 168
ÚLTIMO ADEUS AO PROFESSOR NELSON SCHAUN 169
POSSE NA ACADEMIA 170
DESPEDIDA - João Alfredo Amorim de Almeida 171
ELE ERA UM HOMEM BOM - Antonio A. Peres 174
NELSON SCHAUN – Uma saudade - Ariston Cardoso 176
NELSON SCHAUN - Eusínio Lavigne 178
A PRESENÇA DO PROFESSOR NELSON NA A.L.I. - Francolino Neto .. 180
PROFESSOR NELSON SCHAUN - Edgar Souza 182
VOCÊ ESTÁ VIVO, NELSON - Ton Lavigne 183
NELSON SCHAUN 185
PARA VANJA NÃO LER - Durval Cardoso 186
NELSON SCHAUN - Clarêncio Baracho 188
À BEIRA DO TÚMULO DO PROF. NELSON SCHAUN - Rubens Correia 189
A ACADEMIA DE LETRAS DE ILHÉUS 191
O PARTIDO COMUNISTA QUE EU CONHECI - João Falcão 197
NELSON DE FERRO E DE FLOR - Antônio Lopes 199

DEPOIMENTOS: de amigos e companheiros

EDUCAÇÃO E IDEAL - Abel Pereira 205
O PRAZER DE CONVIVER COM NELSON - Zezito Pena 209
NELSON, UM MARXISTA CONSCIENTE - Hermano Penalva 215
MESTRE E CÚMPLICE - Zezé Kruschewsky 227
NAS LUTAS POPULARES - Aristeu Nogueira 231
BREVE E BEM HUMORADA CRÔNICA SOBRE DEUSES E SONHOS
- James Amado 233
DADOS BIOGRÁFICOS 243

UM EXEMPLO

Ele, e suas circunstâncias, numa perspectiva orteguiana, já valeriam um livro. Numa perspectiva mais ampla, do alto do seu centenário, não é apenas NELSON SCHAUN que merece um livro, somos nós, os seus contemporâneos que lhe sobrevivemos, que merecemos um livro que o lembre, perenizando a lição que foi sua vida. Porque, todos nós, o que somos, senão a nossa gênese, a nossa ascendência cultural, a lição de vida do passado, os sustos e as certezas das alvoradas que se fizeram crepúsculos e dos crepúsculos que mergulharam em noites esquecidas ou inesquecíveis?

Só os povos incultos dispensam a força anímica da própria história, ou seja, a seiva das raízes remotas. E a história de um povo é constituída pela palavra, pelas escrituras, pelas ações e pelos exemplos dos homens simples dos mares e dos campos, tanto quanto pelos artistas, poetas, cientistas, artesãos, generais, governantes - todos os que pensam, criam, agem, decidem, na grande dinâmica trama da vida social.

A vida de NELSON SCHAUN - e eu o conheci professor de língua portuguesa - foi exemplo de dedicação ao estudo e ao ensino, de participação política, de doação cívica, tudo em tempo integral e de maneira brava e elegante.

Permito-me aqui uma recordação: os bacharelandos da primeira turma da Faculdade de Direito de Ilhéus, em 1961 - aqueles que inauguraram o ensino superior entre nós - aclamaram-me seu paraninfo. Preparei o

discurso, mas, antes do dia em que o pronunciaria, fui até a ruela onde residia o professor NELSON SCHAUN para que o lesse, com inteira liberdade para sugerir alterações. E se pouco sugeriu, foi muito o que ganhei na conversa inteligente e amena que nos consumiu o resto da tarde.

Era, assim, uma referência. Na família, nos círculos culturais, no entrechoque das idéias, nas esferas do ensino e da educação. O seu centenário, como não podia deixar de ser, reacende a chama do seu exemplo e retempera o aço dos caracteres que ainda lutam para preservar o patrimônio de cultura e civismo da Nação Grapiúna. Saudosos dele, sim, mas para levar avante o seu exemplo, na construção incessante de um futuro que só será digno dele se for fiel aos seus exemplos e digno das suas lições.

Soane Nazaré de Andrade

UM SER INTEREXISTENCIAL

Este livro, de acordo com o respeito e a vontade dos filhos e dos leais amigos da pessoa de Nelson Schaun, é mais um trabalho de resgate à memória - espécie de trabalho de equipe - do autodidata, do educador, do idealista, do sociólogo, do comunicador; enfim, do homem que deixou um traço marcante na sua passagem pela vida; valores que a nós foram passados e dos quais não desejamos nos afastar.

Pelo que os leitores poderão perceber, nota-se uma atualidade de conceitos, de acordo com o estudo e a vivência de Nelson, confirmados pelos artigos escritos naquela época e que, até hoje (2001), continuam vivos e atuais.

Fizemos o possível para apresentar aos queridos leitores essa contribuição, à guisa de informação, em seu aspecto principalmente *vivencial*. E, por que não dizer, *interexistencial*?

Nelson Schaun é um exemplo concreto do *ser interexistente*. É a comprovação existencial da realidade, é, simplesmente, uma afirmação, porque ele, apenas, *não existiu*, mas *interexistiu*, pois os seus atos, sempre verdadeiros, são demonstrados continuamente. Ele é, assim, uma espécie de experiência vivencial, uma espécie de forma expressiva do que é SER. Nelson é um fenômeno estranho: ele se tornou popular sendo impopular.

Só quem não o conhece, quem nunca o observou, quem não conviveu com ele algum tempo ou não manteve com ele relações durante alguns anos, não pode ver com os olhos a sua forma de existência.

Este é um grito de alegria pelo ímpeto vital e tenaz de Nelson. Um livro é impotente para conter um grito de alegria ou de revolta.

Impossível sintetizar tudo o que foi, realmente, Nelson Schaun. Entretanto, o presente livro, reunindo seus escritos e os escritos de seus amigos, é uma homenagem a ele e o reconhecimento desta verdade.

Simone Schaun

NELSON ERA UM "CARA LEGAL"

Raras vezes, como agora, tive tanta dificuldade de organizar as idéias para escrever um texto. É que, escrever sobre Nelson Schaun, no contexto deste livro, resultado de obstinada e rigorosa acuidade de Maria Schaun, de reunir e sistematizar retalhos da vida de Nelson como educador, jornalista, político e intelectual, pareceu-me, a princípio, tarefa leve, fácil e, sobretudo, fascinante. Leve porque, como seu filho, e considerando a figura que ele era, a simplicidade com que convivia em família, sempre me pareceu que não havia carga, com o peso que tivesse que ele não fizesse leve. Lêdo engano! Pensei que o que fosse leve para ele o fosse, também, para mim. Mas ele era muito maior. Fácil, dada a abundância de fatos dos mais variados tipos que alimentaram, enriqueceram e permearam sua luta e sua convivência em sociedade. Fascinante, porque cada um desses fatos e retalhos de que nos recordamos sempre constitui estímulo instigante a utilizá-lo como referência para uma reflexão mais profunda no âmbito da Psicologia Humana e Social, da Sociologia, do Jornalismo, da Teoria Política da Educação. Ninguém, entretanto, sabe a barafunda em que me meti, quando comecei a alimentar essa primeira idéia. Daria um outro ou outros livros. Descaracterizaria todo este trabalho maravilhoso. Além disso, não seria tarefa para cumpri-la sozinho. A consciência logo me mostrou que, além de ingênua seria uma pretensão quase cabotina. Nelson não merece isso, compreendi.

Os diálogos iniciais com Maria, a participação

no exercício de revisão dos textos, os depoimentos obtidos e papos emocionantes com José Pena e Hermano Penalva, as conversas com minhas irmãs, Simone e Socorro, rememorando a nossa vida com papai, registrando a sua profunda e sólida influência em nossa formação ética e moral, as manifestações sinceras e leais de Ton Lavigne, o depoimento emocionado de Antônio Lopes, meu querido "Paciência", hoje jornalista e membro da Academia de Letras de Ilhéus, deram-me a exata compreensão da dimensão e do conteúdo do que deveria escrever sobre Nelson.

Com certeza, o meu e os outros depoimentos, contidos neste livro, não exaurem a contribuição de Nelson para a construção de uma sociedade justa e solidária, mas são abundantes como exemplos de coerência, de lealdade, de solidariedade, de coragem e de firmeza, características necessárias e indispensáveis a quem decidir participar, como sujeito social e político, na construção de uma nova consciência coletiva, onde a solidariedade e a confiança se resgatem como principal argamassa na consolidação dessa nova estrutura e que tenha a inclusão social e a cidadania como seus princípios básicos.

Ainda assim, não pretendo registrar aqui todos os fatos de que tenho memória sobre e com Nelson. Correria o risco de ser enfadonho, por muito extenso. Vou limitar-me a, apenas, relatar dois episódios da nossa vida em família que me parecem capazes de simbolizar algumas das suas características pessoais, principalmente nas relações afetivas. Deixo suas interpretações, tanto no âmbito da sociologia como da psicologia humana e social, para quem, porventura, por elas queira interessar-se.

Sobre a sua luta política, um dos componentes

mais fecundos da sua história e que absorveu mais da metade da sua vida útil, identifiquei relatos de José Pena, Hermano Penalva — que sempre viveu em nossa casa como verdadeiro irmão e filho — e de outros, com tal nível de fidelidade que, como homenagem e agradecimento a esses amigos, não penetrei em comentários mais detalhados.

Nelson, a *Tribuna do Sul* e Arsênio

Esse episódio aconteceu entre o fim de 1949 e o início de 1950. Tinha eu, portanto, nove ou dez anos de idade.

A *Tribuna do Sul* era um semanário do PCB, editado em Ilhéus e que saía aos sábados. Nelson Schaun era diretor e, também, redator chefe. Responsável pelos editoriais do jornal era, também, por coincidência, dirigente do partido na região cacaueira.

Arsênio Alves, delegado regional de Polícia, de extrema direita, reacionário de "quatro costados", áulico do Estado, alimentava, portanto, uma obstinada decisão de destruir ou, pelo menos, desmoralizar Nelson. Após uma investida de Arsênio e seus comandados no extremo sul, região de Porto Seguro, contra os índios ali localizados e que foram barbaramente violentados, sendo obrigados a ficar de quatro pés e, selados, com brida na boca, montados e esporados, Nelson recebeu a tarefa do partido de "bater" em Arsênio, no editorial da *Tribuna do Sul*. Assim feito, sai o jornal no sábado e é distribuído pela manhã em toda a cidade. Nesse mesmo dia, por volta das duas horas da tarde, encontrava-se Nelson no Bar de Barral, na Marquês de Paranaguá, vizinho à Casa

Brasil, de Isaac Albagli, numa tranqüila e saudável tertúlia com outros intelectuais, amigos de sempre, quando é abordado por Barbosa, "pau mandado" de Arsênio, um mastodonte, como o caracterizava Vanja, minha mãe. "Seu Nelson, vamos à delegacia que o coronel Arsênio quer ter uma conversa com o senhor!" "Você tem, aí, o mandado de prisão?" "Não tenho e não precisa"! "Então não vou", decidiu Nelson. Seguro por Barbosa, braço torcido para trás, lá se foi Nelson arrastado pela rua, como se fosse um animal raivoso. Ao passar pela porta do *Diário da Tarde*, outro jornal de Ilhéus, Otávio Moura, seu diretor, saiu à rua para protestar contra aquela forma arbitrária e violenta com que Nelson estava sendo conduzido à delegacia. Barbosa não deu ouvido ao protesto e seguiu arrastando Nelson. Otávio Moura foi a nossa casa e relatou a minha mãe o fato que acabara de presenciar. Minha mãe, com roupa de casa e chinelo, como estava, saiu à rua e foi direto para a delegacia. Subiu as escadas e entrou de forma tão agressiva que provocou uma rápida e imediata reação de estupor e perplexidade do grupo de Arsênio. "Meu velho, (assim ela o tratava) o que é que há? O que você está fazendo aqui?" "É, o Arsênio decidiu que tenho de comer e engolir o jornal porque o texto do editorial não lhe foi muito favorável!" "Vamos embora para casa, meu velho!" Pegou papai pelo braço e saiu. Quando a jagunçada se recompôs da perplexidade, já Nelson e Vanja estavam a caminho de casa.

Naquele dia, chovia muito e fazia muito frio, era época de vento sul. Quando cheguei em casa, da escola, já tudo escuro, encontrei na cozinha, que era grande e tinha um fogão de ferro, a carvão, Nelson todo escoriado, muito dolorido, de cócoras ao lado

do fogão para se aquecer e suportar melhor as dores e, à sua volta, tias, tios, primos, todo mundo com ar de tristeza e sofrimento. Nesse momento, presenciei o seguinte comentário de Nelson: "Afinal, por que tanta tristeza e sofrimento? O mundo ainda não vai acabar!" "Como você quer que estejamos aqui, vendo você nesse estado, todo machucado e sem ter feito nada que merecesse", responderam. "Ora, ora! devemos estar aqui, agora, é comemorando com muita alegria este fato. Vejam vocês que quando minha velha chegou à delegacia eu estava num beco sem saída. Percebi, ali, que Arsênio não descansaria enquanto eu não comesse e engolisse todo o jornal. Já estava articulando as idéias para tentar convencê-lo de que, comendo somente a página do editorial eu já estaria bem castigado, quando chega minha velha e me salva até disto!" Risada geral, descontração total, voltou todo mundo à normalidade. Ele era assim. Às vezes tripudiava da própria desgraça para não ver tristeza. Ele queria outro mundo. Não tolerava solidão nem tristeza à sua volta.

Nelson Peixoto Ribeiro, Clovis Maranhão e o laudêmio

Clovis Maranhão vendeu dois imóveis de sua propriedade, construídos em terrenos que pertenciam a Nelson. Fez a transação e não comunicou o fato, como se os lotes também lhe pertencessem. Avisado por um amigo, no dia da formalização da transação no cartório de Nelson Peixoto Ribeiro, à rua D. Pedro II, em cima da Farmácia Universal, aparece Nelson, de "sopetão" sem avisar e, também, sem ser convidado para aquele evento. Ar de surpresa e perplexidade

dos atores presentes. Eu estava com ele. O oficial do cartório, Nelson Ribeiro, informa que, conforme a decisão de papai, aquela transação poderia ser formalizada sem maiores problemas mas, se papai exigisse, tinha o direito de receber um valor proporcional à da transação, a que se dá o nome de laudêmio. O advogado de Clovis Maranhão, e o próprio, tentaram levar papai na conversa para que ele dispensasse o tal laudêmio. Clovis Maranhão era bem de vida. Nelson, que se sustentava com um soldo do Partido, quando havia alguma disponibilidade, estava "sem nenhum" viu, ali, a oportunidade de resgatar um compromisso feito comigo já há algum tempo, que era comprar-me uma bicicleta. Percebendo a possibilidade de ser engabelado, simulou muita irritação e, no meio da conversa dirige-se a Clovis e seu advogado e questiona: "Acaso pensam vocês que sou algum néscio? Eu sou Nelson, não sou néscio!" Endureceu, recebeu o laudêmio de, naquela época, nove mil cruzeiros, saímos, entramos na loja de Simon Rosenblit, na rua Marquês de Paranaguá, compramos uma bicicleta Monark, vermelha, aro 28 x 11/2 , freio no pedal, por quatro mil e quinhentos cruzeiros. Feliz, fui para casa e essa bicicleta, durante muito tempo, "dormia" no meu quarto, encostada em minha cama.

Ele era assim, quando percebia que alguém queria fazê-lo de bobo, ironizava o desafeto a ponto de colocá-lo em ridículo. A forma simples com que ele fazia as nossas vontades sempre nos provocava imensa alegria e felicidade. Ele era muito "legal!" Não consigo esquecer-me dele, nunca!

Nicolau Schaun

PARECE QUE FOI ONTEM...

O tempo que convivi com meu pai – pouco mais de 17 anos – pode não parecer muito, para que, hoje, eu fale dele com tanta propriedade. Mas sua personalidade marcante e seus exemplos de vida exerceram uma influência tão forte sobre mim, que esses poucos anos que passamos juntos foram suficientes para que eu formasse a minha personalidade dentro dos padrões éticos e morais adquiridos de Nelson Schaun, talvez geneticamente, mas principalmente por ouvir as suas experiências de vida. Não é por acaso que hoje sou jornalista.

Tivesse meu pai se dedicado ao jornalismo – atividade que começou a exercer antes dos 20 anos – por certo teria ultrapassado as fronteiras nacionais e deixado contribuições para os profissionais de comunicação de todo o mundo. Desde cedo, demonstrou vocação nata para a área das letras, pois, mesmo tendo cursado apenas até a terceira série primária, sabia comentar um fato, fazer uma crônica como ninguém. Era um mestre na arte da sátira, da ironia e da analogia. Isso eu pude constatar ao ler alguns artigos publicados em jornais de oposição da época, alguns dos quais lhe valeram alguns dias ou meses de cadeia.

Lembro-me dele, como se fosse ontem, lendo diariamente o *Jornal do Brasil*, *Globo* e *Última Hora*. Lia diversos jornais simultaneamente, o que já era raro naquela época, em Ilhéus, creio que para analisar as várias linhas editoriais e tirar as suas próprias conclusões. Este procediemnto lhe dava mais condições de escrever sobre qulquer assunto que lhe fosse

solicitado. Por certo, teria sido um grande repórter, editor ou principalmente um editorialista.

Quantas vezes redigiu discursos para terceiros. Bastava lhe indicarem o assunto e ele atingia em cheio o pensamento do interessado. Na época da repressão quase nunca assinava, para garantir a publicação do artigo. Meu pai foi o primeiro *ghost writer* que conheci.

E o mais importante é a atualidade dos seus textos. O seu artigo "Inquietação da Juventude", publicado em 1968, bem que poderia ser republicado, pois parece ter sido escrito hoje. Não só pelo tema, que continua comum à nova geração, mas, principalmente, pela maneira como o problema é enfocado, mostrando a visão progressista do autor.

É muito difícil para um filho escrever sobre o próprio pai, sem parecer suspeito e excessivamente elogioso. Por outro lado, ninguém melhor do que um filho pode analisar a personalidade do pai.

Cresci em meio à sala de aula, pois meu pai, depois que se desligou do Partido Comunista, passou a dar aulas particulares em nossa própria casa, para sobreviver com a família. Foi ali naquele salão onde ele ensinava, que ao meio dia e à noite se transformava em sala de estar, onde ele ouvia diariamente a *Voz do Brasil* na velha eletrola, que eu aprendi as normas da boa escrita. Talvez já daí tenha adquirido o gosto pelo jornalismo, profissão que vim a escolher, seis meses depois da sua morte.

De todas as características de Nelson, foi sem dúvida a sua autenticidade, o seu espírito de solidariedade, o seu compromisso com a verdade e, principalmente, a sua coragem, que mais me marcaram. Quando vejo hoje tantas pessoas vendendo a consci-

ência em troca de um cargo político, pessoas calando a verdade para não se comprometer, sinto mais orgulho de ser filha de Nelson. Ele jamais almejou riqueza, bem estar social ou fama e nunca hesitou em denunciar as injustiças sociais temendo represália. Sua vida foi marcada pela dificuldade, mas, como disse Indira Gandhi: "É um grande privilégio viver uma vida difícil".

E o que me chama mais a atenção é que, por trás daquele pai íntegro, rígido nos seus conceitos de honestidade e verdade, existia um homem de constante bom humor e com incrível alegria de viver. Ele dizia que se partisse antes dos 125 anos morreria danado. Para tudo, nas situações mais sérias, ele tinha uma saída interessante, humorística até. Certa vez, andando pela D. Pedro II – rua tradicional de Ilhéus – escorregou e caiu. Havia algumas pessoas conversando perto, que nada fizeram para ajudá-lo a levantar-se. Não perdeu a "esportiva" – como se falava naquela época- levantou-se, olhou para o grupo e falou: "É, caí mesmo!".

Quando não tinha de quem gozar, gozava de si próprio. Já havia deixado de fumar, por orientação médica, após ter sofrido uma trombose, quando certo dia, após retornar de um "forinha" - como costumava chamar as suas saídas vespertinas após um dia de aula – chegou com um cigarro de chocolate na boca como se estivesse fumando, ao que foi interpelado por minha mãe, preocupada com a sua saúde. Ao constatar a brincadeira, foi mais uma sessão de riso, como tantas outras que ele nos proporcionava.

Na verdade, falar sobre meu pai é uma das coisas mais agradáveis para mim. Eu poderia escrever um livro, uma enciclopédia sobre ele. Mas, no caso de uma

introdução, como agora, optei por mostrar que, por dentro do político experiente, do educador competente, do homem culto que usava corriqueiramente termos como nímio, desarrazoado, existia um outro, embora com visão de adulto consciente, com espírito de criança, coração de menino.

Quando, em 1999, fui participar do lançamento de *O Elo Perdido,* livro de Maria Schaun sobre a origem de nossa família, e esta me falou: "Nelson merece um livro", senti que começava o resgate da memória daquele que deixou grande contribuição, tanto na área educacional, política, como social e cultural de Ilhéus.

Certamente encontramos poucos escritos, talvez mesmo pela natureza da sua atividade – quase dois terços de sua vida dedicados ao Partido Comunista que, por ser ilegal na época, impedia-o de externar suas idéias, obrigando-o a viver na clandestinidade por muito tempo. Aliado a isso, os rascunhos que ele guardava enrolados em forma de canudo e amarrados com cordão, para o livro que publicaria sobre sua vida, foram queimados por parentes, talvez para livrá-lo de mais uma prisão.

Mas, o que importa no momento, é apresentar à geração mais nova, esse ilheense, amante da sua terra, que tanto lutou pelas causas sociais. Por várias vezes declarou que Ilhéus era o melhor lugar do mundo, mesmo tendo conhecido apenas duas capitais, Salvador e Rio de Janeiro. Já naquele tempo, ele batalhava por um mundo mais justo, mais humano e menos desigual, expressão hoje tão usada em todos os discursos que enfocam a cidadania. Era, por natureza, simples e modesto, ao ponto de adotar como pseudônimo *Modesto da Silva*.

Quantas vezes ouvi escritores como Jorge Amado e Adonias Filho dizerem: "Nelson, você deve ir embora de Ilhéus para se tornar um grande escritor". E ele, destituído de qualquer espírito de ambição ou fama, nunca se preocupou em ser famoso. Para meu pai, Ilhéus era tudo e lhe bastava. Por isso, nada mais justo do que a homenagem que essa terra lhe faz, não só por ter nela nascido mas principalmente por ter escolhido este lugar para viver até o fim da sua vida. Nelson Schaun merece o resgate. Deus abençoe todos aqueles que nos ajudaram a lhe render essa homenagem.

Carinhosamente,
Socorro Schaun

POR NELSON: artigos, crônicas e análises

Nelson e Vanja, 10.04.1935

Nelson com Simone, 1939

Vanja, Nelson, Nicolau e Simone, 12.06.1947

Nicolau, Vanja, Nelson, Simone e Socorro, 1957

Vanja e Nelson, 1968

MÉTODOS DE ENSINO
Como ensinar e como aprender a língua nacional

Diário da Tarde,
15.07.38

Simples, claro, isento de todo férreo teoricismo, porém vivo, dúctil, como possível objetivo, deve de ser, ou tem de ser o método para o ensino exato e para a exata aprendizagem da língua nacional.

Esse método, complicado e abstruso, sobretudo enfadonho e estéril, que consiste na exigência rigorosa do puro conhecimento de regras e normas gramaticais, é, de todo ponto condenável e já hoje, condenado por qualquer mediano raciocínio.

Com efeito, de que valem ao indivíduo noções completas da gramática, se lhe não é dado saber concatenar as idéias, coordenar os juízos, expor os pensamentos, usar, em suma, da linguagem, de modo preciso, com expressão nítida, com equilibrada concisão, com a correção muito pura observada e, sobretudo, com perfeita, necessária clareza?...

O que vemos, todavia, ainda praticado em quase todos os estabelecimentos de ensino, primários ou secundários, do Brasil, é a errônea doutrina do ensino e do aprendizado abstratos, confusos, áridos, da lexicologia e da sintaxe com o horror inteiro da divisão e subdivisão da gramática, sem absolutamente nada de objetivo, de útil, de intuitivo.

Incapaz de compreender e discernir, mete-se o desprevenido cérebro a decorrer superficialmente so-

bre as regras, a crua terminologia, os exemplos, a bem dizer, padronizados, estandardizados, para recitá-los, repetí-los passivamente.

E o resultado lógico de tal método é o ilogismo de preparar alunos muito fortes na exposição de toda a gramática, hábeis mesmo na rigorosa discriminação das regras, normas e divisões, subdivisões dos compêndios e, nada obstante, muito fracos, senão de todo negativos, nas comezinhas regras e princípios do falar e do escrever.

Essa não deve, não pode ser, entretanto, a finalidade do ensino, muito especialmente do ensino da língua.

Ninguém, de inteligência esclarecida, ignora que a linguagem é veículo supremo, ou fator por excelência da função social de relação. Quanto mais aperfeiçoada e justa for essa função, mais integrados estarão os indivíduos nos seus humanos destinos e, pois, mais forte, mais digno e consciente será o povo constituído de tais elementos.

Para que, então, corresponda eficientemente à exata utilidade social, o ensino da língua precisa ser ministrado através de orientação mais prática, de cunho mais objetivo, de caráter mais intuitivo, de maneira mais viva e concreta.

Os professores se afincam, obstinadamente, no cumprir e observar os programas oficiais que mandam imprimir a todos os alunos, de quaisquer cursos, classes ou graus, o seco teoricismo gramatical sobre lexicologia, fonologia, taxinomia, camponomia, e mesmo sintaxiologia, história da língua, com os fatos todos, episódios, minúcias e leis que presidiram a todos os fenômenos ou que determinaram todos os casos relacionados com a formação, desenvolvimen-

to e definição do idioma: tudo isso, porém, de modo abstrato, sem atender ao lado prático e utilitário da questão. Como se todos, ao cabo de contas, houvessem de ser, necessariamente, orientados para os destinos e ocupações de puros sábios da linguagem.

Mas, por desengano ou ironia, o comum dos que saem das escolas é dos inadestrados no uso da linguagem, incapazes de redigir, com acerto, uma carta, narração, simples descrição ou dissertação, um ofício, um requerimento, uma petição, seja o que for, inclusive de sustentar uma conversação mais ou menos limpa, expor um fato ou aventurar um ponto de vista, em linguagem oral precisa, clara, compreensível.

Quais as conseqüências lógicas de todo esse despautério e de todo esse absurdo?

É que, dessa verdadeira teratologia pedagógica, decorre a necessidade de superar todo o atraso, toda a deficiência, toda a perda de tempo e esforço, para então conseguir, na vida prática, aprender a objetivar as idéias e vingar um estilo menos ou mais nítido, seguro, no sentido da propriedade, da correção, sobretudo, da justeza da linguagem.

Que importa aos homens, pois, nas diversas, multifárias ocupações, saber quantas e quais foram as fontes lexiogênicas da língua nacional e todas as outras noções abstratas, porventura ganhas nos estabelecimentos escolares, se, em verdade, são eles atirados para os rigores da existência real e trabalhosa, dominados pela imediata necessidade de exteriorizar as idéias, entender e compreender, comunicar os pensamentos de maneira justa e concreta, exercer de fato a suprema função social da relação?

A ATUALIDADE DE HUGO

Revista Seiva,
nº. 2, janeiro de 1939

De Victor Hugo podemos dizer, com inteira propriedade, que vive a existência imortal, através da idéia e do pensamento, que se projetam, reais e sugestivos, pelos dias em fora e pelo futuro a dentro.

Aqui não cabe a expressão vazia e abstrata, o mero dizer por dizer, para efeito literário ou fantasia do espírito. Senão que, em verdade, quanto a Hugo, é falar à consciência e compreendê-lo, senti-lo com a consciência: justa é, pois, e sobretudo exata, a conceituação de imortalidade aplicada a Victor Hugo. Porque Hugo palpita hoje, como viveu ontem e há de fremir, atuar, poderosamente, e profundamente influir nos destinos dos povos, até quando e onde for a história dos povos. Porque a obra de Hugo não pode ser considerada acidente breve e fortuito; mas, realmente, obra definitiva, ampla, consistente e indestrutível. Porque Hugo não foi uma circunstância humana de caráter efêmero; porém, é um fenômeno contínuo, que se prolonga, que perdura e que, por igual, se evidencia numa interação inevitável e total, para que seja lei inequívoca de psicologia político-social.

Pensou com os homens e para os homens que, muito antes dele, tomaram papel na sombria tragédia da vida. Raciocinou, esclareceu, argumentou e discerniu a suprema questão da existência e coexistênca social, e encontrou, para agitar, para viver por todo o

sempre, a verdadeira fórmula capaz de concretizar o ideal de harmonia entre os homens, por todo o minucioso caminhar dos séculos.

Victor Hugo é vivido precisamente hoje, porque agora, mais do que ontem, é ele sentido, como, sem dúvida, será ele melhor e muito mais sentido amanhã, e vivido após, ainda mais longe, muito lá, nos âmbitos da possível felicidade humana e da possível perfeição da sociedade.

Toda a intensa e fecunda obra de Hugo é trabalhada nesse profundo senso do futuro sócio-político da humanidade.

Tomemos, por acaso, uma página de sua obra "mais" prima – *Os Miseráveis*: o capítulo IV do Livro Sétimo da parte terceira:

> *Não deixemos de o repetir: cuidar antes de tudo das multidões deserdadas e dolorosas, aliviá-las, arejá-las, esclarecê-las, amá-las, alargar-lhes magnificamente os horizontes, prodigalizar-lhes a educação sob todas as formas, oferecer-lhes o exemplo do trabalho, nunca o exemplo da ociosidade, diminuir o peso do fardo individual, aumentando a noção do fim universal, limitar a pobreza sem limitar a riqueza, criar vastos campos de atividade pública e popular, ter, como Briaréu, cem braços para estender para todos os lados aos aflitos e aos fracos, empregar o poder coletivo no grande dever de abrir oficinas para todos os braços, escolas para todas as aptidões, e laboratórios para todas as inteligências, aumentar o salário, diminuir a fadiga, balancear o DEVE e HAVER, isto é, proporcionar o gozo ao esforço, e*

a saciedade à necessidade, numa palavra, desembaraçar o aparelho social em proveito dos que sofrem e dos que ignoram; a maior claridade e a maior comodidade, não o esqueçam as almas simpáticas, é o que constitui a primeira das obrigações fraternais; é, saibam-no os corações egoístas, a primeira das necessidades políticas.

E, digamo-lo, isso tudo não é mais que um começo.

A verdadeira questão é: - o trabalho não pode ser uma lei sem ser um direito.

. . . . . .

Se a natureza se chama providência, a sociedade deve chamar-se previdência.

O desenvolvimento intelectual e moral não é menos necessário do que o melhoramento material. Saber é um viático, pensar é de primeira necessidade; a verdade é tanto alimento como o pão. Uma razão em jejum de ciência e de saber, emagrece. Lastimemos, do mesmo modo que o estômago, os espíritos que não comem. Se há uma coisa mais pungente do que o corpo agonizante por falta de pão, é uma alma morrendo à fome de luz.

O progresso pende todo para o lado da solução. Um dia ficar-se-á estupefato. Elevando-se o gênero humano, as camadas profundas sairão naturalmente da zona da aflição. O desaparecimento da miséria operar-se-á por uma simples elevação de nível.

Será um erro duvidar desta solução abençoada.

. . . . . .

Nós cremos – que podemos temer?
As idéias não são mais susceptíveis de recuar de que os rios.
Mas, pensem bem os que não querem nada do futuro.
Dizendo que não há o progresso – não é o futuro que eles condenam, mas a si mesmos. Adquirem por suas mãos uma doença sombria: inoculam-se no passado. Não há senão um modo de recusar o Amanhã – é morrer.
O parto do futuro, o próximo nascimento do bem-estar universal é um fenômeno divinamente fatal.
Os fatos humanos são regidos por imenso avançar do todo, que os conduzem, sem exceção de um só, num tempo dado, ao estado lógico, isto é, ao equilíbrio, à equidade.

Que mais será necessário acrescentar para definir a questão social que agita de presente, a humanidade inteira? E, que outra fórmula sensatamente pode levantar-se, para uma solução racional e justa?

RECEITA DO MUNICÍPIO DE ILHÉUS

Revista Seiva,
nº 8, dezembro de 1940

Temos, no município de Ilhéus, um serviço de estatística que pode ser comparado aos melhores existentes no país. Esse serviço de estatística vem trazendo excelentes resultados, Hoje, já se pode conhecer perfeitamente a verdadeira situação daquele município. Já existem dados capazes, também, de se proceder a uma analise objetiva sobre as suas possibilidades, como sobre as suas necessidades.

Agora mesmo foi publicada uma estatística comparada da receita do município, com a receita de dez capitais brasileiras. Esta faz a seguinte discriminação.

Municípios	**1938**	**1939**
Ilhéus	3.156:512$550	3.713:634$129
Maceió	3.018:000$000	2.913:600$700
Vitória	2.874:597$000	3.445:357$000
Aracaju	2.263:884$700	2.536:933$300
Natal	2.043:849$000	2.037:024$000
Florianópolis	1.851;593$023	1.936:391$000
João Pessoa	1.775:798$099	2.087:320$450
Terezina	1.098:451$400	1.211:593$500
Cuiabá	691:011$000	643:693$000
Goiânia	627:681$000	851:439$000
Rio Branco	453:119$500	519:684$700

Vê-se clara e perfeitamente a superioridade das rendas de nosso município, em relação às rendas destas dez capitais de Estados. Com efeito, se se tomar como

exemplo o ano de 1939, a receita de Ilhéus tem uma diferença para mais de 800:020$427 em relação a Maceió; de 268:277$129 em relação a Vitoria; de 1.777:363$129 em relação a Florianópolis; de 1.626:313$679 em relação a João Pessoa; de 2.502:040$629 em relação a Terezina; de 3.069:941$129 em relação a Cuiabá; de 2.862:194$429 em relação a Rio Branco. No entanto, essas capitais têm seus serviços de transportes desenvolvidos, têm colégios; têm as suas faculdades superiores; têm perfeito serviço de água, esgoto, telefones, bondes e iluminação elétrica; têm, enfim, todos os requisitos de civilização, equivalentes à sua importância e ao seu desenvolvimento. Goiânia, por exemplo, tem um índice de construção de dois prédios por dia. Em seis anos, apenas, possui 3.349 prédios urbanos. Mas, não progrediu apenas no plano de construções. Diz certo comunicado telegráfico:

> *Ela se apresenta não só com avenidas modernas, artisticamente ajardinadas, como também ostentando varias instituições de cultura histórica, filosófica, literária, educativa e em estabelecimentos modelares, culturais, esportivos, filantrópicos, artísticos e sociais.*

Além disto obedece a um perfeito plano de urbanização e de engenharia sanitária, tendo, também, "hospitais, leprosário, casas de saúde perfeitamente aparelhadas, estabelecidas mais pelo interesse de servir bem, que pela vaidade de ostentar vistosos e caros instrumentos". Maceió tem a sua Faculdade de Direito e está com o seu porto quase concluído, com ótimo aparelhamento. A Paraíba tem, em Cabedelo, um

porto que satisfaz plenamente as suas necessidades, e Vitória falta pouco para terminar a construção do seu. Cada uma destas capitais se acha servida também por boas estradas de ferro e um parque industrial em franco progresso.

E Ilhéus? Uma escola normal, um colégio secundário, algumas escolas primarias, sem o necessário aperfeiçoamento, como também sem o devido material pedagógico. O serviço de iluminação é o pior possível. O serviço de telefones também. Não há organização de transportes urbanos. O serviço de água e esgoto ainda deixa muito a desejar. É servida por uma das piores estradas de ferro que existem no Brasil. A empresa exploradora é a *The State of Bahia South Western Railway Co. Ltda*. Tratando do problema dos transportes no sul do Estado assim se expressou o sr. Tosta Filho sobre essa estrada de ferro:

> *o desenvolvimento dos transportes não foi além de uma rudimentar ferrovia que se limitou a tocaiar a produção em determinados pontos obrigados de concentração, deixando nas faixas produtivas, cujo cacau chegava às suas estações enormemente onerados pelo custo do transporte primário, feito em lombo de burro, para depois ainda pagar fretes mais altos que em qualquer ferrovia do país.*

Aliás, uma coisa que sempre desejamos foi fazer uma apreciação geral e minuciosa sobre essa empresa estrangeira. No entanto, nunca nos foi possível fazê-lo. Nunca encontramos uma só publicação a respeito dos balanços, como também de suas contas de lucros e perdas. Sabemos que essas publicações foram sempre feitas em Londres e por lá ficavam. Mas,

agora, talvez a situação se modifique com a nova lei sobre as sociedades anônimas. Essas empresas estrangeiras que estavam habituadas ao regime de dupla contabilidade, não poderão mais furtar-se ao dever de dar ao público todos os esclarecimentos necessários sobre as suas atividades. Além disto, seria preciso certas medidas no sentido dessa empresa melhorar as condições de seu material de locomoção e diminuir as suas tarifas. Ou então, proceder-se à rescisão do contrato e, por sua vez, a sua incorporação ao patrimônio nacional.

A situação do porto de Ilhéus é, talvez, ainda mais lastimável. Cerca de 200.000 sacos de cacau se encontram depositados em armazéns onde se pode dar a deterioração do produto, aguardando transporte. A barra se acha obstruída. E o comércio exportador do sul do Estado está quase, por assim dizer, paralisado. No entanto, dado o volume de exportação de cacau pelo porto de Ilhéus, era de se esperar que esse porto fosse um dos mais bem aparelhados não só do Estado, como do país. Veja-se que o cacau ocupa o terceiro lugar na balança comercial do Brasil. Mas agora que se acham em estudo alguns projetos de desenvolvimento dos portos do país, é de se esperar que o sul baiano seja olhado com o devido interesse. É preciso um porto modernamente aparelhado para satisfazer às necessidades da região mais progressista do Estado. É preciso que se observe que o contrato de exploração do porto de Ilhéus já caducou de há muito. As suas cláusulas nunca foram cumpridas devidamente. Aliás, esta questão foi verificada pelo sr. José Américo, quando ministro da Viação. É preciso, pois, uma reforma total e definitiva neste problema.

Não há, tão pouco, no município, uma só escola tipicamente rural. No entanto, é uma necessidade. Trata-se de uma localidade que faz parte de uma região essencialmente agrícola. E o preparo técnico pelas escolas rurais seria de ótimo resultado prático. Veja-se o exemplo de Blumenau, no Estado de Santa Catarina: agora mesmo inaugurou a sua Escola Agrícola Municipal. O município de Ilhéus, também, poderia ter a sua. Essa escola poderia ter por finalidade difundir o ensino agrícola em todo o sul do Estado. Sabendo-se o quanto é necessária a difusão do ensino especializado dos vários ramos da agricultura, poderia ser instalada uma *Escola Agrícola de Curso Primário e Médio* pelo Instituto de Cacau, com a cooperação do governo estadual, dos prefeitos dos diversos municípios e das Associações e Sindicatos de Agricultores do Sul do Estado. Seria um empreendimento valioso para o mais amplo desenvolvimento da agricultura no sul do Estado, como de seu maior aperfeiçoamento técnico. Isto não só em referência ao cacau, como também para garantia no estabelecimento da policultura. Em se tratando do cacau, veja-se o que se tem feito em Cuba com um outro produto agrícola. Sendo Cuba um país cujo produto principal é a cana de açúcar, hoje a grande maioria de seus técnicos em agricultura são técnicos especializados em cana de açúcar. São agrônomos açucareiros. No sul do Estado podia-se fazer o mesmo: formar técnicos cacauicultores. É preciso que se observe o que diz o sr. Tosta Filho: "O Instituto de Cacau encontrou a agronomia brasileira sem um só técnico de cacau, não obstante a ancianidade do *Theobroma* no país e o vulto crescente de sua exportação". Acrescenta ainda o mesmo técnico:

Tirante o sr. Bondar e dois ou três estudiosos locais cuja capacidade pessoal permitiu-lhes acumular um grande acervo de conhecimentos, de certo cunho científico, os produtores, em geral, quando meditam sobre os aspectos técnicos do cacau fazem-no na base de uma observação toda subjetiva, mercê da qual acreditam, não raro, nas mais absurdas normas a par de interessantes e talvez verdadeiríssimas observações, tudo, porém, sem sistematização e controle positivo.

Diante destas afirmações de um técnico reconhecido como o sr. Tosta Filho, vê-se que domina, na cultura do cacau, o mais triste empirismo. Portanto, não há outra solução, senão a fundação de uma escola para formar técnicos. Só assim se poderá chegar à "obtenção do *melhor produto pelo menor preço*, com o máximo de vantagens assegurado aos legítimos produtores que são os lavradores, os que amanham a terra".

Mas, voltemos à nossa análise sobre a receita do município de Ilhéus. Vimos que a sua receita em 1938 foi de 3.156:512$550 e, em 1939, de 3.713:634$129. Durante esses dois anos a receita arrecadada no Estado foi de 109.579:400$000 para 38 e de 106.840:000$000 para 39. Tomando-se, por exemplo, o ano de 1939 e dividindo-se o total da arrecadação pelos 150 municípios existentes no Estado, caberá, para cada um, uma receita de 712:266$666. Estamos fazendo uma divisão eqüitativa, somente para a comprovação dos dados estatísticos. Então, sabendo-se que Ilhéus contribui, como já observamos, com a receita de 3.713:634$129, vemos que ele contribui com cinco vezes mais que aquela percentagem e ainda res-

tando 152:300$791, quantia essa que é mesmo superior à arrecadação de muitos municípios baianos. Ora, isto acontecendo, é justo que, pelo menos, os problemas mais urgentes, a nosso ver, são os seguintes: o financiamento da lavoura, o escoamento da produção de cacau, a orientação técnica da cultura, a construção do porto, o melhoramento no sistema de transportes ferroviários e marítimos, e certa complacência na arrecadação dos impostos. É de se ver que todas essas medidas não têm caráter absolutamente municipal, mas um caráter regional. Todas elas vão ao encontro das necessidades imediatas de todo o sul baiano. E não será exagero dizer-se que o sul do Estado até agora tem sido relegado ao mais exclusivo abandono. Sabe-se que somente cerca de 1 a 1,5 por cento das arrecadações estaduais e federais têm sido, até agora, revertidos em seu benefício. Há necessidade de que essa situação se modifique. Não pode mesmo continuar. Satisfazer às reivindicações do sul baiano, constitui o resgate de uma longa dívida do Estado e da Nação para com esta região que tem um patrimônio que representa o maior sustentáculo da vida econômica e financeira da Bahia.

COMO VÃO OS INTELECTUAIS PELO MUNDO

Revista Seiva,
nº 8, dezembro de 1940

Procurando-se ver a posição dos intelectuais em face do conflito atual em todo o mundo, verificamos que ela é a pior possível. Em todos os países processa-se um tolhimento completo da liberdade de pensamento! Nos fascistas, há muito que ela não existe. Nos "democratas" diretamente envolvidos pela guerra, atualmente, este esmagamento chega às raias do absurdo. Nos demais países, o fenômeno obedece ao sentido dos bandos beligerantes, por isso que há uma dependência forçada entre todos eles.

Na França e na Inglaterra, falando somente dos países "democratas", a repressão aos intelectuais tem sido extraordinária. Centenas deles encontram-se jogados nos campos de concentração ou nas prisões, quando não foragidos. Escritores que honram a cultura contemporânea consomem-se em cubículos, com o pensamento enjaulado!

E, por que tudo isso?

Será que a cultura é hostil à guerra? Será que só há lugar para um?

Será que esses intelectuais se tornam inconvenientes, dizendo coisas prejudiciais aos interessados na guerra?

Que será?

AS REIVINDICAÇÕES DA LAVOURA CACAUEIRA

Revista Seiva,
nº 8, dezembro de 1940

Sabe-se que o cacau é a nossa maior riqueza. Se a Bahia pode dizer que exporta para mais de 100 produtos, também não é menos verdade que o cacau é o único produto que pesa realmente em sua balança comercial. Os outros produtos são, apenas, satélites deste grande astro. E baseamos as nossas afirmações em dados estatísticos. É que o valor da estatística é insofismável. Por ela pode-se perfeitamente avaliar a situação de uma nação, o progresso de um povo.

O cacau em nossa balança comercial

Então cabe-nos fazer um paralelo, embora ligeiro, para demonstrar a supremacia do cacau em nosso comércio exportador. E, portanto, como riqueza. Basta um exemplo. E para isto escolhemos justamente três produtos também agrícolas, o café, o algodão e a cana de açúcar. O valor comercial da exportação destes três produtos em 1939, foi de 23.147.717$400 para o café, com 230.102 sacos de 60 quilos; de 1.561:005$000 para o açúcar, relativo a um total de 151.93 sacos de 60 quilos.

Enquanto isto, o cacau contribuía com a exportação de 2.208.117 sacos, os quais, reunidos aos

46.746 sacos industrializados no Estado perfazem um total de 2.254.863 sacos de 60 quilos. E, com referência ao valor, essa exportação atinge a soma de 223.907:635$300. Vê-se assim a desproporção notável de um para outros produtos. É preciso notar ainda que para aquele ano de 1939, três fatores já influíam poderosamente sobre a lavoura cacaueira: a segunda guerra imperialista tirando-lhe todo o mercado europeu que absorveu ainda em 39 o total de cerca de 741.029 sacos; a oscilação contínua dos preços já começou; os Estados Unidos, o maior comprador, com 1.451.900 sacos estão aproveitando as conseqüências da guerra para impor preços ao seu livre arbítrio, por não haver mais concorrência no mercado internacional. A este fator ajuntou um longo período de estiagem, que produziu uma redução global de 350.000 sacos, tomando-se como referência a safra de 1938 que foi de 2.230.803 sacos.

Não queremos dizer que esses fatores não hajam influído também naqueles outros produtos, como, aliás, em toda a produção baiana. Mas, em que não resta a menor dúvida é a predominância, quase absoluta, ou mesmo absoluta, do cacau em nossa balança comercial de exportação. E assim como o cacau se tornou essa riqueza, assim também os outros produtos podiam se tornar. O nosso solo é, neste particular, de ótima qualidade. Que determina, então, esse atraso? É preciso que se investigue. Não se pode é continuar assim por toda a vida. Para a lavoura cacaueira chegar ao que é hoje não contou com nenhum auxílio, nem gozou de nenhum amparo. Fez-se por si mesma. Fez-se pelo esforço titânico dos que desbravaram a terra. [1]

O despertar das forças da lavoura cacaueira

Mas além desta exceção profundamente acentuada, há ainda outras que merecem a nossa atenção. Vejamos esta por exemplo: o despertar das forças da nossa lavoura que primeiro despertou no presente para tratar de seus interesses e pugnar pelos seus direitos.

A lavoura da Bahia havia perdido mesmo a sua voz potente dos tempos passados. Não mais se viu uma exposição clara como aquela feita pelos princípios do século XIX e que passou para a história com o nome da *Cartas Econômicas e Políticas*. As lutas da independência se corporificaram e partiram dos núcleos açucareiros do Recôncavo. É preciso que se veja com carinho o que representou a civilização da cana de açúcar nas lutas pela nossa emancipação. Os nossos historiadores ainda se encontram muito preocupados com datas e nomes próprios. Achamos que os fatores históricos têm mais importância. E esses estão ainda aí à espera de uma interpretação honesta e sincera. Só assim se poderá admirar, como é preciso, a nossa herança. E isto será um guia para o futuro. É que representa um importante instrumento de compreensão e de reconstrução da realidade nacional.

Mas, surge 1930. E desse ambiente de efervescência, iniciou-se uma renovação. E as nossas forças da lavoura despertaram de seu longo sono. Já agora o movimento da lavoura baiana vem surgir no sul do Estado. São os lavradores de cacau que tomam a iniciativa de fundar uma organização de defesa. Depois de muita luta foi criado o atual Instituto de Cacau. Estava assim vitoriosa a campanha.

Novo movimento da lavoura

A lavoura parecia, com a vitória desse movimento, voltar à calma antiga. Mas aqui e ali, foram surgindo vozes descontentes. E isto foi se corporificando. Artigos em jornais. Debates nas associações de classes. Conferências. Entendimento entre grupos. Com isto, todos vieram a saber que sentiam as mesmas coisas, os mesmos desejos e as mesmas necessidades. Então, por fim, um novo movimento. Não sabemos se foi porque o Instituto não tivesse cumprido as finalidades, ou se foi por outras razões. Razões é que deviam existir.

E o que é certo é que as associações levantaram as questões e as questões foram unanimemente aplaudidas pela lavoura. Dentre outras coisas trataram do problema de transporte, do porto de Ilhéus, da moratória e da redução dos juros da carteira de Crédito Agrícola do Banco do Brasil. E conseguiram realizar, embora em parte, as suas aspirações mais sentidas, como a moratória e redução de juros do financiamento rural.

Um caso digno de nota é que essa Carteira de Crédito Agrícola até antes deste movimento de reivindicação, ainda não havia operado com a lavoura de cacau. O que quer dizer: a Bahia ainda não havia sido contemplada com a proteção à lavoura. E o número de créditos rurais no país, no ano de 39 era de 4.272, no montante de 315.000 contos. Aliás, é uma quantia insignificante para um país que ainda baseia a sua economia na agricultura. Veja-se que o Banco do Brasil é o maior estabelecimento de crédito existente em todo o país. Observa-se isto: o Brasil tem ao todo 1.547 municípios. Divida-se o número de financiamentos rurais e o valor dos empréstimos, pelo

número de municípios. Caberá a cada município, respectivamente, cerca de dois financiamentos de 200 contos e pouco. Mas, se soubermos que, conforme apurou o recenseamento de 1920, havia em todo o país 648.153 estabelecimentos rurais, temos a importância de 490$566 para cada um. Podemos prever que em 20 anos haja se dado uma certa divisão da propriedade. Essas revelações servem, pelo menos, para se ter uma idéia de como estamos longe de realizar um perfeito financiamento da lavoura. E, principalmente, em se tratando do norte. Segundo as estatísticas, as percentagens em 38 e 39 para esta região foram apenas de 28%.

Os efeitos da segunda guerra

Veio a segunda guerra mundial. Os seus efeitos logo se fizeram sentir sobre todos os povos. É que ela é uma guerra internacional de luta por mercados. Sobre o nosso país os seus efeitos foram rápidos e imediatos, pesando sobre a nossa economia. O nosso comércio exterior ficou profundamente abalado. Perdemos quase todos ou todos os mercados europeus. Pelo menos os melhores. Veja-se que foram vendidos produtos nos oito meses do ano passado anteriores à guerra no valor de um milhão, 351 mil e 778 contos. Estes números dão uma perfeita compreensão dos nossos prejuízos. Convém notar ainda que nos meios financeiros, não só nacionais como internacionais, calcula-se os nossos prejuízos, para este ano de 1940, em cerca de 50 milhões de dólares. Isto mostra claramente que o Brasil ainda é um país essencialmente dependente. Ainda somos um povo exportador de matérias primas.

Em se tratando da Bahia, a situação é realmente desesperadora. O cacau entrou em crise. Além de perder os compradores europeus, caiu nas mãos de grupos financeiros norte-americanos. E esses grupos estão aí no comércio exportador impondo os preços que bem entendem. Estão se aproveitando admiravelmente da nossa situação de dependência. E não somente isto. Mas, também, querendo intervir e mesmo deliberar sobre os nossos problemas. Veja-se a circular do dia 29 de agosto deste ano, da *Câmara Americana no Brasil*. (2) E isto tudo é porque ainda existe uma chamada política de *boa vizinhança*. Aliás, essa política está tomando um rumo que não nos parece interessante. Segundo o sr. Edward Jonhson, vice-presidente da *Western Newspaper Union*, organização que controla nada menos de 15.000 jornais norte-americanos, os princípios de boa amizade e de boa vizinhança, "são elementos essenciais ao desenvolvimento das relações econômicas".

Mas a crise não atingiu somente o cacau. O fumo, também, está em crise. Não encontramos compradores. Os maiores compradores eram os países europeus. No entanto, a Inglaterra fez um bloqueio econômico dizendo ser para "salvaguardar o destino dos povos". Sabemos muito bem o que isto significa... O único resultado foi o que já esperávamos: todos os mercados importadores desapareceram. Hoje as dificuldades dominam inteiramente a economia fumageira. E isto não acontece somente com estes dois produtos. A crise atinge toda a lavoura. É uma situação agonizante. A asfixia é geral. É uma apreensão lastimável que todos sentem e domina todos. Até onde vão os efeitos da guerra...

Os lavradores de cacau querem um empréstimo

E, diante desta situação, os lavradores de cacau clamam por novas providências. De novo se movimentam. Querem um empréstimo para amparo da lavoura. E a questão já se acha bastante encaminhada. O movimento é unânime. E com essa unidade de forças e de aspirações, cremos ser vitoriosa a pretensão. Sim, porque além de tudo é a mais justa. É a primeira vez que a lavoura do cacau, que já tem contribuído tanto para o progresso do Estado, exige um empréstimo. Vê-se que a situação é excepcional e nunca vista. Ora, assim sendo, não há como negar. Negar seria um crime. Conceder, será o maior ato de justiça. E de direito. E de humanidade. É salvar uma riqueza nacional. Proteja-se, pois, em todo o sentido, os nossos capitais. Sim, amêndoa de cacau é capital. A lavoura também. E a terra do mesmo modo. Veja-se ainda que se trata do terceiro produto da exportação brasileira. E os prejuízos registrados são realmente graves.

Mas, segundo consta, há um impasse: concede-se o empréstimo, mas com a condição de ser acrescido um imposto de garantia. Os lavradores não se conformam com esta medida. Alegam, muito justamente, que os impostos que pesam sobre a lavoura cacaueira são bastante acentuados. E dessa maneira, vai sobrecarregar o produto. Na verdade não deixa de haver motivos fortes. Sabe-se que cerca de 25% do valor da produção é absorvido anualmente pelos impostos. Significa que, em quatro safras, uma safra é levada por conta da tributação. Ora, não resta a menor dúvida de que assim pode ser onerada profundamente a lavoura.

Outras reivindicações da região cacaueira

Não ficam somente neste ponto as pretensões dos agricultores de cacau. Vão mais além. Desejam a construção do porto de Ilhéus, com a desobstrução da barra. Um jornal da região assim se expressa:

> *O espetáculo de navios ancorados ao largo, esperando o bom tempo ou enchente da maré já é coisa bastante comum e fala por si mesmo, sem precisar de outros comentários. Esperamos até agora a vinda de draga mais possante, obras fixas que nos livrem de estranho bloqueio que só traz prejuízos de toda ordem.*

É mais um problema a resolver. Mas, não fica nisto. Procuram a redução dos impostos. Há a questão do imposto de cais. Em resposta a esse movimento, o Departamento Administrativo do Estado afirma o seguinte à *Associação dos Agricultores de Ilhéus*:

> *...Tenho a satisfação de participar-vos que, consoante o deliberado por este Departamento, esta presidência, nesta data, teve entendimento pessoal, com o interventor Federal no Estado, do que resultou a declaração, por sua excelência feita, de que a suspensão da cobrança referida se efetivará em 1º de setembro próximo.*

Vê-se que mais uma nova reivindicação da lavoura deve ter sido satisfeita. Ainda há mais: toda a zona cacaueira vem reclamando contra o fisco. Já foi permitido um decreto com fim de melhorar a situação. Mas, enquanto isto, o clamor continua. Os co-

merciantes desta zona, que são, em sua maioria, também agricultores, expressam a seguinte queixa do município de Rio Novo:

> *Multas escorchantes impostas comércio praça Barra do Rocha e Dois Irmãos pelo fisco estadual, preste execução, ameaçam falência total comércio. Edizio Muniz multado mais de setenta contos de réis, Antônio Mota 120:000$000, Otávio Ribeiro 30:000$000, Arnaldo Rocha 50:000$000, ainda muitos outros também quantias elevadas. Atendendo situação desesperadora atravessa comércio motivada principalmente diminuição produção cacau e conseqüente desvalorização produto, rogamos na qualidade de sócios desta associação, valiosa intervenção junto governo a fim nos permitir pagamento imposto com dispensa multas.*

A referida Associação imediatamente pediu providências ao governo estadual nestes termos:

> *Atendendo situação gravidade crise atravessa zona cacaueira, solicitamos governo vossência suspender executivos fiscais estão arrastando estado penúria pequenos lavradores com perda suas propriedades, meios subsistência, efeito arrematação praça referidos bens, fato esse vem produzindo pior impressão público.*

O apelo é o mais justo. Merece ser levado em consideração.

A questão dos transportes no sul do Estado

Se não nos falha a memória o sr. Tosta Filho, em conferência realizada no *Sindicato dos Agricultores de Cacau de Ilhéus*, afirmava, com a sua autoridade, que um dos principais problemas da zona cacaueira era o problema dos transportes. E, na verdade, é isto mesmo: os transportes na zona sul são deficientes e caros. Há a questão do transporte marítimo. Em 1932, o Lloyd Brasileiro estudou a possibilidade de fazer, com a sua frota, a exportação direta do cacau. No entanto, teve que afastar-se dessas cogitações, diante da impossibilidade da entrada de navios de grande calado no porto de Ilhéus. Procurou-se, então, adotar o sistema de tráfego mútuo, com os navios da Cia. Bahiana. Mas, isto não foi avante e praticamente não resolvia. Hoje a situação é cada vez pior. Há o transporte rodoviário. Esse é o que, apesar de tudo, melhor satisfaz às necessidades da zona. Há o antiquado transporte no lombo de burro. Mas, enquanto não se resolver coisa melhor, ele continua... Há ainda o transporte ferroviário. Este é deficiente, moroso e desorganizado. As tarifas são das mais elevadas. O material ferroviário é pior do que se possa imaginar. Não se fazem melhoramentos nas linhas, nem tão pouco se adquirem novos materiais de locomoção. Esse serviço está a cargo da chamada *Companhia Estrada de Ferro de Ilhéus a Conquista*, mas que não passa de um dos muitos ramos do grande *trust* inglês *Western* que explora estradas de ferro em quase todos os países do mundo. As suas receitas são sempre crescentes, os lucros são verdadeiramente assombrosos, mas não se faz nenhum melhoramento. Todos os lucros são canalizados para o escritório central em Londres.

Mas, agora, o governo vem nacionalizando várias empresas estrangeiras que existem em todo o território nacional. Temos o caso da expropriação da *Port Of Pará* que, além de tantas outras coisas, havia recebido indevidamente, do Tesouro Nacional a notável soma de 354.934:381$000. Aí está a encampação da *Amazon River,* por não vir atendendo ao interesse público e haver exposto "inexequibilidade de qualquer contrato a que não fosse assegurada uma subvenção anual nunca inferior a 6.500:000$000 ou novo aumento de fretes e passagens". Agora mesmo, foram incorporados ao patrimônio da União os bens e direitos existentes, em território nacional da *Brasil Railway Company*. Assim acontecendo, não seria demais se proceder um estudo da verdadeira situação da *Estrada de Ferro de Ilhéus a Conquista*. Seria mais uma reivindicação conquistada, não só pela zona cacaueira, como também pelo próprio patrimônio nacional. Essas soluções, como bem afirma o sr. ministro Mendonça Lima, são as soluções convenientes à Nação. É livrar o interesse coletivo das manobras de certos grupos financeiros. Aliás, aqui em nosso Estado, temos mesmo o exemplo da *Leste Brasileiro* tomada de um grupo financeiro francês. Já é tempo de se dizer: basta de tanta especulação.

Classe que se organiza, é classe que reivindica direito

Está aí porque a classe produtora do sul do Estado vem conquistando as suas reivindicações mais sentidas: porque se organizou. Com efeito, há, na zona sul, uma das maiores organizações da lavoura em todo

o país. Temos em Ilhéus uma Associação de Agricultores, um Sindicato de Agricultores de Cacau e duas Cooperativas Agrícolas. Em Itabuna há uma Associação, um Sindicato de Pequenos e Médios Agricultores. No município de Itapira há um Sindicato de Agricultores de Cacau e outro no município de Rio Novo. Canavieiras, Belmonte têm também as suas Associações. E tudo isto ontem, como hoje, se movimenta unificado para defesa dos direitos da lavoura. Já compreenderam que só no movimento e com o movimento pode haver vida. E dizer vida, é dizer realização, é dizer melhoria de condições. Assim a lavoura de cacau é hoje um todo consciente de sua força. Só nas coisas que se acham a si mesmas, é que se conhece o verdadeiro valor. E as forças vivas só se formam por esse processo.

Exemplo a ser imitado

Se isto acontece com a lavoura cacaueira, é justamente o que não se dá com as outras forças da lavoura do Estado. Vemos os lavradores de fumo, depois que iniciou essa nova guerra imperialista, passando pela maior crise conhecida. A cultura de mandioca, que se desenvolvia rapidamente, já se encontra asfixiada com a brusca e injustificável redução de preço de 400 réis para 100 réis. E os plantadores de cana? E a mamona? E os fazendeiros de café? E os pobres agricultores do Nordeste e do São Francisco?

Mas ninguém se organiza, ninguém se movimenta. Mesmo observando como estão sendo satisfeitas as reivindicações dos agricultores do cacau. Vão deixando para amanhã... E a situação vai piorando cada

vez mais. Não vemos como não imitar os agricultores do sul do Estado. Basta tão somente imitar. É um exemplo a ser seguido. É um justo programa. É programa que deve ser atacado imediatamente pelos próprios agricultores, a fim de que o governo fique realmente ciente de suas necessidades para que possa dar solução adequada a todos os grandes problemas da lavoura baiana. Isto se chama cooperação. E a "cooperação é", agora, mais do que nunca, como já afirmou certo jornalista baiano, "empenho de que o Estado precisa para o seu progresso e para a ampliação da órbita econômica".

(1) Temos neste sentido, o depoimento insuspeito de um grande técnico, Gregório Bondar. "Não foram os efeitos de braço estranho, não o ouro de abastadas bolsas, não foi o amparo de governos fortes, mas a constância de modestos homens, a intrepidez do trabalhador patrício, cujo único capital constituía nos seus braços, quem a fez triunfante".

(2) Levanta um apelo aos capitais americanos existentes no país, a fim de estarem atentos a "uma guerra econômica americana ocidental". Em seguida, a Circular acrescenta ser um verdadeiro "dever patriótico" de toda firma, de toda empresa, de toda organização americana mandar representantes às sessões da referida Câmara do Comércio.

O APROVEITAMENTO DO CACAU NA ECONOMIA DOMÉSTICA

Revista Seiva,
nº 8, dezembro de 1940

O nosso país é o segundo produtor de cacau no mundo. O cacau ocupa o terceiro lugar em nossa balança comercial e de exportação. A Bahia é o principal Estado produtor.

Mas, não se compreende ainda de maneira nenhuma, o valor do cacau como alimento. Até agora só se conhece o seu valor como produto comercial. E nada mais. Esta é a verdade. Principalmente em nosso Estado. E de modo particular na própria zona cacaueira. A prova do que afirmamos é que quase não existe o interesse pelo seu consumo. É muito pouco o seu aproveitamento na economia doméstica. Pode-se dizer que esse aproveitamento é mesmo de todo insignificante. Só se pode compreender essa situação por dois fatores: ou a falta de conhecimento, ou a falta de iniciativa.

Muito poucos dos que se dedicam a esta lavoura usam o chocolate e outros produtos do cacau. Em sua mesa, o cacau não se encontra. São poucos, tambem, os que sabem se aproveitar de seus sub-produtos. No entanto, esses sub-produtos são de alto valor e mesmo de consumo assegurado. Onde se cultiva o chá, há sempre um grande consumo do produto. Onde existe a erva-mate, encontra-se o chimarrão em cada casa, mesmo nas mais humildes. Nas fazendas de café, a sua bebida é de todos a preferida. Porque não acon-

tece o mesmo com o cacau? É um grande erro que isto se dê. Nem o chá, nem o mate, nem o café têm o poder alimentício do cacau. Portanto, vamos generalizar ou, melhor, popularizar o seu consumo. Em cada fazenda. Em cada cidade. Em cada casa. É preciso que se trate da fabricação caseira do chocolate. É preciso que se fabrique a geléia, o doce, o licor de cacau. São esses os seus principais produtos e sub-produtos. Procuremos fazer o seu aproveitamento na economia doméstica. É preciso que se aprenda a consumí-los. E sempre e cada vez mais. O seu valor nutritivo é inestimável. É preciso que se tome um novo rumo. O que é perfeitamente determinado não só por esse alto valor nutritivo do cacau e de seus sub-produtos, como também pela necessária ampliação do mercado interno. Será uma nova forma de consumo. Observe-se que essa segunda guerra imperialista paralisou quase completamente o nosso mercado exportador. Os seus efeitos têm sido profundos para a nossa economia. Será uma maneira fácil e acessível para uma melhor alimentação no Estado, que, como na zona sul é ainda um problema. É a mais precária possível. O cacau pode atenuar essa sub-alimentação. É uma valorização do produto. É uma melhoria nas condições de vida.

AS INVERSÕES INGLESAS NO MUNDO

Revista Seiva,
nº 8, dezembro de 1940

Com o termo INVERSÃO designa-se o capital invertido em uma fábrica, nas obrigações de um empréstimo, em ações, etc.

Nas relações internacionais, as inversões das grandes potências capitalistas em outros países desempenham um grande papel. Estas inversões podem ser de diversas formas. Os capitalistas de um país, ou fazem um empréstimo a outro país, ou adquirem ações em empresas do estrangeiro. As inversões de capitais de uma potência capitalista em outro país ficam ligadas à influência dos imperialistas estrangeiros na política desse país, nas suas relações internacionais e, também, freqüentemente, no regime e na situação do povo.

A Inglaterra possui as maiores inversões de capitais no estrangeiro. Os imperialistas britânicos utilizam suas inversões para exercer pressão sobre os governos de outros países, para alentar uma política reacionária, para arrastar os pequenos países à guerra.

A soma total de inversões inglesas no estrangeiro, ascendia em começos de 1939 a três bilhões e 292 milhões de libras esterlinas. O lucro dos capitalistas ingleses nestas inversões pode ser avaliado em 165 milhões de libras esterlinas, em 1938.

A massa fundamental dos capitais ingleses no estrangeiro se encontra invertida em empréstimos estrangeiros a estados e municipalidades, chegando

a um bilhão e 935 milhões de libras esterlinas.

As inversões das sociedades inglesas que funcionam no estrangeiro somam 1.200.000.000 de libras esterlinas.

Finalmente, 685 milhões de libras esterlinas estão invertidas em sociedades estrangeiras nas quais a administração não se acha inteiramente concentrada em mãos britânicas, porém, estão fortemente influenciadas pelos capitalistas ingleses.

AO POVO DE ILHÉUS

Diário da Tarde,
10.06.1947. Pág. 4

Primeira das quatro liberdades fundamentais da democracia, na opinião de Roosevelt – o grande cidadão da humanidade -, a livre manifestação de pensamento é um direito assegurado a todos os povos civilizados. O parágrafo 5º do artigo 141 da nossa Constituição garante a liberdade de imprensa como conseqüência da liberdade de expressar o pensamento. Qualquer atentado à liberdade de imprensa representa, por conseguinte, um golpe contra a democracia.

O Momento, órgão da imprensa baiana nascido desse clima de liberdade, é um dos jornais criados e mantidos pelo povo para sua legítima defesa. Poucos foram, no nosso Estado, os que deixaram de contribuir para a instalação e ampliação desse jornal. Ilhéus, mesmo, participou entusiasticamente, da sua campanha, a Campanha Pró-Imprensa Popular.

Vinha *O Momento* cumprindo vigorosamente sua tarefa no caso de Ilhéus e da zona cacaueira, todo o povo pode verificar o grande interesse com que *O Momento* vinha debatendo seus problemas vitais, como a solução do angustioso problema do Porto de Ilhéus, a encampação, pelo governo, da Estrada de Ferro Ilhéus/Conquista, a melhoria dos serviços de luz e força, a participação dos cacauicultores na direção do I.C.B. e o desenvolvimento da industrialização do cacau na região produtora, além do corajoso apoio a todas as

campanhas reivindicadoras dos direitos dos trabalhadores da cidade e do campo, no patriótico intuito de melhorar as condições de vida das classes mais humildes.

No âmbito nacional, vinha *O Momento* defendendo a exploração de nossas riquezas no interesse do desenvolvimento e independência econômica de nossa Pátria, libertando-a do capital colonizador estrangeiro, interessado em nosso atraso e na manutenção dos restos fascistas enquistados no governo, grupo interessado na liquidação da democracia e implantação de uma ditadura em nossa Pátria, grupo esse responsável, desde há tempos, do Estado Novo, por esta situação de miséria em que se encontra o povo brasileiro, vítima da inflação que continua insolúvel ante a incapacidade dos responsáveis pela administração pública.

Temporariamente estamos sofrendo um recuo no nosso processo democrático. Assim, é que assistimos a atos atentatórios à Constituição serem perpetrados. E, porque *O Momento*, como um órgão da imprensa popular, vinha denunciando esses crimes, provocou a sanha reacionária de alguns elementos do grupo fascista já referido, que invadiram e depredaram esse vibrante órgão da imprensa bahiana, ferindo a liberdade de imprensa e praticando, assim, mais um atentado à Constituição. Contra esse ato de vandalismo, estão todos os democratas e toda a imprensa do país.

Cumpre a todos os democratas, independente de filiação partidária, a tarefa de reconstruir *O Momento*. E, confiantes de que essa tarefa é compreendida por todo o povo, apelamos para todos os fazendeiros, comerciantes, industriais, donas de casa, inte-

lectuais e trabalhadores em geral, enfim, todos os que sentem a necessidade de uma imprensa livre, para que, por todas as formas ao seu alcance, contribuam organizando listas e remetendo quantias às Comissões de Ajuda mais próximas para a mais breve reconstrução do diário do povo *O Momento*.

Tudo pela imediata reconstrução de *O Momento*.

Aulo de Carvalho
Carlos Pereira Filho
Antônio Viana Dias da Silva
J. Pery Lima
Nelson Schaun
Euler Amorim de Almeida
Horácio Faria
Paulo Cardoso Pinto
Hernani Lopes de Sá
Walter Pires
José Rodrigues Leite
João Freire
Emmo Duarte
Walter da Silveira
Jorge Fialho
Osvaldo Ramos
Gerino Passos Filho
Rui Passos
J. Coêlho de Albuquerque
Raul Paranhos
Hermilo Faria
Tito Carvalho

A CISÃO NO COMUNISMO
Razões do Comitê Regional Sul Bahiano para se desligar do PCB

A Tarde,
25.07.57. Pág. 04

Noticiamos ontem que, em continuação ao processo de esfacelamento do Partido Comunista, o comitê sul baiano, um dos órgãos em atividade em nosso Estado, rompera com o PCB.

A declaração expedida pelos dirigentes daquele comitê é vasada nos seguintes termos:

O *Comitê Regional Sul Bahiano do Partido Comunista do Brasil*, em reunião ampliada, com o apoio de todas as organizações partidárias em funcionamento na região cacaueira, resolveu desligar-se das fileiras do P.C.B.

Firmamos este documento, representando essas organizações e vários elementos não organizados que estiveram, até agora, filiados ao P.C.B.

Esta decisão nos foi imposta pelo dever de contribuir para colocar o movimento socialista no Brasil à altura das suas responsabilidades históricas.

Definindo a nossa posição, hipotecamos o nosso apoio à Carta Aberta dos companheiros de Salvador, publicada n'*A Tarde* de 3 de julho de 1957, cujas teses centrais correspondem ao nosso pensamento, e fazêmo-las nossas.

A reviravolta que se processa no pensamento marxista internacional determinou a luta de opiniões que se iniciou em nosso país. O contacto vivo

com a realidade nos levou, dentro desse debate, à conclusão de que o PCB se burocratizou, transformando-se numa seita incompatível com as demais correntes de esquerda e nacionalistas, dificultando a unidade dos trabalhadores, sem condições de assumir a liderança do movimento operário no Brasil. Por isso, seria uma incoerência permanecermos nas fileiras do PCB.

Desvios sectários isolaram o PCB do povo e minaram a confiança das demais forças progressistas. Ligados que estávamos às deformações do partido, não éramos vistos por essas forças, como homens de pensamento avançado que desejam contribuir, honestamente, para a solução dos problemas da região, a efetiva independência da pátria e a vitória da nobre causa socialista. Ao contrário, encaravam-nos como elementos impregnados de fanatismo, mania de agitação e confusão de exclusivistas. Assim, não era possível contribuir para a mobilização e unificação do profundo sentimento nacionalista generalizado em nossa região, oprimida economicamente pelos trustes que, através da Bolsa de Nova Iorque, ditam os preços do cacau e impedem o comércio amplo e em pé de igualdade com todos os países.

O isolamento do PCB se evidencia no decréscimo de seus efetivos, no indiferentismo do povo pelos seus jornais, no retraimento das demais forças políticas para com os acordos com os comunistas, na queda progressiva do seu coeficiente eleitoral. Isso ocorre numa época em que as idéias socialistas influenciam milhões de brasileiros.

A insegurança e desconhecimento da realidade têm estado sempre presentes na orientação do partido. A insistência na manutenção de um programa

político condenado pela experiência demonstra quanto o PCB se encontra desligado da vida brasileira.

Assumimos, repetidas vezes, posições impopulares como na absurda campanha anti-getulista mantida até o trágico desfecho da madrugada de 24 de agosto.

Levadas pelo raciocínio da "revolução a curto prazo", sempre quisemos colocar os camponeses e assalariados agrícolas em função dos nossos interesses partidários em vez de nos colocarmos no verdadeiro papel de seus servidores. Desprezávamos as suas reivindicações imediatas considerando, na prática, reformismo tudo o que não estava dentro dos nossos esquemas idealistas. Queríamos incutir nas populações do campo a luta por uma reforma agrária radical cuja viabilidade elas não admitiam. Insistíamos na organização de lutas de cunho aventureiro que determinaram não poucos prejuísos.

Assumimos a responsabilidade por esses erros porque fomos os seus principais veículos. Mas a única atitude conseqüente e justa é denunciá-los e corrigí-los com o apoio dos trabalhadores e do povo, não permitindo que nenhuma mística prejudique as transformações exigidas.

Ilhéus/Itabuna, 19 de julho de 1957.

Assinam:

Carlos dos Santos Friederick – líder sindical;
Ascendino da Silva Bina – ferroviário;
Dilermando Pinto Souza – comerciante;
Nelson Schaun – educador e jornalista;
Humberto Vita – jornalista;
Aurelino Neves – ferroviário;
Afonso Pinto – funcionário público;
João Custódio da Silva – assalariado agrícola;
José Rodrigues da Silva – líder sindical;
Noé Schaun – lavrador;
Luiz Carilo – ferroviário;
Lúcio Santa Rosa - lavrador;
Simplício Pires Oliveira – feirante;
Pompílio Santos – pedreiro;
João Ramalho da Silva – sapateiro;
J. Conrado – pedreiro.

A cisão no comunismo

RAZÕES DO COMITE' REGIONAL SUL BAHIANO PARA SE DESLIGAR DO PCB

Noticiamos ontem que, em continuação ao processo de esfacelamento do Partido Comunista, o Comité Regional Sul Bahiano, um dos dois órgãos em atividade em nosso Estado, rompera com o P. C. B.

A declaração expedida pelos dirigentes daquele Comité é vasada nos seguintes termos:

"O Comité Regional Sul Bahiano do Partido Comunista do Brasil, em reunião ampliada, com o apôio de tôdas as organizações partidárias em funcionamento na região cacaueira, resolveu desligar-se das fileiras do P. C. B.

Firmamos êste documento representando essas organizações e vários elementos não organizados que estiveram, até agora, filiados ao P. C. B.

Esta decisão nos foi imposta pelo dever de contribuir para colocar o movimento socialista no Brasil à altura das suas possibilidades e responsabilidades históricas.

Definindo a nossa posição, hipotecamos o nosso apôio à Carta Aberta dos companheiros de Salvador, publicada n' "A Tarde" de 2—7—57, cujas teses centrais correspondem ao nosso pensamento, e fazemo-las nossas.

A reviravolta que se processa no pensamento marxista internacional determinou a luta de que

gressistas. Ligados que estávamos às deformações do partido, não éramos vistos, por essas fôrças, como homens de pensamento avançado que desejam contribuir, honestamente, para a solução dos problemas da região, a efetiva independência da pátria e a vitória da nobre causa socialista. Ao contrário encaravam-nos como elementos impregnados de fanatismo, mania de agitação e confusão e exclusivistas. Assim, não era possível contribuir para a mobilização e unificação do profundo sentimento nacionalista generalizado em nossa região, oprimida economicamente pelos trustes que, através da Bolsa de Nova Iorque, ditam os preços do cacau e impedem o comércio amplo e em pé de igualdade com todos os países.

O isolamento do PCB se evidencia no decréscimo de seus efetivos, no indiferentismo do povo pelos seus jornais, no retraimento das demais fôrças políticas para com os secretos com

mantida até o trágico desfecho da madrugada de 24 de agosto.

Levados pelo raciocínio da "revolução a curto prazo", sempre quizemos colocar os camponeses e assalariados agrícolas em função dos nossos interesses partidários em vez de nos colocarmos no verdadeiro papel de seus servidores. Desprezávamos as suas reivindicações imediatas considerando, na prática, reformismo tudo o que não estava dentro dos nossos esquemas idealistas. Queríamos incutir nas populações do campo a luta por uma reforma agrária radical cuja viabilidade elas não admitiam. Insistíamos na organização de lutas de cunho aventureiro que determinaram não poucos prejuizos.

Assumimos a responsabilidade por êsses erros porque fomos os seus principais veículos. Mas a única atitude consequente e justa é denunciá-los e corrigi-los com o apôio dos trabalhadores e do povo, não permitindo que nenhuma mística prejudique as transformações exigidas.

Ilhéus — Itabuna, 19 de julho de 1957.

Ass.) Carlos dos Santos Friederick — líder sindical; — Ascendino da Silva Bina — ferro-

À MARGEM DE UM ENCONTRO

Diário da Tarde,
16.08.1967. Pág. 2.

Do ponto de vista geral, valeu, e valeu suficientemente, o 1º Encontro de Prefeitos, que o prefeito de Ilhéus acertou de realizar como parte central das comemorações do 86º Dia da Cidade. Por três dias – de 28 a 30 de junho último – para mais de 50 representantes de comunas do nosso Estado, particularmente da região cacaueira, discutiram teses interessantes. E quando falamos, aqui, em teses, não queremos discernir sobre a definição clássica do termo, para significar os trabalhos menos ou mais substanciosos que, assim como assim, apareceram e foram debatidos no decorrer do breve congresso, apesar de não termos logrado ouví-los todos, através do precário recurso radiofônico de que nos utilizamos.

Não nos parece importante nem oportuno, com efeito, comentar se as chamadas teses observaram as regras do método analítico ou se as peças apresentadas teriam obedecido aos rigores da técnica adequada, também se algumas ou diferentes conclusões a que chegaram certos autores não poderiam melhor denominar-se indicações ou meras sugestões. Propósito não é, porém, destas considerações, esgrimir ou fomentar questões absolutamente formais de pura estilística, de exegese gramatical nem de fundamentos lingüísticos. Aliás, isso de preferir termos retumbantes para significar lá o que for é problema de senso comum, discernimento ou equilíbrio psico-

lógico de quem adota ou emite os conceitos.

Mas, insistamos, não é exatamente dentro desse campo ou à luz desses princípios filosóficos, éticos ou científicos que desejamos situar nossas modestas apreciações.

Queremos apenas reconhecer que, compreendidas e relevadas as deficiências, sobretudo pelo caráter de improvisação de quase todo o cometimento, assim também pela confusão ou inconsistência deste ou daquele trabalho, - na verdade o encontro gerou frutos positivos e forneceu lições que não é possível desconhecer, muito menos subestimar.

Primeiro de tudo é preciso considerar como altamente significativo o próprio encontro em si. O fato de se reunirem dirigentes de mais de meia centena de municípios, além de apoiados em assessores e técnicos armados, bem ou mal, porém armados de elementos estatísticos, de observações sociológicas e dados econômicos, animados de evidentes motivos e inspirações para discutirem os problemas do povo, cuidarem dos assuntos concernentes à vida, ao bem-estar, ao desenvolvimento material e cultural, à valorização necessária da sociedade e, pois, da efetiva libertação humana, - tudo isso é profundamente afirmativo. E, por menos que, de início, possa ter produzido a realização em apreço, - há sempre resultados concretos e positivos, que ressaltam, não apenas da abstrata colocação dos problemas, porém, sobretudo, de seu entendimento, da análise crítica, do esclarecimento, advindos necessariamente através da discussão.

Mas, discutir os problemas, não é só o que interessa, é claro. Nem a importância das discussões consiste nas simples discussões; contudo, é o primeiro passo. E desse primeiro passo é que decorre ou de-

pende a maior ou menor justeza, tanto no equacionar, como, por conseguinte, no solucionar os problemas.

Assim, pois, embora possamos levantar algumas restrições quanto ao método e à própria filosofia do trabalho e dos trabalhos, - imperioso é reconhecer que o *1° Encontro de Prefeitos da Bahia na Região Cacaueira* foi, realmente, um fato positivo e dele podem brotar conseqüências opimas, para Ilhéus e para os demais municípios participantes, como, por extensão, para a Bahia e para o Brasil.

Cumpre-nos, agora, esperar e, mais do que apenas esperar, cumpre-nos confiar em que as palavras, os intuitos e os objetivos do encontro não tenham caído no vazio. Porque não basta, a qualquer programa, sobretudo de ação política, simplesmente debater os problemas, agitar opiniões, discutir teses e mesmo propor soluções. Se tudo isso não tiver conseqüência, será mais um engodo, mais um palavreado abstrato para enfeitar incapacidade ou hipocrisia, coroamento demagógico de planos mirabolantes.

Com efeito, é importante saber passar, com firmeza e equilíbrio, da discussão e conclusão dos estudos, para a planificação e, logo, para a execução. Também, no processo da execução é necessário organizar as soluções e funcionar o controle, com justeza e tenacidade.

Para que, todavia, se atinjam os objetivos concretos da planificação, através da correta execução, imprescindível é a vigorosa e efetiva atuação da força motriz que tem como elementos fundamentais a honestidade administrativa e a capacidade realizadora. Fora disso, convenhamos, pelo menos no particular do nosso pobre município de Ilhéus, não há como levantar desta situação marásmica, de atraso

progressivo que nos está levando à mais triste condição de pauperismo.

Esperamos que sejam publicados, na íntegra, os trabalhos apresentados, discutidos e aprovados no *1° Encontro de Prefeitos na Região Cacaueira*. Especialmente os trabalhos sobre economia e, por excelência, os que trataram dos problemas da industrialização. Igualmente os relativos a transportes, além dos importantes assuntos da educação, da saúde e do bem-estar social, - todos esses devem merecer cuidados e atenções de quantos realmente se interessam pelo progresso de Ilhéus e de toda a região.

Contamos poder voltar para novas considerações, se as circunstâncias no-lo permitirem.

Não por acaso, menos ainda por displicência, agora, exatamente um mês depois do encontro, é que nos dispusemos a estas observações. Valham, talvez, como advertência no sentido de que já é tempo de estar o nosso povo começando a experimentar os efeitos daquele encontro.

A PROPÓSITO DA ORTOGRAFIA

Diário da Tarde,
30.04.68. Pág. 2.

Nova reforma ortográfica está sendo forjada por filólogos de Portugal e do Brasil.

No campo da ciência da linguagem como, em suma, de qualquer ciência ou categoria científica relacionada com a vida, não há como fugir ao imperativo das reformas periódicas. Porque a vida é movimento. E não é preciso ser profundo em ciência ou em filosofia para saber que tudo quanto esteja condicionado às leis da vida está, por isso mesmo, sujeito às leis da evolução. Vem de longe a compreensão de que tudo se modifica e tudo se renova. Só o conservador empedernido, falho ou carecente de visão mental, só o que se afinca, estéril, no fixismo dos conceitos, - não compreende o incoercível poder das transformações. E é por força desses contrários, aliás, que as modificações e reformas, no sentido científico, assim como, sobretudo, na dinâmica social se operam com dificuldade e lentidão. Verdade que, no âmbito da economia e, por conseqüência, da política, os fatores dessa lentidão e dessa dificuldade respondem pelo interesse fundamental das classes dominantes: é óbvio que as classes dominantes não entendem, muito menos podem aceitar as modificações de sistema, as reformas sociais, as transformações.

Aqui no Brasil, por exemplo, desde muito tempo e a todo instante, estamos ouvindo notícias de reformas: - reforma administrativa, reforma agrária, re-

forma do ensino, reforma bancária, reforma disso, reforma daquilo... E todavia, como se arrastam no puro formalismo, e que demora, que tardança diríamos absurda, para produzirem qualquer fruto positivo, algum resultado concreto!...

Verdade que a reforma ortográfica difere de categoria, embora, como fato de linguagem, esteja condicionado nos fatos sociais.

Mas, do ponto de vista científico, igualmente que no sentido prático, impõe-se-nos reconhecer que as reformas, no que concerne à ortografia, particularmente à ortografia portuguesa – através de todas as tentativas, a começar pela ortografia escrita em 1534 – têm sido não apenas incompletas e falhas, também revestidas de complicações e inconseqüência. Aliás, se quisermos encarar o fato com rigorismo científico, temos de convir em que não há, propriamente, ortografia. Não há nem nunca pôde haver ortografia em qualquer língua ou para qualquer língua – desde o advento da arte de escrever, com os simples sinais pictográficos ou ideográficos com que o Egito penetrou na história pela escrita – mais de três milênios antes da nossa era.

E, entretanto, não nos é possível buscar, no fundo da noite multimilenária que envolve as primeiras civilizações humanas, - as origens da literatura. Podemos, nada obstante, remontar às notícias concretas de arte literária a longínquos marcos da história antiga, exatamente com a invenção da escrita. Mas, desde ali até agora, nenhum povo nem qualquer civilização conseguiu a verdadeira ortografia. Fácil, porém, é de entender o fato, se se tiver em vista que o termo **ortografia** significa a correta escrita, isto é, como parte da fonologia, rege a representação dos sons da

linguagem para a exata grafia dos vocábulos. Quem pois, se ativer aos rigores científicos dos termos, sentirá logo que não é possível, nem jamais alguém logrou figurar com exatidão a infinita variedade de sons e inflexões de graves, médios e agudos altos e baixos, fracos e fortes, de férvidas e glaciais, brandas e terríveis expressões fônicas da voz humana.

Eis porque o conceito de ortografia tem de ser tomado no sentido puramente semântico, aliás, na significação que a linguística lhe atribui no restrito campo da gramática e, finalmente, consagrada pelo uso. E nessa função de regulador dos elementos figurativos dos fonemas que constituem o vocábulo – a ortografia deve, cada vez mais, simplificar as regras, tender para uma racionalização sempre mais efetiva. Donde esperamos que a reforma ora tentada seja tão corajosa quanto possível para romper com anacronismos, derribar preconceitos e tabus sustentados por teóricos exegetas muito afincados em tradições antinaturais, em nome, realmente, de um cientificismo enfatuado e cediço.

Não podemos é claro renegar a obra valiosa e pertinaz dos veros lingüísticos e filólogos, foneticistas e lexicógrafos que, desde séculos, observam os fenômenos da linguagem e, assim como assim, têm estabelecido leis e regras do falar e do escrever. Isso, porém, ao invés de excluir, pressupõe e exige o constante exercício da crítica em função de necessárias reformas periódicas.

Com estas considerações, queremos significar o nosso ponto-de-vista de que, sendo a ortografia uma função objetiva de arte, não pode submeter-se a rigores científicos. Assim, portanto, a reforma ortográfica em elaboração, para ser justa e autêntica,

tem de contar com a cooperação valiosa e imprescindível de romancistas, cronistas, jornalistas, críticos, poetas e cantores. Porque, em contato mais íntimo e mais vivo com a realidade popular, são os que interpretam e exprimem, sentem e vivem o espírito, a alma, a psicologia do povo.

Para suficiente clareza do juízo que, ora, expendemos, esperamos trazer oportunas achegas, especialmente quanto à idéia da unificação ou uniformização ortográfica entre portugueses e brasileiros.

A ESCRITA NO PROCESSO HISTÓRICO DA LINGUAGEM

Diário da Tarde,
23.05.68. Pág. 2.

Organismo vivo de função social por excelência, a linguagem há-de necessariamente estar condicionada aos fenômenos de caráter sociopsicológico de cada povo, de cada agregado humano. Isso, aliás, é verdade primária, de categoria, a bem dizer, axiomática, Porque a linguagem é, fundamentalmente, um fenômeno social. Eis porque o desenvolvimento da linguagem, com a sua diversificação idiomática acompanha e reflete historicamente o desenvolvimento das forças produtivas da sociedade.

Com efeito, enquanto o homem, dominado ainda pelo instinto selvagem, vivia em mero estado de natureza, não tinha condições para a linguagem. Exatamente porque não sentia a necessidade das relações sociais. E, assim, no longo estágio que marca a pré-história até a vivência da horda primitiva, o homem não podia exercer atividade senão isoladamente, isto é, sob as condições do individualismo zoológico. Longe ainda estava o advento da consciência. Através do processo histórico, entretanto, o ser humano vai-se transformando, isto é, vai-se libertando da condição animal à medida que consegue dominar as leis da natureza. O homem começa então, a distinguir-se pelas atividades produtivas e é, naturalmente, levado a viver em sociedade: - já agora, sob o regime comunitário, não mais naquela condição do

homem primitivo, entregue apenas à caça e à coleta que caracterizavam o individualismo zoológico, puramente instintivo.

Surgem, pois, os primeiros vestígios, as primeiras manifestações do pensamento – que entra a formar a consciência para iluminar sempre e sempre mais esplendidamente o espírito humano.

As atividades produtivas conduzem à comunidade. A vida comunitária estabelece as relações sociais que geram necessariamente as condições para a linguagem, como exigência lógica da própria função da relação entre os homens.

Compreende-se, portanto, que a consciência humana se modifica, se aperfeiçoa e se afirma, ao calor e em conseqüência das transformações e do desenvolvimento das forças produtivas. Porque, na verdade, a consciência vai tomando a forma e a expressão da vida, através do tempo e do espaço, de acordo com as condições históricas objetivas.

Assim, a linguagem tinha de ser, no seu início, puramente concreta, expressa por sons rudimentares, acompanhados de acenos ou gestos que ajudavam a compreensão das idéias. Era o nascimento da linguagem fonética associada à linguagem mímica.

O progresso do pensamento humano, como demonstram as fecundas contribuições dos cientistas mais conseqüentes, vai-se positivando, exatamente na base de idéias abstratas que se criam e se formam através do processo histórico da própria sociedade. Como fenômeno social, de fato, a linguagem reflete o desenvolvimento da atividade produtiva do homem e aprimora-se até a mais elevada expressão do pensamento abstrato. A diferenciação que começa com a criação de línguas novas e particulares – é conse-

qüência lógica do próprio desenvolvimento complexo e desigual da sociedade.

Passa-se do homem primitivo à horda primitiva, desta ao clã primitivo e, daí, sucessivamente, - cada estágio social resolvido numa síntese histórica de evolução, que abre novas perspectivas, até os dias atuais – que marcam expressivo grau de progresso da filosofia, das artes, da ciência e da tecnologia; mas também definem fase concreta de profunda transição social, política e econômica. Estas são algumas achegas que julgamos oportuno trazer à questão da reforma ortográfica, ora em elaboração. Achegas, é claro, apenas para melhor discernir o nosso ponto-de-vista de que a anunciada reforma, para ser conseqüente, há-de romper com as forças limitativas do conservadorismo ramerramesco e apoiar-se, resoluta, nas verdades concretas e objetivas geradas através do processo mesmo da evolução social.

Não nos esqueçamos de que, só após muitos milênios de exercício da palavra falada, - quando já o homem era capaz de elaborar suas próprias idéias, quando já a consciência humana se afirmava em considerável progresso do pensamento abstrato, - é que, então, se tentaram as primeiras experiências da linguagem escrita. Justamente no regime do clã. E foi a pictografia a forma primitiva da escrita: as idéias ou associações de idéias eram figuradas por meio de desenhos.

A escrita pictográfica produziu a cuneiforme dos babilônios, criada realmente pelos sumerianos.

A evolução social, política e econômica dos povos determina a transformação da pictografia primitiva, na escrita egípcia que prevalece até os fins da história antiga. Mas a escrita hieroglífica, - assim

denominada pelos gregos – não pára de desenvolver-se – não se fossiliza, porém, modifica-se a cada novo passo da organização social dos povos. Toma, então, a forma cursiva chamada de hierática e demótica, muito depois, aliás no Século VIII antes da nossa era.

A significação histórica fundamental da escrita egípcia está em ter servido de base à experiência da escrita alfabética dos fenícios, cuja formação data provavelmente do segundo milênio anterior à era atual.

Se, pois, compreendermos que a escrita, como fato da linguagem é condicionada aos fatos sociais e, portanto, deve refletir as modificações da consciência determinadas pelas próprias transformações das forças motrizes da sociedade – teremos entendido e explicado o fato histórico de haver a escrita fenícia nascido, não num ponto exclusivo e de forma única, apenas, porém, simultaneamente, em várias cidades. Assim, a cuneiforme serviu de modelo à escrita fenícia, no norte, mais precisamente em Ugarite, ao passo que a escrita fenícia, no sul, teve como base a hieroglífica egípcia, de expressão sônica.

Vemos, então, como da pictografia passamos pela cuneiforme; como aquela, denominada posteriormente hieroglífica, toma a forma hierática e demótica, e chegamos à escrita alfabética dos fenícios, oriunda, ao mesmo tempo, da cuneiforme e da hieroglífica.

A verdade, contudo, é que a escrita alfabética representa significativa conquista da civilização fenícia, contribuição importantíssima ao progresso da própria civilização humana. E tal conquista foi possível e necessária exatamente para marcar elevado estágio histórico e por exigência do desenvolvimento das forças produtivas: os progressos da navegação e do comércio impunham escrita mais adequa-

da, mais simples, mais expungida das complicações que pesavam nos cuneiformes e nos hieróglifos.

Reveste-se de singular importância a expressão histórica dos caracteres alfabéticos dos fenícios pelo fato de terem dado origem ao alfabeto grego, aramaico, latino e russo.

Em outro passo de nossa digressão, experimentaremos trazer novas contribuições ao problema da escrita no processo histórico da linguagem. E chegaremos ao ponto crítico de nossa meditação sobre se é ou não um ilogismo pretender-se a uniformização ortográfica, entre brasileiros e portugueses.

ESCRITA
Produto e fator de civilização

Diário da Tarde,
11.06.1968. Pág. 4

Para reatar o nexo de nossa digressão através da escrita no processo histórico da linguagem, é interessante mencionar, ainda uma vez, a função cultural do Oriente desde os primórdios da civilização egípcia.

Compreender-se-á a importância do estudo da escrita como produto e elemento da civilização oriental, se se souber que ali surgiram os primeiros vestígios do homem, e do Oriente é que vieram as primitivas formas da sociedade, exatamente da sociedade dividida em classes. É onde, sobretudo, foram lançadas as bases da cultura material e espiritual que, assimilada pelos povos da Grécia e de Roma, enriquecida através da própria dinâmica da história, vem a transformar-se na esplêndida e complexa maravilha da civilização moderna.

À luz da historiografia mais fecunda e conseqüente, é justo considerar válidas três fontes em que se abeberam os cientistas nos estudos e pesquisas acerca do Oriente. E são elas: - os textos gregos e latinos, os vestígios arqueológicos e os textos em línguas dos povos orientais.

Desses elementos, sem dúvida os mais positivos e importantes para o estudo de amplitude e profundidade, são os textos em línguas dos povos orientais, como o egípcio, o sumeriano, o arcádio, o urastuano e outros ainda. É claro, aliás, que a pró-

pria arqueologia entra, nessa tarefa, com importantíssima contribuição, na coleta sistemática e pertinaz de material, através de escavações que trazem ao conhecimento da Ciência os necessários documentos definidos nas inscrições rupestres, nos murais e nos papiros.

Convenientemente decifrados, esses escritos sofrem estudo e interpretação científica, e forneceram preciosos ensinamentos em proveito da história cultural das sociedades humanas.

As conquistas do trabalho, conseqüentes ao desenvolvimento das forças produtivas, determinam o crescimento quantitativo que evolue para a síntese qualitativa do vocabulário, criam e vão aperfeiçoando a própria estrutura gramatical das línguas.

O desenvolvimento da produtividade do trabalho leva às modificações sociais. Por interpenetração de fatores, a divisão da sociedade gera a divisão social do trabalho. A evolução da economia vai transformando a realidade social objetiva e, nesse processo histórico, engendram-se as condições para a evolução do pensamento. A multiplicidade de formas sociais forja, no tempo e no espaço, as diferenciações da consciência, a diversificação do pensamento e, também a variedade dos idiomas.

Dados que a historiografia vai colhendo de fontes autênticas revelam que a escrita hieroglífica do Egito consta de setecentos sinais, pouco mais ou menos. Muitos desses hieróglifos, porém, lá pelas alturas das primeiras dinastias, deixaram de ser simples sinais e tomam o sentido silábico. E vinte e quatro desses caracteres apresentam consoantes modificadas pelo pensamento e também há variedade de outros sinais.

Por outro lado, escavações na região da Mesopotâmia descobrem textos da escrita cuneiforme em cujos caracteres figuram ângulos horizontais e verticais. São ainda e sempre as decifrações e os estudos interpretativos e rigorosamente científicos os elementos que mostram como esses ideogramas, oriundos da pictografia, entram em processo de transformação e se tornam, pouco a pouco, sinais silábicos. Isso, ali pelo terceiro milênio, antes da nossa era. Mas, enquanto alguns sinais figurativos e outros aparecem exprimindo sons alfabéticos, a verdade é que o sistema cuneiforme acaba por complicar-se até dificultar-lhe o estudo. Tem-se a idéia de como difícil e complexa é a escrita em apreço, sabendo-se que o sistema cuneiforme consta de 600 caracteres, muitos deles com diferentes e vários significados.

Vamos assim, entendendo, como surgiu a linguagem, fenômeno social que se desdobra continuamente na multiplicidade de idiomas que nascem, morrem e se extinguem, enquanto outros aparecem, perduram ou se modificam: tudo conforme as condições objetivas e concretas que o processo histórico das sociedades vai gerando.

Compreende-se, então, porque a escrita como elemento condicionado às leis sociais de linguagem, não pode manter-se fossilizada nem pode, também, submeter-se ao rigor das uniformizações ilógicas artificiais.

COMECEMOS A TAREFA...

Diário da Tarde,
22.07.68. Pág. 2.

Na honesta presunção de estarmos contribuindo para o processo de esclarecimento da consciência social, - iniciamos, aqui e agora, a tarefa que o *Diário da Tarde* nos atribui, de realizar, vez por outra, observações e análises, como possível, corretas e objetivas, da realidade que vivemos.

Nosso trabalho, que esperamos não fuja ao caráter eminentemente jornalístico, há-de ferir assuntos ou temas de variado sentido. Assim, tanto poderemos considerar os fatos, do plano social, como político. De economia, de cultura ou de educação. Tudo, porém, visando à utilidade prática e aos interesses gerais do desenvolvimento. Em função do povo, realmente; mas alheio ao sectarismo e em guarda contra o extremismo. Que não podemos considerar justas nem fecundas as atitudes sectárias e extremistas. Pelo contrário: são incoerentes e nocivas, quando, onde e como quer que se manifestem. O sectarismo é de essência dogmática. E o dogmatismo conduz invariavelmente ao obscurantismo. Ao passo que o extremismo leva sempre ao aventurismo. Porque, impulsionado apenas pelo subjetivismo da vontade abstrata, portanto, desligado da realidade objetiva, tende necessariamente para o vazio de todas as inconsequências.

Estaremos, pois, conversando com a nossa gente. E conversando somente. Sem veleidades doutri-

nárias. Sem aquela fatuidade repugnante dos que procuram autovalorizar-se como deuses da sabedoria. Mas, lisamente, buscando interpretar os fatos, discernir-lhes o conteúdo. A serviço da necessidade prática da luta contra o conformismo, contra a estagnação. Na luta contra as diferentes formas e os diversos fatores de atraso.

Pelo conhecimento claro da realidade objetiva, de fato, é que estaremos em condições de interferir, de modo conseqüente, na dinâmica social, para influir no processo de desenvolvimento, na marcha adequada aos imperativos do progresso e para as soluções justas dos problemas no campo social, político, econômico. E é necessário ser modesto, mas, sobretudo, honesto. Honestidade de pensamento na honestidade de ação.

PELA DIGNIDADE HISTÓRICA DE ILHÉUS

Diário da Tarde,
28.06.68. Pág. 8.

Daqui a treze anos a cidadania de Ilhéus marcará seu primeiro centenário.

Não vamos agora resolver os fracassos e adversidades que enchem a história da capitania, desde a irônica indiferença do fidalgo donatário, até o completo esfacelamento de sua integridade territorial e o melancólico de sua expressão política e econômica.

Meditemos, só por só, nas inconseqüências sociológicas desse quase século de nossa vida como simples unidade municipal autônoma.

Os limites tecnicamente exigidos de um artigo de jornal impõem-nos substituir a análise pela síntese possível. Baste-nos, pois, compreender com juízo crítico a verdade que o processo histórico de Ilhéus, - durante estes oitenta e sete anos apresenta, lamentavelmente, muito mais aspectos negativos do que evidências de êxitos importantes.

Nem seríamos conseqüentes se nos conformássemos com a pura atitude contemplativa a embalar-nos na ufania de glórias passadas ou de prodígios apenas efêmeros.

Cumpre-nos, isto sim, reconhecer que temos sido incapazes de dominar as possibilidades que se nos têm apresentado ao longo de nossa história, para transformá-las em realidades positivas.

A nossa experiência política é um quadro cheio

de altos e baixos, de erros primaríssimos, com raros sinais de eficiência, logo, porém, destruídos por descontinuidade, mercê da influência nefasta das forças retrógradas e obscurantistas ou simplesmente aventureiras. E tais são os fatores que determinam esses entraves na dinâmica social dentro de nossas condições históricas.

Esse vergonhoso atraso progressivo em que nos debatemos – funda-se nas causas de nossa anarquia econômica, em decorrência tanto do primarismo que não queremos, como por conflitos e anacronismos das forças produtivas.

Um organismo social formado de elementos visceralmente egoístas, desprovidos daquela generosidade criadora que caracteriza as coletividades progressistas, - não pode realmente aspirar a posições de vanguarda nem a objetivos mais justos. Porque, sobretudo no seio das chamadas classes dominantes, cada qual cuida dos seus próprios interesses, nada lhe importando os interesses coletivos.

Desse jeito, dirigentes políticos vindiços ou gerados no ventre dessas condições históricas, - hão-de igualmente comportar-se de acordo com as regras do egoísmo. No comum, tais dirigentes se revelam apedeutas, sem a necessária visão econômica dos problemas, sem suficiente capacidade para discernir as medidas mais justas, quanto mais para atacar os métodos adequados de planificação político-administrativa e de organização das soluções conseqüentes.

Verdade que no plano sócio-cultural, ainda alguma coisa pode Ilhéus apresentar, embora muito pouco, a bem dizer, inexpressivo, comparado com o valor do que devíamos estar sendo, - se houvéssemos sabido ou querido aproveitar, com acerto e honesti-

dade, as oportunidades que a própria história nos tem colocado diante da vida.

Chegamos, então, a quase um século de cidadania sem ter definida sequer uma infra-estrutura de relativa solidez e eficiência para suporte de uma superestrutura social condizente com a importância e as necessidades do desenvolvimento. Nem conseguimos, por isso mesmo, formar uma consciência política. Porque, afinal, a consciência está condicionada à vida e a vida é, fundamentalmente, o que é a realidade das condições econômicas.

Falar, então, com clareza, na crua realidade de Ilhéus, neste 28 de junho de comemorações e algumas festas oficiais, - parece-nos a forma honesta e mais justa de homenagear a data. Não para que continuemos no indiferentismo, nem nos anulemos na simples atitude contemplativa; mas, pelo contrário, para que procuremos ser dignos de nossa própria função social, interferindo nos fatos, com honestidade e decisão, no sentido, exatamente, de transformar esta realidade negativa; encará-la sensatamente, e vigorosamente modificá-la.

Confiemos nos homens que, nesta fase da vida de Ilhéus, ainda se julgam capazes e dignos da importante tarefa. Mas, sobretudo, confiemos nas forças vivas da juventude que, bem orientada, superiormente imbuída de sentimentos generosos e compenetrada das atitudes conseqüentes, possa levar Ilhéus a um estágio econômico, político e social mais de acordo com a nossa dignidade histórica.

INQUIETAÇÃO DA JUVENTUDE

Diário da Tarde,
02.08.68. Pág. 2.

Na verdade, é bem complexo o problema relacionado com a inquietação da juventude. Mas toda essa complexidade pode reduzir-se à simples verdade objetiva de que a juventude, como encarnação e veículo das idéias novas, há de necessariamente estar à frente dos acontecimentos, impulsionada pelas próprias leis da dinâmica social. E é importante compreender que as idéias nada têm de abstrato: quando as idéias se manifestam é que já foram geradas concretamente nas condições materiais da sociedade, para transformar-se em forças motrizes, pela necessidade mesma do processo de desenvolvimento social.

Não querer admitir essa verdade é cair nas atitudes puramente idealistas inconseqüentes, afincar-se nas posições de simples negativismo. E, afinal, essa obstinada negação é, por essência, inconsistente, porque não tem o poder de modificar os fatos.

Há quem pense, e até mesmo quem afirme, que a juventude está desajustada. Isso não passa de conceito desenganadamente metafísico ou concepção, de todo ponto, mecanicista. Pretende-se, com tal filosofia, desligar o efeito da causa, ou, quando nada, nega, na prática, a interação dos fatores, a interpenetração dos elementos históricos da realidade social. Com efeito, por paradoxal que pareça, não é a juventude que está desajustada. O que há, de evidente, é, sim, o desajustamento de toda a sociedade.

Claro que não devemos tomar em sentido absoluto aquele conceito de que a função de encarnar e conduzir as idéias novas é própria da juventude, - nem queremos aqui significar que seja privilégio da juventude o papel de agitar e organizar os elementos necessários ao processo histórico da sociedade. Mas é que as gerações novas, com mais ductilidade e também com mais vigor e decisão, sentem as influências das transformações orgânicas da vida e da sociedade e, assim, vão formando a consciência, conforme os imperativos das próprias transformações, de acordo com a realidade concreta. A formação espiritual da sociedade há-de, efetivamente, refletir a situação material, no tempo e no espaço.

Eis porque a realidade de hoje não pode conformar-se com a realidade de ontem. E é exatamente por isso que sempre se cometem erros grosseiros e terríveis, quando se tenta, sem crítica, sem análise suficiente, sem objetiva adaptação, - transpor mecanicamente, de um para outro, de uma para outra nação, daquele para este agregado social, - as regras, as leis e normas, o estilo, o método de vida e, igualmente, as formas de organização e orientação dos elementos dinâmicos da sociedade. Cada realidade objetiva tem as suas próprias condições concretas que geram seus problemas peculiares, cujas soluções têm que ser específicas, isto é, vão ser encontradas, necessariamente, no âmbito de suas próprias condições.

Se, com efeito, a superestrutura social assenta na base econômica e reflete, portanto, a situação material, - claro está que as transformações da superestrutura decorrem, como conseqüência inevitável, das transformações de base.

Assim, toda essa inquietação, no plano internacional, na América Latina e, particularmente, no Brasil, não é mais do que sinais positivos de que as velhas estruturas não correspondem mais às necessidades do desenvolvimento sócio-econômico. As energias vitais da sociedade exigem, pois, as reformas justas, as modificações, as transformações tendentes a manter ativo o processo histórico. É, afinal, a lei da sobrevivência que determina essa constante e fecunda atividade renovadora dos organismos sociais.

Uma sociedade que não fosse animada, sempre, por esses movimentos de inquietação e que não tivesse capacidade de compreender, suportar e, conseqüentemente, resolver tais crises que marcam a vitalidade social, - seria, por certo, mera sociedade inerte, estática e, então, estaria morta.

Através destas considerações cuidamos apenas exprimir o nosso modesto ponto-de-vista de que não é na Rússia, no Egito, na China, na França ou nos Estados Unidos, que devemos buscar a resolução da crise econômica, política e social do Brasil. Porque os problemas brasileiros encontram soluções precisamente nos quadros da realidade brasileira. Aprofundar os fatores, coordenar os elementos para organizar as soluções, - tais devem ser as atividades políticas e o roteiro adequado ao grande objetivo.

O que cumpre, sobretudo, é fugir da imitação pura e simples, e evitar as posições do extremismo.

COMO EXPLICAR O ATRASO DE ILHÉUS?

Diário da Tarde,
13.08.68. Pág. 2.

Se algum fato relacionado com Ilhéus pudesse causar admiração, nada talvez lhe seria mais significativo do que o milagre da própria sobrevivência. Isso, é claro, se fosse possível acreditar em milagres.

A sobrevivência de Ilhéus com efeito, pode ser ironicamente atribuída a verdadeiro paradoxo sócio-econômico, se não quisermos admitir o absurdo da espontaneidade social, isto, é, do princípio e do produto em si da sociedade. Porque tantos têm sido os fatores negativos em nosso processo histórico, tamanha tem sido a prevalência de elementos nocivos na luta de contradições dentro da nossa realidade, que, francamente, Ilhéus teria já desaparecido se não lhe sobrassem reservas materiais e espirituais inalienáveis. Aliás, é preciso convir que Ilhéus sobrevive e se debate nesta situação marasmática, exatamente porque, submetido às leis de desenvolvimento desigual da sociedade, os nossos elementos humanos, sobretudo os que entram na composição das classes dirigentes, nunca se dispuseram nem se dispõem a sustentar luta conseqüente pela transformação desta realidade.

Ora, pelas possibilidades econômicas e outras condições históricas que já detivemos, - se convenientemente aproveitadas, - poderíamos ter chegado a situação muito mais importante, social e politicamente. De modo geral, no entanto, nem somente não nos

desenvolvemos, mas, na verdade, fomos perdendo as possibilidades, caindo a cada passo no conformismo, no fatalismo, nas frustrações que coroam o atraso puro e simples.

E por que isso? Terá sido por obra e graça do destino, pela força abstrata da fatalidade, esse poder que tudo explica e tudo justifica, quando os homens não sabem ou não querem encontrar explicações e justificativas concretas e objetivas para os fatos?

Nada disso. A verdade é que os homens de Ilhéus sempre quiseram viver assim mesmo, sem maiores interesses ou preocupações de progresso. Nunca se esforçaram, de modo efetivo e racional, para modificar os quadros de nossa realidade.

Para que a sociedade se renove, é necessário que se renove a superestrutura política. Mas, para que a superestrutura política seja capaz de influir no processo histórico tendente ao surgimento de nova sociedade, isto é, substituição do velho pelo novo, é preciso que se transforme a base econômica.

Desenvolver a economia, portanto, modificar as formas econômicas, dar novo sentido aos fatores econômicos, tais devem ser os objetivos da ação que cumpre a todos os elementos realmente empenhados no progresso social, no aprimoramento das funções e da justeza do regime social.

Que fizeram, porém, ou que fazem ainda os homens de Ilhéus, dentro dessa realidade?

É o que tentaremos discernir através das próximas considerações.

DISCURSOS

Ariston Cardoso, Joaquim Ribeiro e Nelson saudando a este último, em 15.10.1960.

Leopoldo Campos Monteiro, Nelson, Joaquim Ribeiro, Abel Periera, Francolino Neto e Jorge Weyll Fialho Costa, em 15.10.1960.

Nelson e João Mangabeira, em 07.07.1960

Fundação da Academia de Letras de Ilhéus, em 14.03.1959: Clarêncio Baracho (Uruçuca), Nelson Schaun (Ilhéus), Plínio de Almeida (Itabuna), Abel Pereira (Ilhéus), Wilde de Oliveira Lima (Itabuna), Nestor Passos (Itabuna) e Francolino Neto (Itajuípe).

SAUDAÇÃO AOS LAUREADOS DO CONCURSO DAS CHAVES DE OURO, NA ACADEMIA DE LETRAS DE ILHÉUS

Poderíamos derramar, antes de mais nada, uma série de considerações para concluir pelo inadequado, senão pelo erro que ora se comete, ao atribuir-se-nos a missão de saudar poetas, e poetas distintos.

Não somos poeta. E nenhuma linguagem melhor nem mais expressiva que a poesia para falar de poetas e a poetas.

Como, todavia, o de que se trata, propriamente, é de uma saudação, e embora que se trate de saudar a poetas, - de todo necessário não será, talvez, que esta seja uma linguagem de poesia ou a linguagem da poesia.

Basta que a Academia de Letras de Ilhéus diga do seu júbilo e de seu apreço em relação ao fato eloqüente desta realização.

Estamos conferindo aos conquistadores os prêmios que instituímos para o *Concurso das Chaves de Ouro*.

Saudar os vencedores dessa pugna luminosa, - eis a tarefa que nos cabe, neste momento.

Verdade que a nossa Academia tem poetas, e excelentes poetas, aos quais caberia melhor a função de intérpretes do nosso pensamento frente aos três poetas que triunfaram neste Concurso.

Razões, porém, que fogem porventura à própria razão, explicam o fato de estarmos, aqui e agora, neste papel.

Quando lançamos o *Concurso das Chaves de Ouro* com o prêmio *Cidade de São Jorge dos Ilhéus*, tive-

mos em consideração três objetivos, e dar-nos-íamos por suficientemente recompensados, se tais objetivos fossem atingidos. E atingimo-los?

Eis o que nos cumpre agora examinar.

Primeiro de tudo, - visávamos a sacudir por aí, neste imenso Brasil, o nome e os propósitos culturais de Ilhéus, no sentido, particularmente, comemorativo de sua cidadania.

E os poetas, que são a alma do povo e a expressão de toda a beleza, - vieram dizer-nos, com os seus versos encantadores, que este primeiro objetivo se realizou por inteiro.

Segundamente, mas também com principalidade, - quisemos, desde logo, mal começada de viver, - projetar a nossa Academia de Letras, afirmando-lhe a personalidade atuante, como o dinâmico espírito de sua legenda – *Patriae Litteras Colendo Serviam*. Não por presunções estreitas ou ridículos propósitos de aparecer por aparecer; mas por mostrar a todo o Brasil que também Ilhéus decidira formar entre os que lutam, concretamente, pelas coisas da inteligência e da cultura.

E o objetivo de agitar essa verdade, nos parece igualmente alcançado, através de todo o processo a que tem estado submetido o Concurso das *Chaves de Ouro*, desde o seu lançamento, há seis meses, até o instante memorável que se nos depara, da entrega dos *Prêmios Cidade de Ilhéus*.

O terceiro e não menos importante objetivo, - foi o de render culto de admiração e afetivo apreço ao grande poeta Guilherme de Almeida, levado, em pleito luminoso de sentimento estético, às culminâncias do principado da poesia no Brasil. E era necessária, culturalmente justa, essa homenagem a quem,

como Guilherme de Almeida, está situado, definitivamente, como força viva das mais poderosas e brilhantes da poesia brasileira.

E também este objetivo com certeza estamos realizando.

Assim, estávamos contribuindo para singular comemoração do 79º aniversário da cidadania de Ilhéus, através da notícia de que Ilhéus tem a sua Academia de Letras e, o que era sobremaneira significativo, - tal comemoração e tal notícia se objetivavam à base de um elemento espiritual eloqüente, qual o da homenagem ao Príncipe dos Poetas Brasileiros, - com instrumento adequado aos méritos inequívocos de sua sensibilidade artística: os sonetos de vários poetas fechados pelas chaves de ouro que o poeta mestre imaginara.

De feito, apesar de bem conhecido o sistema dos concursos literários, - este nosso nos tem o sabor de coisa absolutamente original, em que pese aos juízos da crítica excessivamente rigorosa. Mas, é como se, agitando as onze flâmulas de luz do vate emérito, nos fizéssemos de antessignano de novo ideal artístico, através destes Brasis, a convocar os aedos da estesia e da beleza.

E aqui está o em que resultou a nossa primeira experiência acadêmica travada no campo das batalhas florais do pensamento pela emulação da sensibilidade estética: foram 128 poetas, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul, que nos vieram em 1.408 peças de expressão artística destinadas ao prélio magnífico. Os trabalhos desses concorrentes sofreram o julgamento criterioso e sereno de uma comissão de autoridades incontestes nos domínios intelectuais do Brasil: Manuel Bandeira, o fino mestre de

literatura, Álvaro Moreira, o delicioso cronista e poeta, ambos da Academia Brasileira de Letras, e ainda Antonio Olinto, crítico e professor de literatura dos mais autênticos e excelentes do Brasil contemporâneo.

Mas é hora de indagar sobre cada um dos vitoriosos no concurso das Chaves de Ouro sob o prêmio *Cidade de São Jorge dos Ilhéus*.

O terceiro colocado - Osório Dutra

Estreou na vida literária com o *País dos Deuses*, publicado em 1921. Seguiu-se-lhe uma obra ampla e fecunda, de mais de vinte criações, não obstante os encargos diplomáticos, em cuja vida penetrou, através de brilhante concurso, em 1918. Como conseqüência, porém, abandonou o jornalismo, em cujos labores se iniciara nas colunas de *O Século*, de Brício Filho, e do *Correio da Manhã*, de Edmundo Bittencourt. Poeta de encantadora inspiração lírica, Osório Dutra conquistou, por duas vezes, os lauréis acadêmicos: - em 1929, com *Castelos de Marfim* - prêmio de poesia, e em 1946, pelo conjunto de obras, quando levantou o prêmio Machado de Assis, ambos da Academia Brasileira de Letras. Da sua excelente e volumosa bibliografia, podemos salientar *Inquietação*, *Dentro da Noite Azul*, *Silêncio, doce Silêncio*, *Terra da Gente*, *Tempo Perdido*, *Emoção*, *Sombras da Vida*, *Terra Bendita*, e *Des Roses Pour Margot*. É membro dos mais ilustres da Academia Carioca de Letras.

Quanto a nós, particularmente, somos levados a querer bem e admirar Osório Dutra, quando por mais não fosse, pelo culto indormido, de inspiração e be-

leza, que o seu espírito de poeta sempre rendeu à nossa Bahia. Apesar de não ser baiano, tem pela Bahia verdadeiro devotamento artístico, a ponto de lhe haver dedicado um dos livros mais importantes, como criação lírica e estética: - *Bahia dos Meus Pecados*. Desde o título da obra transparece o carinho, o afetivo enleio pela idéia da Terra, que ele, não satisfeito, acaba de cantar em versos recentes, tocados de emoção generosa e mística, e enviados a esta Academia, dentre uma coletânea de sete sonetos. Tomemos um deles:

A MAIS BELA

Não falta na Bahia coisa alguma!
Nem mesmo um dadivoso tom de opala!
Quando com ela a gente se acostuma
é um gosto francamente namorá-la.

Na transfiguração com que nos fala
Há milagrosas pérolas de espuma.
Vi cidades do golfo de Bengala,
como a Bahia nunca vi nenhuma.

Para fazê-la em síntese a mais bela
foi que inspirados com ardor profundo
todos os santos se encontram nela.

E quanto mais as emoções confundo,
mais sinto que a Bahia nos revela
os maiores prodígios deste mundo".

Mas, se quisermos vê-lo psicologicamente, aprofundar a generosidade que lhe é, sem dúvida, a própria essência da vida, ouçamo-lo neste magnífico

soneto com que desenvolve a chave-tese de "a mentira da vida e a verdade do sonho", sétimo dos onze com que se apresentou no concurso.

Quanta pureza de sentimento, quanto sentido de solidariedade humana... porém, sobretudo, quanto desprendimento de si mesmo!

Ouçamo-lo:

Não acuso ninguém, nem me queixo de nada.
Vivo do meu trabalho e da minha esperança,
contente por saber que em cada madrugada
um suspiro de amor as árvores balança.

No mistério da sombra ou à margem da estrada,
não procuro jamais o que nunca se alcança.
Tenho no coração uma noite estrelada
e não sei até hoje o que seja a vingança.

Desconhecendo a inveja, a cólera e a maldade,
falo constantemente aos homens mais diversos
com profundo pudor e piedosa humildade.

Em tudo quanto faço o melhor de mim ponho,
e envelheço, feliz, bendizendo em meus versos,
"a mentira da vida e a verdade do sonho".

Tivéssemos a capacidade de um ensaísta, analista ou crítico literário, e seríamos levado a compor toda uma obra inspirada, somente, no estudo da essência, da forma e do conteúdo destes dois versos, magníficos de lirismo, de panteísmo, de simbolismo, do que seja, afinal, que a incapacidade de nossa linguagem não exprime, não pode definir: -

Contente por saber que em cada madrugada
Um suspiro de amor as árvores balança.

Convenhamos que isso é coisa, apenas, para sentir e que foge a qualquer esforço interpretativo: sente-se e não se define, e até para senti-lo é preciso que se tenha a capacidade de encarnar todo o amor e toda a beleza da vida.

Segundo colocado - Edmundo Costa

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, - é assistente do consultor jurídico do Banco do Brasil.

Colaborou em prosa e verso, em *O Malho* e *Fon-Fon*. Colabora em *Alterosa*, de Belo Horizonte-MG, *Brasilidade*, de Santos-SP, além de em vários órgãos do Rio e de outros Estados.

Apesar de suas atividades profissionais específicas, absorvido, naturalmente, no estudo e aplicação dos postulados e leis das Ciências Jurídicas, - é um encantado da poesia, dentro de cujos domínios tem maravilhosas criações. Tanto que os frutos opimos de sua inspiração constituem material para várias obras em versos, mas também conta produções em prosa, igualmente valiosas. Por modéstia ou por quaisquer outras razões, - a verdade é que Edmundo Costa ainda não decidiu editar-se em livro. Contudo, - excelências de sua criação artística se encontram em livros de diferentes e consagrados autores, - especialmente suas traduções, como em: *Poesias Escolhidas* de Paul Verlaine, organizado por Onestaldo Pennafort;

na *Antologia de Poetas Franceses* de R. Magalhães Júnior; no livro *O Soneto de Anvers*, do escritor Melo Nóbrega; no livro *Nosso Senhor e Nossa Senhora* na Poesia Brasileira,de Da Costa e Santos.

Tem colaborado com assuntos jurídicos em revistas especializadas.

Tomou parte em três concursos literários e foi laureado em todos.

1º lugar – com a tradução do soneto *Parábolas*, de Paul Verlaine, - concurso da Revista AABB.

1º lugar – no concurso de sonetos promovido pela Academia Petropolitana de Letras.

2º lugar – no concurso de sonetos das *Chaves de Ouro*, este de sentido eminentemente filosófico, sob a tese de "Tua essência que é tudo em meu todo que é nada".

A RAZÃO

A Razão, como um facho esplêndido fulgura
No fundo do meu ser, que ela abrasa e ilumina,
E, límpido clarão, rutilância divina,
Valoriza e enobrece esta carcaça impura.

Faz da matéria bruta a sublime criatura,
O animal superior, que pensa e raciocina;
Põe no cérebro inerte a idéia cristalina
E a besta primitiva exalta e transfigura.

Bendita sejas tu, mirífica lanterna,
Que na noite sem lua acendes a alvorada,
Que pões a luz do sol na lúgubre caverna.

Bendita seja, em mim, tua efusão sagrada;
Em meu corpo mortal, tua presença eterna;
"Tua essência que é tudo em meu todo que é nada!"

Primeiro colocado - Bruno de Menezes

Poeta, romancista e ensaísta, Bruno de Menezes é considerado pela crítica unânime, uma das mais vigorosas expressões da Amazônia. E a maneira com que toda a imprensa do Pará noticiou a vitória de seu grande poeta, nos dá a medida suficiente do júbilo imenso daquela gente, em face da expressiva ocorrência. *Folha Vespertina*, *O Liberal* consagram colunas e colunas ao grande acontecimento, - ressaltando a vida e obra de Bruno de Menezes. Para dizer de Bruno certamente não valem palavras simplesmente derramadas. Os títulos que lhe definem a personalidade de intelectual militante e prestigioso, bastam para transmitir-nos uma compreensão, tanto quanto possível exata, acerca do valor exponencial do pensador patrício que conquistou o primeiro prêmio do *Concurso da Cidade de São Jorge dos Ilhéus*.

Bruno de Menezes pertence ao Instituto Histórico do Pará e à Academia Paraense de Letras e participa de outros institutos de cultura. É membro correspondente da Academia de Letras de Ilhéus. Intensa e fulgurante é a sua bibliografia, - donde se distinguem como obras realmente valiosas *Batuque*, em quatro edições, *Bailado Lunar*, *Poemas para Fortaleza*, *Crucifixo*, *São Benedito na Praia*, dentre muitas outras criações.

A vitória de Bruno de Menezes no *Concurso de Chaves de Ouro* é uma esplêndida coincidência, por-

que as letras nacionais, especialmente a poesia e, em particular, o folclore do Pará e o espírito luminoso e eterno da Amazônia festejam, neste 1960, os 40 anos de poesia de Bruno.

É como diz um dos conhecedores da vida e da alma do poeta, jornalista, ensaísta e crítico: -

> *Bruno de Menezes é produto autêntico de seu próprio esforço. Proletário emancipado, tendo iniciado a vida como gráfico, estreou nas letras em 1920, com Crucifixo, versos simbolistas.*

Ao passo que *O Liberal,* de Belém do Pará, abrindo a entrevista intitulada: - *Bruno conta como se inspirou para os onze sonetos*, assim notícia:

> *Continua tendo repercussão nos meios intelectuais de nossa terra, o prêmio obtido pelo poeta conterrâneo Bruno de Menezes, como primeiro colocado no concurso instituído pela Academia de Letras de Ilhéus, denominado Prêmio São Jorge dos Ilhéus, ao qual concorreram as maiores expressões do poetismo brasileiro. Honrando as tradições de nossa terra, o poeta Bruno de Menezes, que é membro da Academia Paraense de letras, apresentou onze sonetos com as chaves de ouro sugeridas pelo poeta Guilherme de Almeida, os quais receberam os maiores elogios por parte da comissão julgadora.*

Bem, caros ouvintes, já é hora de terminar esta lengalenga, sem qualquer mérito além do pobre esforço para saudar Bruno de Menezes, Edmundo Costa e Osório Dutra, em nome da inteligência e da própria

alma de Ilhéus, - em nome da nossa Academia de Letras.

Aqui poderíamos dizer, como João Ribeiro, ao ingressar na Academia Brasileira de Letras e ter de falar sobre Luís Guimarães Júnior, a quem sucedia:

> *Essa a minha grande alegria; mas, - para que ocultá-la – ela está penetrada pela tristeza de uma grande humilhação – a quem me cabe de suceder àquele suave e melodioso poeta que foi Luís Guimarães Júnior. Sinto agora que este lugar deveria ser ocupado não por um estudioso nem por um espírito voluntarioso talvez, porém amargo e rude – mas por outro grande poeta como ele foi, por outra grande estrela capaz de salvar do caos o seu sistema agora abismado na inércia insondável. Eu sinto que vou falar de poeta sem a dignidade necessária, sem a capacidade mesmo de senti-lo e compreendê-lo. Eis a minha primeira e grande humilhação.*

Mas, nem eu sou João Ribeiro, - pobre de mim, nem se trata de que tenha eu de ocupar o lugar de um poeta, - embora me veja na terrível situação de encarar modernos êmulos de Luís Guimarães Júnior, embora tenha de saudar poetas.

Eis, pois, a minha, - primeira não, - como foi a de João Ribeiro, - porém toda a minha humilhação: falar de poetas e a poetas sem a capacidade de sentí-los e compreendê-los.

Vamos, pois, terminar.

Permita-se-nos antes, porém, um honesto conselho: se quisermos penetrar melhor e mais profundamente a alma e a sensibilidade estética de Bruno

de Menezes, procuremos conhecer-lhe a obra, beber, com ele, o divino licor de sua inspiração, perquirir-lhe mais intimamente o vigor e a beleza da criação admirável.

Que pujança e que riqueza de expressão no ritmo gingante de bamboleios onomatopaicos de folclore saracoteado, fremente, coleante, destes versos da *Alma e ritmo da Raça*, com que abre *Batuque*:

A luz morde a pele de sombra e os cabelos
Lustrosos quebrados da cor sem razão.
E os seios pitingas, o ventre em rebôjo,
As ancas que vão num remanso rolando
no tombo do banjo
.....- E mais adiante –
E os braços se agitam, se afligem batendo,
As coxas se apertam, se alargam, se roçam
Os pés criam asas coando pousando
As mãos vão palpando o balanço dos quartos
Subindo pra nuca com os dedos fremindo
Rolando o compasso no fim da cadência.

E o branco sentindo xodó pela preta
Agüenta a marêta gemendo no fungo,
Bem quer e não pode mas vai de teimoso
Se acabar no rebôlo da bamba africana.

A luz morde a pele de sombra e os cabelos
Lustrosos quebrados da cor sem razão.
Também se fartou de cheirar cumarú
Nos bicos dos peitos da preta inhambú.

São pedaços emotivos do Brasil enfeixados nos maravilhosos poemas do *Batuque*.

Mas, se a gente quer ainda sentir o estro de Bruno de Menezes, que não arrefeceu nem mesmo diminuiu a

fecundidade de imaginação que continua vigorosa nos dias atualíssimos, apreciemos este quadro de lirismo bucólico, de magnífico poder descritivo, como inefável unção do poeta na hora por excelência da poesia. É o soneto com que ele encerrou a sua inspirada contribuição ao *Concurso das Chaves de Ouro*. E é também com esta chave de ouro de Bruno, através da última chave de ouro de Guilherme de Almeida, que vamos fechar esta sincera embora modesta saudação da Academia de Letras de Ilhéus, aos vencedores do nosso primeiro concurso literário.

Admiremos a beleza destes versos:

O ouro do sol se faz violáceo e em nuances, desce
cromatizado, ungindo a verde paz dos campos.
Hora em que vésper vem rezar etérea prece,
ao lampejo fugaz da asa dos pirilampos.

Ilumina-se o palco astral nos céus escampos,
Quando o sol-posto se incendeia e empalidece.
Fendem-se os véus do poente em brilhos luci-lampos;
e a Noite – olhar de monja – o crepúsculo tece...

Recolhem-se ao redil os rebanhos... Flutua,
no ar balsâmico, a luz imprecisa da lua.
Na pastoral do ocaso há visões de baladas...

E ao cerrar-se o cenário ao fim da alegoria,
na face exul da Noite, impassível e fria,
- "Cai o pano final das pálpebras fechadas..."

SAUDANDO A BARBOSA MELO EM NOME DA ACADEMIA DE LETRAS DE ILHÉUS

Ilhéus,
29.03.1960

Prezado Barbosa Melo:

Francamente, - se não fosse uma exigência, talvez puramente formal, embora, nem por isso, menos digna de apreço, e se, do mesmo passo, a mim não me houvesse a Academia de Letras de Ilhéus imposto a tarefa de saudar Barbosa Melo, e eu, com certeza, preferiria estar longe desta tribuna. Não estaria aqui e agora a tomar as atenções de todo este auditório. Sim, porque não me parecem muito felizes e adequadas certas decisões da Academia, sobretudo quando atribui determinados ofícios a elementos desajeitados. Com efeito, é preciso convir em que isso de levantar saudações, em boas vindas, em coisas assim como rapapés e salamaleques, - mesmo diplomáticos ou acadêmicos...

Verdade que nem Barbosa Melo necessita de rapapés nem seria para considerar salamaleque a saudação desta Academia a um dos seus novéis elementos, a um seu membro correspondente. E tal é a relação entre Barbosa Melo e a Academia de Letras de Ilhéus.

Se, todavia, não é possível nem fora justo, aqui e agora, dispensar uma palavra de saudação a Barbosa Melo, - que seja essa palavra dita exatamente por mim ou através de mim. Por mim ou através de mim,

que o conheço há quantos e quantos anos, embora também há muitos e muitos anos tenhamos perdido a convivência e, na verdade, vivemos, nós ambos, qual a qual para o seu lado.

Mas é, exatamente, o meu conhecimento de Barbosa Melo, só por só, a razão deste papel, que ora represento, em nome da jovem Academia de Letras de Ilhéus.

Verdade que, quando eu conheci Barbosa Melo, vai para três décadas, não era ele, ainda, nem por sombra, o que hoje é. Ele, com efeito, não tinha a importância, não tinha a expressão que hoje tem. Porque Barbosa Melo é, nos dias que correm, um dos mais positivos instrumentos humanos das forças produtivas e espirituais, intelectuais e, conseqüentemente, materiais, da sociedade brasileira. Instrumento consciente e, o que é mais importante, instrumento dinâmico dentro das forças motrizes, que são as idéias nacionais em marcha, penetradas no seio das massas, para o futuro radioso e magnífico.

E o que a gente diz aqui de Barbosa Melo não é, certamente, simples elogio de encomenda, sem consistência, sem conteúdo e sem objetivo: - um dizer por dizer, convencional e vazio, ou embrulhado nessa desmoralizada técnica de elogio mútuo, das "igrejinhas", ou da pura e ridícula demagogia, do crasso charlatanismo.

Não. Nada disso. Porque Barbosa Melo é um elemento de positiva expressão e de utilidade autêntica. Distingue-se pelo trabalho intelectual honesto e pelo significativo trabalho material em favor das causas mais justas da nossa literatura, - sobretudo no sentido da mais ampla divulgação no campo nacional, mas também e especialmente, no campo internacional, -

da nossa produção espiritual.

Ninguém, pois, é claro, poderia negar-lhe o título, não o título abstrato, ou puramente formal, de benemérito das letras nacionais, porém, o título concreto, afirmativo, de operário distinto da produção intelectual e, por conseguinte, da produção material, também, do Brasil contemporâneo.

Periodicista honesto, que nos fornece regularmente este órgão de encantadora educação intelectualista – *Leitura*; editor limpo e caprichoso, que nos tem dado obras notáveis, a última das quais é a editoração dessa *Obra Poética,* de Sosígenes Costa, que é realmente poesia; - divulgador e propagandista sincero de nossa produção literária e artística, através desse maravilhoso *Panorama Cultural del Brasil*, - no que é eficientemente ajudado pelo trabalho de sua excelente companheira Iris Barbosa Melo, - o nosso Barbosa Melo honra a literatura e todas as coisas do pensamento, no Brasil.

E é por isso que conceituamos Barbosa Melo, à luz do mais autêntico e fecundo pensamento dialético, - um verdadeiro operário das forças produtivas da inteligência, neste nosso Brasil que vai caminhando para objetivos luminosos e magníficos.

Barbosa Melo, - que deixou esta cidade, legando-nos o *Livro de Ouro de Ilhéus*, - volta-nos agora realizado e mais enriquecido de sonhos e de experiências, trazendo-nos as *Obras Poéticas* deste fabuloso Sosígenes Costa.

Dele e deles é agora a cidade, esta cidade pequena e quase secular, a que tanto amamos.

Aceite, Barbosa Melo, o afetuoso aperto de mão da Academia de Letras de Ilhéus, que se orgulha de tê-lo como um dos seus mais ilustres representantes.

E é justamente por isso que, nesta singela homenagem, queremos significar o ato de sua posse como um dos membros correspondentes desta Academia.

CENTENÁRIO DE JOÃO RIBEIRO
SAUDAÇÃO AO SR. JOAQUIM RIBEIRO

Ilhéus,
15.10.1960.

Exmas. Senhoras
Exmos. Senhores
Ilustres Acadêmicos
Senhor Joaquim Ribeiro

- Póiva pôca, chumbo inté a bôca!

De propósito, queremos iniciar esta desarrazoada lengalenga com um provérbio que a gente ouve no meio de irmãos camponeses. Também eles, ou principalmente eles, nos âmbitos mais simples, talvez mais obscuros da sociedade, criam esplêndidos padrões de sabedoria. E, paradoxal ou absurdo que se nos afigure, a verdade objetiva é que o povo constitue a fonte inesgotável e perene da sabedoria humana. É atentar na expressão magnífica deste autêntico aforismo – *póiva pôca chumbo inté a bôca* – e reconhecer a exatidão rigorosa de um pensamento moral e filosófico de rara beleza, mas, sobretudo, de rara sabedoria.. Nem lhe falta, a esse anexim dos nossos irmãos matutos, - a força psicológica do sentimento no maravilhoso poder de síntese: "*poiva pôca, chumbo inté a bôca!*" Se perguntarmos aos homens dos sertões ou das matas donde e como lhes veio esse adágio, - qualquer deles responderá: "Num seio, moço, mas poréns

que é certo é certo!".

De feito, quando o caçador tem pouca pólvora supre a deficiência do explosivo com chumbo para que fique a carga projétil aumentada consideravelmente. – Pólvora pouca, chumbo até a bôca... até a bôca da espingarda, é claro. E do sentido material do fato, generaliza-se-lhe a idéia, transmuda-se-lhe a significação no campo social, político, econômico e, particularmente, moral... para atingir o filosófico. Assim nós, neste momento e nesta conjuntura - estamos desprovidos de inteligência e de sabedoria, suficientes para a tarefa que ora se nos impõe. Mas então é forçoso compensar essa deficiência. Como, porém? O problema se resolve através das indicações luminosas do singular provérbio: - se é pouca a pólvora do espírito, se é insuficiente o explosivo da imaginação criadora, força é carregar no simples dizer-por-dizer... contanto que as tonalidades objetivas da palavra, os acentos da expressão, bem ou mal plasticizada, consigam suprir a essência das idéias, o vigor do pensamento, a inspiração que falta. E, em pura verdade, isso não é falsa modéstia como da própria mentira. Somos, mesmo, dos que admitem como perigosas as honras imerecidas. As honras imerecidas são sempre perigosas porque permitem desejar os bens imerecidos.

Por isso, então, é que tomamos na devida conta e com especiais cuidados a análise do despautério talvez desta atribuição que mal me cabe de interpretar os sentimentos da Academia nesta conjuntura.

Assim como assim, porém, se é dever que se nos impõe, não há fugí-lo sem desonra, certo, mais inconseqüente do que a honra imerecida.

Perigo por perigo, tomemos aquele porventura

menos imoral: enfrentemos o perigo da honra imerecida para não cairmos na indignidade da deserção, que seria a desonra.

Pelas artes e através da arte é que podemos conhecer intuitivamente a vida e o universo. Claro que, nesta afirmação, não havemos de confundir o conceito dialético de arte com o anti-natural e vazio conceito fixista de arte. Não se trata de estreita visão mental da arte pela arte. Nem por isso mesmo, queremos significar a supremacia da arte em relação a todos os outros valores. Não se trata daquela estética da vida de Graça Aranha, para quem o universo só pode ser entendido, interpretado como função estética do nosso espírito"... e para quem "A filosofia que não é arte não será vida". Realmente, não é isso a verdade objetiva que desejamos exprimir quando afirmamos que o conhecimento intuitivo da vida e do universo, nos vem, exatamente, pela arte e através da arte.

Queremos, de fato, significar que a concepção da vida e do universo, isto é, a filosofia, se afirma através da expressão artística, e, pois, da realidade estética. E, é claro, se a filosofia, como um produto da vida, não pode estar fora da própria vida, - também a estética – produto que é da vida – está naturalmente condicionada ao tempo e ao espaço, por conseqüência, às forças históricas da natureza e da vida.

Verdade que a arte é valor de tal natureza singular, expressão fenomênica realmente única, entidade espiritual tão inequiparável, que não comporta, não admite qualquer definição.

Mas a arte, que também não deixa de ser material, porque é vida, embora não se defina, pode ser

caracterizada. Caracterizada de acordo com as obras que produz. E caracterizada, igualmente, pela verdade histórica, de acordo com o valor, a expressão e o poder dinâmico de cada elemento na estrutura do fenômeno artístico: - o criador, a obra e o observador.

Eis porque a manifestação estética se torna sempre instrumento da psicologia objetiva na história: - psicologia objetiva de cada época, de cada momento, de cada região, de cada povo, - em síntese, de cada realidade social.

Nem seria, por isso, autenticidade histórica de sentido rigorosamente dialético, em relação à arte, o trabalho interpretativo ou simplesmente expositivo que fugisse das relações de tempo, de espaço, de causas e fatores vários que condicionam o fenômeno artístico.

Aqui, todavia, oportuno será advertir o espírito do estudioso para uma verdade que se afigure paradoxal quanto ao processo histórico da arte: e é a de que nem sempre "determinados períodos do florescimento da árvore estão, em absoluto, ligados ao desenvolvimento geral da sociedade, nem, por conseqüência, à base material, que é, de certo modo, o esqueleto de sua organização". Este, como se vê, não é um conceito fixista, rígido e anti-natural, mas um conceito rigorosamente ditado pelas fecundas leis do pensamento dialético.

Com efeito, - se quisermos remontar à arte pré-histórica, - a arte dos tempos primitivos da humanidade, vamos ver que, mesmo antes da própria escrita, floresceu a arte, através da pintura e da escultura, que surgiram, talvez, simultaneamente. Embora tosco, rudimentar e porventura ingênuo, o estilo artístico refletia já efeitos de claro realismo. Conside-

remos, por exemplo, o célebre conjunto que decora a abóbada natural da caverna de Altamira, na Espanha. É arte da Época Glacial, mas revela notável beleza, vigor e esplêndido sentido realístico, sobretudo no desenho, mas, igualmente, no colorido e no movimento. Apreciemos, na mesma ordem de considerações, agora pelos começos do ano de 5000 antes da Era Cristã, - o advento da prodigiosa arte egípcia, - que se desenvolveria por três brilhantes períodos – menfista, tebano e saíta, para ainda prolongar-se pela época denominada dos Ptolomeus. Passemos pelas manifestações da arte na Caldéia, na Assíria, na Pérsia. Contemplemos as sugestivas criações da arte chinesa e japonesa. Detenhamo-nos no gênio de Hokusai, considerado "o mais célebre dos pintores nipônicos, e, provavelmente, um dos artistas mais notáveis de todas as épocas". Que diremos, porém, da arte pré-colombiana, que foi instrumento da inspiração maravilhosa e da sensibilidade estética dos povos que habitaram este continente e que se estenderam ao longo de toda a civilização haua? Os toltecas, os astecas e os maias? Os totonacas e huastecos? Os tarascos e zopotedas? Os huacos famosos que simbolizaram a civilização chimu e os incas, a realizarem uma arte que os torna irmãos dos gregos?

Indaguemos da história por que Fídias atravessa os séculos infinitos como símbolo genial de toda a arte grega.

Nessa magnífica sucessão de fatos e de observações através de toda a evolução da arte, cheguemos aos nossos dias. E vejamos porque as manifestações artísticas encerram elementos concretos da história e da psicologia social da humanidade.

Se, porém, todos os valores artísticos refletem

as condições históricas do povo, do momento e do meio em que se produzem, certo e claro também é que, não raro, se desliguem, ao menos quanto à percepção, do desenvolvimento geral da sociedade. Estão como desapoiados da base material que significa o esqueleto, aliás a infra estrutura da própria organização social. E é em conseqüência dialética desse, como paradoxal contraste ou dessa contradição entre a obra artística e o período histórico em que se objetiva, em conseqüência dessa contradição aparente, que toda produção artística encarna, sempre, o sentido de mensagem. Mensagem de inteligência, de cultura e de sensibilidade às gerações futuras. Mensagens luminosas e excelentes, como as que nos herdou a fecunda mentalidade de João Ribeiro.

Só a linguagem da arte convém ao espírito do artista.

Filólogo e didata, folclorista e mestre de dramatologia, - Joaquim Ribeiro é, sobretudo, um esteta.

E esteta da arte mais encantadora, mais difícil e mais completa, - a arte da palavra, a estética da linguagem.

A sensibilidade artística de Joaquim Ribeiro se afirma, realmente maravilhosa e triunfante, segura e convincente, na arte de falar, isto é, na arte de bem falar. E falar, bem, aqui e agora, não é falar complicado, difícil ou arrevesado, nem é o falar impenetrável, o falar hermético dos preciosistas artificiosos e pedantes. Falar bem é, fundamentalmente, falar claro e preciso, vigoroso e harmônico. Propriedade e nobreza, correção sem rebuscamentos inúteis, falar para que todos sintam e vivam as expressões emocionais da palavra e penetrem fundo e logo a alma do pensamento que se exterioriza.

Filho e, além de tudo, discípulo do grande João Ribeiro, o luminoso espírito que a Academia de Letras de Ilhéus ora apresenta à cultura, à inteligência e à sensibilidade emocional de nossa terra, - Joaquim Ribeiro tem uma obra, talvez sem maiores pretensões, mas sincera, honesta e efetivamente muito prestimosa, dentre suas excelentes produções. É o sugestivo estudo sobre a *Estética da Língua Portuguesa*, curioso trabalho de pesquisa e interpretação, através do qual expõe tanto quanto informa, contribui para a erudição como para a cultura da língua que falamos e bem-queremos. Um trabalho valioso, de importância inquestionável para mestres e estudiosos, trabalho, sobretudo, que abre esplêndidas perspectivas ao campo da linguística. Pelo menos no que concerne à língua portuguesa.

E é Joaquim Ribeiro que nos vem falar, exatamente, da vida e da obra de João Ribeiro, sem dúvida dos espíritos mais vigorosos e claros de quantos tem o Brasil produzido. Gramático, historiador, filólogo, criador fecundo e eminente exegeta, é notável como crítico e também como poeta. Os variados labores intelectuais de João Ribeiro trouxeram preciosa contribuição à literatura nacional. Nasceu em Laranjeiras, de Sergipe, a 24 de maio de 1860. Eis porque o Brasil realiza comemorações do seu centenário de nascimento. Viveu 74 anos, menos um mês e onze dias. Tempo suficiente para produzir obra magnífica, embora não tenha deixado criações de que era capaz a sua inteligência, a sua cultura, o seu espírito de esteta admirável. Dele se publicaram: *Estudos Filológicos*, *Gramática Portuguesa*, *A Língua Nacional*, *Autores Contemporâneos*, *História do Brasil*, *Frases Feitas*, *Páginas de Estética*, *O Fabordão*, *Floresta de*

Exemplos, *Versos*, *Cartas Devolvidas* e alguma coisa mais.

Graças a esse poder criador e a essa fecunda originalidade é que tudo quanto o espírito de João Ribeiro produzia tomava logo as características de verdadeiras mensagens. Suas produções eram, realmente, mensagens de ciência, de arte e de filosofia. E de todas as mensagens que o pensamento audaz e radioso de João Ribeiro nos transmitiu e nos legou, - nenhuma talvez com a profunda significação da que levantou a bandeira da libertação da língua nacional.

> *Não podem, sem mentira e sem mutilação perniciosa, sacrificar a consciência das nossas próprias expressões. Corrigí-las pode ser um abuso que afete a sensibilidade imanente a todas elas. Os nossos modos de dizer são diferentes e legítimos, e, o que é melhor, são imediatos e conservam, pois, o perfume do espírito que os dita.*

Assim é o magistral conceito de João Ribeiro sobre a língua nacional. E, mais adiante, para corroborar:

> *Em geral, todas as mutilações por amor da vernaculidade (ou antes, de portuguesismo) envolvem qualquer sacrifício d'alma, destróem os meios-tons e os matizes criados sob a luz e o céu americano.*

Assim é João Ribeiro, a reivindicar a soberania da língua nacional, a autonomia do idioma que falamos no Brasil. Autonomia tanto mais justa e necessária quanto melhor exprima as idéias, os pensamentos,

as emoções do povo brasileiro, de acordo com o espírito, o gênio, a autenticidade psicológica de nossa gente. Autonomia, sobretudo, no aspecto sintático, estilístico, porque, inclusive, concorde com as leis incoercíveis da semântica ou semasiologia. Autonomia cultural que se forja ao calor da própria vida e da dinâmica social.

Nisso, como em tudo que de progressista, clarividente e fecundo, em filologia e linguística, o espírito de João Ribeiro criou, - combinam as nossas opiniões, os nossos pontos-de-vista filosófico, científico e patriótico.

Somos, realmente, decididamente, pela necessidade da gramaticalização dos nossos termos, dos nossos modismos, das peculiaridades espirituais, artísticas e culturais da palavra brasileira, através da língua que herdamos, porém que modificamos e enriquecemos. Somos pela definição e regulamentação da sintaxe brasileira da língua portuguesa. Porque não é possível, de fato, que a língua de menos de 10 milhões de indivíduos, numa estreita faixa territorial de menos de 100 mil quilômetros quadrados, em condições de meio, de povo, de história peculiares e, a bem dizer, estratificadas porque milenares, - possa tal língua exatamente como funciona dentro na realidade social e psicológica de Portugal, - servir de instrumento à expressão ideológica e cultural de um povo de 70 milhões de indivíduos, em laboratório demográfico e espiritual verdadeiramente dinâmico, em clima diverso, numa complexa vastidão geográfica de 8 milhões e 500 mil quilômetros quadrados. Em realidade social histórica diferente, ainda mais um idioma aqui sensivelmente modificado por fatores prosódicos, ortoépicos e, particularmente, sintáticos

e estilísticos. Não é possível que o idioma português de Portugal se use e se realize no Brasil, pelo menos em função do pensamento brasileiro, da coincidência, da alma e das emoções do povo brasileiro.

Não se trata, é claro, de destruir a língua portuguesa. Seria despautério ou pura necedade. Pelo contrário – trata-se de vitalizar a língua, adequar, fortalecer e aprimorar o idioma dentro na realidade cultural da gente brasileira.

Sim, porque assim como a pintura e a escultura, a arquitetura e a música, também a literatura é arte.

E a literatura é, talvez, no domínio da arte, o elemento mais excelente, mais vivo, sobretudo mais dinâmico.

Literatura é arte: - arte que se exprime por meio da palavra-falada ou escrita.

Mas, para ser arte, é preciso que a palavra não atenda só à idéia, ao pensamento, senão também, e principalmente, considere a forma, o sentimento, a emoção, o amanho artístico, - o estilo, portanto.

Assim, em sentido restrito, é justo definir a literatura como "o conjunto de produções intelectuais destinadas a despertar o sentimento do belo pela perfeição da forma ou excelência das idéias".

Eis que cada povo tem a sua literatura, - porque, o fundamental, a literatura é o repositório de documentos da mentalidade, aliás das produções intelectuais de um povo.

A literatura, como elemento dinâmico, reflete, com efeito, os sentimentos, a psicologia, o espírito ou a consciência do povo, isto é, a alma nacional do povo.

E é precisamente essa verdade científica o que explica o fato de haver diferentes literaturas nacio-

nais expressas numa só linguagem ou idioma. São exemplos, a literatura argentina, a literatura cubana, a literatura mexicana e tantas outras que, sendo expressas na língua espanhola, não se confundem com a literatura espanhola, e, mesmo, diferem historicamente, psicologicamente, emocionalmente entre si. Assim, as literaturas de língua inglesa e norte-americana, para não falar em tantas outras literaturas de língua inglesa. Se naquele como neste caso a língua é a mesma, diferentes são os sentimentos, as emoções, o sentido de certas palavras, o espírito de muitos termos.

Significa, tudo isso, que a literatura de um povo está, necessariamente, condicionada aos fatores históricos, econômicos, sociais, morais, psicológicos do mesmo povo: - os usos, os costumes, os elementos dinâmicos de sua história, a situação geográfica, o clima, os elementos étnicos, o caráter nacional de cada população.

Por isso, os fatores essenciais da literatura: - língua, língua estilizada pela arte, alma nacional, mentalidade nacional contínua podem fundir-se na trilogia de Taine: - raça – meio – momento, - claro que encarada dialeticamente essa trilogia.

Eis porque julgamos da mais alta importância e de profunda significação, o sentido nacionalista, nacionalista no sentido exato, - dinâmico e progressista, dos labores artísticos, literários e científicos de João Ribeiro, - no campo da linguística e, particularmente, no domínio da literatura, em relação à realidade histórica da alma e da vida brasileira.

Agora mesmo, temos a notícia da última e valiosa obra de Joaquim Ribeiro: obra, sobretudo, de cultura, de sistematização e de definição sobre um dos

mais apaixonantes e esplêndidos setores dos conhecimentos linguísticos – *História da Romanização da América* é obra destinada a prestar inestimáveis serviços aos estudiosos dos problemas culturais da língua latina em relação à América. É um trabalho verdadeiramente original, e tem o mérito de ser o primeiro, neste campo de conhecimentos e nessa encantadora especialidade, em toda a América.

Confessamos, honestamente, embora contristados, que ainda não estamos em condições de emitir opinião, modesta, mesmo, como não, aliás, todas as opiniões dos apedeutas... não podemos falar sobre *História da Romanização da América*, visto como ainda não temos a felicidade de conhecê-lo.

Mas, atencioso auditório, - não é para tais digressões que estamos aqui e agora.

Sugere-nos estas considerações o espírito do homem e da obra, cujo mais vivo conhecimento nos vem trazer a palavra magnífica e primorosa de Joaquim Ribeiro. De Joaquim Ribeiro que, como o pai insigne – é artista da palavra e palinuro, também, dos novos ideais linguísticos e literários.

É operário ilustre e especializado, sobretudo capaz no trabalho de construção da sintaxe estilística brasileira. Digno da empresa histórica, eminentemente sociológica e cultural em que se distinguiu o espírito singular de João Ribeiro, seu pai e mestre, nosso eminente professor e amigo da grandeza e do radioso futuro do Brasil.

Que nos fale do grande João Ribeiro o excelente mestre Joaquim Ribeiro!

MOÇÃO APRESENTADA EM SESSÃO DA ACADEMIA DE LETRAS DE ILHÉUS

Ilhéus,
27.06.1961

A função social da imprensa e, dentro da imprensa, a importante função do jornalismo, - significa elemento fundamental na dinâmica de toda a superestrutura ideológica, - política, jurídica, cultural, filosófica dos povos e das nações.

Não é, pois, mera conseqüência abstrata, a capacidade, que se encara positiva nos órgãos de imprensa, de refletir as condições objetivas e as realidades históricas da sociedade a que servem e dentro da qual militam e se definem.

Como reflexos ou encarnações de idéias, os jornais participam ativamente da elaboração efetiva da consciência social. Porque os jornais são elementos da vida social e a consciência é produto da vida.

E é, exatamente, por isso que os jornais, melhor do que quaisquer outros órgãos da imprensa, funcionam como categorias eficientes das forças motrizes da sociedade, tanto mais autênticas e vigorosas, quanto, com justeza, conseguem realizar a obra de veículos através dos quais as idéias penetram o seio das massas e vão, assim, formar a própria consciência dinâmica e poderosa das massas humanas.

Verifica-se, então, dialeticamente, aquilo do filósofo genial e claro sociólogo na afirmação de que toda idéia se transforma sempre em força motriz quando penetra a massa.

Assim, devemos considerar, de fato, como necessidade social precípua a função da imprensa autêntica e de jornais realmente capazes de refletir as verdades objetivas e as justas aspirações do povo, sobretudo equilibrados na atitude permanente de intérpretes e sustentáculos das idéias supremas da humanidade.

Esta a essência do nosso pensamento, ao ter em vista os importantes fatos históricos expressos nos 60 anos de existência do *Correio da Manhã* e nos 10 anos de vida da *Última Hora*, órgãos que, qual a qual fiel à sua própria filosofia, realizam ambos o exercício e a defesa das liberdades democráticas.

Eis, em síntese, a significação, que desejamos rigorosamente compreendida nos justos termos, desta moção que a Academia de Letras de Ilhéus, como intérprete do pensamento cultural de toda região cacaueira, levanta neste momento, a propósito das duas gratas efemérides que a imprensa nacional registra e festeja neste ano de 1961.

CONFERÊNCIA PRONUNCIADA EM REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO INSP*

Ilhéus,
abril de 1966

Sr. presidente da Associação de Pais e Mestres do Instituto Nossa Senhora da Piedade

Revdas. Madres São Luis de Gonzaga e Maria Teresa do Menino Jesus

Dignas Irmãs Ursulinas

Senhores e Senhoras

Pais e Mestres.

Primeiro de tudo, oportuno é dizer de nossa admiração, de nosso justo respeito pela obra social fecunda e magnífica de alto valor espiritual mas igualmente de inestimável expressão material que edificam e que mantêm, que cuidam e que dinamizam em Ilhéus, e nesta região, estas abnegadas, valentes e dedicadas Irmãs Ursulinas.

Realmente, só aos que tivemos a felicidade de viver a história de Ilhéus, neste meio século – é dado conhecer e bem discernir a concreta significação da tarefa educacional e, pois, de sentido eminentemente econômico, social, rigorosamente moral e cultural, desempenhada por este esplêndido Instituto da Piedade. E é bem que nos lembremos, aqui e agora, dessa figura iluminada de bênçãos, cheia de dinamismo construtivo e da santa humildade cristã, que foi a madre Thaís, de imperecível memória para o Brasil,

para a Bahia, mas particularmente, para Ilhéus, - por gáudio e ventura dos que a conhecemos e dos que, em toda a região nos abeberamos de suas lições maravilhosas. É a essa obra pioneira de frutos opimos que devemos a madre Thaís, seguida de perto por essoutra admirável batalhadora, madre Teresa do Menino Jesus, colaboradora eficientíssima e digna sucessora, - é a essa obra, - acentuemo-lo devidamente, - que nos cumpre saudar hoje e sempre, com as veras todas de nossa consciência.

Certo, não há de caber nos exíguos limites desta digressão, um estudo alentado de toda a história deste estabelecimento de educação e ensino.

Baste-nos, porém, a só e exata consignação objetiva, concreta de que a história de Ilhéus e de toda esta região, pelo menos neste século, pode e deve estar dividida em dois períodos distintos – o período anterior às Ursulinas e o período conseguinte ao advento do colégio da Piedade. É, pois, o instituto da Piedade o marco histórico de grande passo da nossa evolução social.

E, na verdade, não é preciso grande esforço de pesquisa sociológica e de análises profundas para verificar como o instituto da Piedade, abrindo e movimentando a era do ensino secundário, significou importante elemento da nossa superestrutura social que, por interação dos atores, começou a influenciar decisivamente na própria infraestrutura econômica, e, assim, condicionando fatos sociais, se tornou em força motriz das mais vigorosas na dinâmica social, política e econômica de Ilhéus. Não foi o único, é claro, mas se tornou dos mais eficientes.

É, portanto, no campo da realidade sócio-política da região, que se tem comprovação dos fatores

que determinam o fenômeno, segundo o qual as causas se transformam em efeitos, os efeitos se transformam em causas, e assim, sucessivamente, ao longo de todo o processo vital das sociedades, sob o impulso das forças que dirigem e condicionam o progresso.

Não vamos analisar os fatos que marcam a história de Ilhéus neste meio século – para interligá-los e relacioná-los com a vida e a obra deste Instituto Nossa Senhora da Piedade.

Mas, será justo, se não um estudo substancioso e desenvolvido, ao menos uma ligeira enumeração, para corroborar a assertiva de que a este Instituto se deve grande parte do desenvolvimento social, particularmente, cultural, moral e, sobretudo, de sentido econômico desta região.

O ensino secundário e o pedagógico ou normal, aqui ministrado cuidadosamente, desde os primeiros tempos, - abriu para Ilhéus a aurora de radiosos cometimentos, que se têm objetivado em passos e metas da mais concreta significação, refletidos no próprio desenvolvimento do espírito, da alma e das atividades multifárias do nosso povo. Sabemos, por exemplo, que turmas e turmas de professoras, despejando-se sucessivamente no organismo social, entraram de exercer influência positiva em toda a vida dos agregados humanos existentes e dos que surgiram, e que todos se desenvolveram e vêm se desenvolvendo cada vez mais. Não seria estulto reconhecer, então, que do trabalho produtivo do Instituto da Piedade decorreram condições materiais e psicológicas interessantes para o surgimento e crescimento desta vasta rede de estabelecimentos secundários e profissionais, - como a Escola Técnica de Comércio, o Instituto

Municipal de Educação, o Ginásio Diocesano, o próprio Seminário, os Ginásios de Itabuna, Itajuípe, Coaraci, Uruçuca, Ibicaraí, a vitoriosa Faculdade de Direito de Ilhéus, as promissoras Faculdades de Filosofia e de Ciências Econômicas de Itabuna, e a de Sociologia e Política de Ilhéus, - tudo isso criando condições para o advento que não deve demorar, da Universidade do Sul da Bahia, - em que se concentrem novos estabelecimentos de ensino profissional técnico e científico, de acordo com as necessidades sociais e os imperativos de nosso próprio desenvolvimento econômico. E, neste ponto, não queremos esquecer um dos primeiros estabelecimentos de ensino secundário que, sob inspeção federal, funcionou nesta cidade, durante pouco mais de um lustro, - tempo, entretanto, suficiente para formar uma turma completa de ginasianos quando o ciclo era de um quinquênio. Foi o Ginásio Castro Alves, que prestou inestimáveis serviços à causa do ensino secundário, reunindo alunos daqui e de outros núcleos populacionais da região, e onde se prepararam para vestibulares vários jovens que se fizeram bacharéis, médicos, engenheiros, agrônomos, industriais, comerciantes, agricultores. E quando se escrever a história de Ilhéus, sobretudo, no particular de seu movimento de educação e de cultura, não será possível deixar de mencionar a figura de Ananias Pereira Rabelo, grande batalhador nos combates do ensino, cujos sonhos e cuja capacidade de realização, de mistura com o poder da renúncia de si mesmo, não conseguiram ambiente, apoio nem ajuda nem produtiva continuidade nas condições históricas iniciais da chamada Revolução de Trinta.

Assim, pois, é válida, dialéticamente iniludível, a asserção de que desde o advento do colégio das

Ursulinas, em Ilhéus, sentimos a notável constante elevação do nível cultural de toda a região, acentuadamente nas cidades matrizes, a começar pela melhora do padrão do ensino primário, decorrência lógica do sempre mais abundante e competente material humano especializado saído dessas admiráveis forjas de sabedoria.

A cultura do elemento social assim melhorando progressivamente, entrou a influir nos fatores sócio-econômicos, determinando a crescente elevação do nível de bem estar com a criação e o desenvolvimento de condições de trabalho em todos os setores, a ponto de, assim como assim, já se experimentar a tendência para as especializações em vários campos de atividade e no caminho da industrialização, verdadeiro fator de emancipação econômica do povo.

Pena é que não tenhamos encontrado sempre em eficiente continuidade e em comunhão de esforços com a iniciativa particular, - governos esclarecidos, orientados pela exata visão econômica e social dos problemas político-administrativos, sobretudo, animados de rigorosa probidade funcional e do calor patriótico, suficiente à planificação e execução das tarefas pertinentes à obra pública.

Entremos, porém, na outra parte deste discretear modesto e despretencioso.

Não sabemos por que fados, bons ou mais, entenderam de cometer-nos a tarefa árdua de apresentar a este auditório nossa palavra sobre coisas de interesse, é claro, da Associação de Pais e Mestres. Que falar, entretanto? Que aspecto encarar, dentre a complexidade de noções, categorias, elementos e relações implícitas na própria idéia fundamental desta instituição? Demais disso, caros ouvintes, será que a

pouquidade de nossos conhecimentos, a própria incapacidade de compreensão e de expressão nossa consegue algo dizer de útil como contribuição, insignificante por ventura, ao grandioso programa de trabalhos que se propôs e já realiza vitoriosamente esta Associação?

Eis aí está porque, temendo perder-nos nas generalidades, acabamos por perder-nos confusos nos âmbitos de angustiosa inibição, talvez emparedados na compacta ignorância a que nos têm levado os azares da vida.

Valha-nos contudo, a oportunidade que buscávamos ansiosamente, para cumprir, embora mal, uma dívida de longo tempo – qual a de reconhecer, publicamente, e publicamente proclamar as excelências e os valores inquestionáveis deste Instituto Nossa Senhora da Piedade.

Permita-se-nos, todavia, que antes converse alguma coisa sobre como entendemos certos pontos do programa da ação da A.P.M.

Por definição, é difícil conceber ou encontrar instrumento mais útil ou mais importante da vida social e do progresso da sociedade do que uma Associação de Pais e Mestres.

Pois que, se a família é a célula da sociedade e a escola é o prolongamento, ou melhor, um dos órgãos mais importantes da sociedade, claro está que o movimento, a campanha ou a corporação que reúna pais e mestres, para trabalhar-lhes o espírito, esclarecer-lhes e orientar-lhes a missão, em recíproco esforço de valorização crescente do objeto fundamental, que é a educação e a instrução, desempenha função por excelência no destino e, sobretudo, na dinâmica da sociedade.

Ora sabe-se que a finalidade precípua da Associação de Pais e Mestres é o aperfeiçoamento do educador encarnado no conceito de pai e professor, para melhor rendimento de sua ação educacional conjunta em proveito do educando, isto é, filho e aluno.

Cumpre-nos, pois, dentre as medidas ou iniciativas tendentes à busca e concretização desse objetivo, ressaltar, como principais, de acordo com o próprio espírito desta Associação:

1º despertar entre os associados o mais vivo interesse pelos problemas que dizem respeito à organização da família e à educação em todos os aspectos.

2º atuar na opinião pública por meio de todos os órgãos de difusão do pensamento: imprensa, rádio, cinema, teatro etc, no sentido de interessar todos no amplo e complexo trabalho educacional.

Por isso, acrescentaríamos, aqui:

- deve a A.P.M. atuar, não apenas no espírito dos associados, mas em tantos espíritos e tão larga órbita de ação quanto possível. E, ainda, por meio de visitas familiares e outros meios e métodos que a discussão dos problemas e das necessidades for indicando.

Se, com efeito, conseguirmos manter e vitalizar o mútuo entendimento entre professores e pais, entre a escola e a família, e assim, aplicar a tática de luta educativa de dentro, isto é, da escola para o lar e do lar para a escola, dos âmbitos colegiais para a

sociedade e da sociedade para os colégios, então, começaremos a sentir, desde logo, os resultados mais positivos. O rendimento escolar entra em ascensão, a sociedade movimenta-se melhor, transforma-se e vai tomando orientação cada vez mais justa.

E teremos, também nisso, exemplo interessante que, tomado na devida conta, por outros e outras mais, produzam resultados excelentes. Devem, pois, estreitar-se cada vez mais, interpenetrar-se e fortalecer-se as relações entre pais e mestres, através dos propósitos sempre mais iluminados de aperfeiçoamento moral e cultural da escola, da família e da sociedade.

Agora, é preciso aproveitar a oportunidade para algumas considerações quanto a outro importante aspecto do problema, que é parte mesmo do programa desta Associação. É o que concerne às relações entre professores e alunos. E aqui falamos, particularmente, aos mestres. Impõe-se como condição fundamental para o máximo rendimento dos trabalhos, - que se observem as leis da pedagogia; que, igualmente, se valorizem, cada vez mais, em adequada aplicação, as regras da boa metodologia e, evidentemente, que se aprimorem e se enriqueçam continuamente as normas da didática.

Não vamos derramar-nos em considerações teóricas, nem pretendemos aprofundar suficientemente o problema, na contingência desta reunião que, é claro, não deve, não pode ter caráter eminentemente técnico ou científico.

Valha-nos apenas a verdade objetiva, consolidada através da experiência, - de que só em plano de relações compreensivas, psicologicamente equilibradas, sobretudo harmônicas e amistosas entre professores e alunos, é possível haver progresso e lograr-

se proveito justo na complexa tarefa de ensinar e aprender.

Um ambiente sadio de entendimento, de mútua compreensão, animado por sentimento puro de amizade e de respeito à personalidade entre educadores e educandos, eis o elemento que condiciona a eficiência, a útil produtividade do trabalho educativo. Isso, aliás não representa qualquer novidade para quantos observam as leis da psicologia aplicadas à educação.

Parece-nos, portanto, desnecessário advertir, pelo menos aqui, neste estabelecimento que tem sido modelo de correção moral e de justa orientação educacional entre professores e alunos, parece-nos desnecessário advertir que a noção de ambiente sadio, de compreensão e de amizade não implica, absolutamente, a idéia de subestimar os conceitos e noções de responsabilidade funcional e decência e honestidade no trato das coisas do ensino.

Afigura-se-nos em absoluta justeza o conceito de que a educação tem como objetivo fundamental tornar o ser humano biológica e sociologicamente útil.

Com efeito, a higidez física, a saúde e a perfeita capacidade funcional do corpo condicionando a vida mental do indivíduo, para que exerça, com plenitude sua utilidade biológica, eis um lado da questão fundamental.

Verdade primária aliás, muito antes dos gregos, mas notadamente dos gregos.

Elemento gregário por excelência, o ser humano submetido às leis da evolução, há de estar sempre aperfeiçoando-se, armando-se de conhecimentos suficientes e de capacidade cada vez maior para cumprir o seu papel na sociedade. É, pois, a função social, a utilidade sociológica do indivíduo, o outro as-

pecto da questão.

Impõe-se, desse jeito, como verdade concreta, a conclusão de que o homem é tanto mais educado quanto mais útil biológica e sociologicamente. Por conseqüência, é tanto mais altamente desenvolvida a sociedade quanto mais ampla, mais elevada e mais profunda lhe for a densidade de elementos biológica e sociologicamente úteis.

Eis, portanto, a significação importante dos estabelecimentos e órgãos de ensino e de educação, e a excelência de instituições ou associações como esta de Pais e Mestres.

Nesta altura de nosso raciocínio, queremos referir, especialmente, um dos mais necessários instrumentos sociais e que precisa ser tratado cuidadosamente e educado com atenção especial.

Aludimos à linguagem. Linguagem no sentido lato do termo, como faculdade humana, e só humana, de comunicar o pensamento, exteriorizar as idéias. Linguagem, pois, como elemento essencial da função de relação, que é precípua na vida social. E aos mestres, a quem particularmente falamos neste ponto de nossas despretensiosas considerações, aos mestres incumbe o dever de curar da linguagem, assim, em relação a si mesmos como em relação aos alunos. Para que bem exerça as funções de instrumento ou veículo das idéias, a linguagem há de ser clara e precisa. Mas a linguagem no sentido restrito, na função peculiar de linguagem de cada povo, isto é, no papel da língua ou idioma, tem de ser, necessariamente, correta, além de clara e precisa.

Não é, por conseguinte, fora de propósito ou de oportunidade ressaltar sempre a necessidade humana e patriótica, social por excelência, do justo

emprego da língua, do exercício adequado e do uso exato do idioma.

Assim, com a devida vênia dos ilustres professores deste estabelecimento e com os meus respeitos, particularmente, a essa esclarecida cultora e mestra do nosso idioma, - que é a digna irmã Santo Inácio, queremos lembrar os imperativos de acuradas atenções no sentido de aprimorar, sempre mais, a didática da língua portuguesa.

Como o idioma é organizado vivo, a sua didática há de conseqüentemente participar da vida, estar em função da vida. Se, pois, como elemento vivo, a língua está submetida às leis da evolução, claro é que a didática está em contínua transformação, a sofrer modificações impostas pela sua própria dinâmica.

Infelizmente, porém apesar de muito já se ter progredido no Brasil, no campo dos estudos e da aplicação, das conquistas das leis e normas da linguística, - força é reconhecer, nada obstante, que do ponto de vista prático, objetivo do ensino, vale dizer, da didática, ainda estamos bem atrasados e muito ainda precisamos realizar, para atingir situação razoável no que concerne ao domínio do idioma.

E para demonstrar essa verdade, não há mister de muita argumentação. Basta o fato concreto, lamentavelmente verdadeiro, de que a maioria, a imensa maioria dos que completam os cursos secundários, assim como os chamados clássicos, técnicos e científicos, é constituída de elementos ainda incapazes de dominar a sua língua, no fundamental das próprias necessidades.

Que idéias ou que conclusões nos sugere esta realidade? Não há fugir da verdade terrível que nos leva a observação direta, objetiva dos fatos. E é a de

que esta situação de evidente despreparo, de quase inapetentismo de nossa juventude em relação ao idioma nacional, tem de ser levada à conta da inadequada e, talvez, anti-natural aplicação didática, em particular, no campo do ensino secundário. Nem é por acaso que os famigerados vestibulares, por todo este Brasil, topam, de ano para ano, exemplos monstruosos, ridículos uns, desconcertantes outros e lamentáveis todos, da absurdeza que tem sido, e representa ainda hoje, a didática da língua.

Sim, porque não seria racionalmente possível, nem justo, atirar sobre toda a maioria de rapazes e moças a responsabilidade por esse clamoroso estado de coisas. É imperioso convir em que o principal fator negativo determinante desta monstruosidade está, exatamente, nos métodos didáticos até agora vigentes no Brasil.

Com efeito, há muito verbalismo, árida teoria em detrimento da prática da linguagem. Claro que não seria também curial adstringir a didática do idioma, aos meros limites da prática. Importa, sobretudo, compreender que a prática tem de estar sempre iluminada pela teoria: é o equilíbrio dos fatores para utilidade mais positiva. Nem o puro teoricismo nem o cego praticismo, porém, ambos atuando harmonicamente para completar-se nos frutos opimos do correto, preciso e claro exercício da linguagem, na expressão adequada do pensamento, na utilidade prática e objetiva do idioma.

Já vamos bem longe nesta lenga-lenga. Os minutos avançam. E a paciência tem limites.

Terminemos por aqui.

Mas levantemos antes, nova saudação ao Instituto da Piedade: agora, na pessoa de sua atual priora, a madre São Luis de Gonzaga, que, com a cooperação

luminosa e eficiente destas irmãs devotadas, há de continuar a obra grandiosa de madre Thaís e madre Maria Teresa do Menino Jesus.

E afinal, lancemos veemente apelo às forças vivas de Ilhéus e de toda a região, no sentido de que intensifiquemos ainda mais e muito mais o calor da solidariedade para com este magnífico Instituto Nossa Senhora da Piedade. Que o marco de seu cinqüentenário seja início de novos passos avançados em direção a objetivos superiores do bem moral, social e material da Pátria e da Humanidade.

* Texto publicado no jornal *Presença* - órgão do Grêmio Literário Sta. Úrsula, INSP, Ilhéus, junho e julho de 1966(ano do cinqüentenário do colégio), pags. 2, 3, e 4, a pedido do dedicado DD. presidente da Associação de Pais e Mestres, sr. José Silveira Mota.

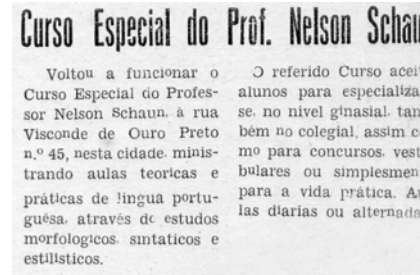
SOBRE NELSON: homenagens e informações

Curso Especial
DE
Nelson Schaun
Das 20 ás 22 horas
Lingua nacional e ciencias pre-pedenticas

Diário da Tarde, 15.07.1938

Estudos da Língua Portuguêsa
Aulas diárias ou alternadas
CURSO ESPECIAL DE
NELSON SCHAUN
Rua Visconde de Ouro Prêto. 45 — Ilhéus

Diário da Tarde, 22.07.1968


Curso Especial do Prof. Nelson Schaun

Voltou a funcionar o Curso Especial do Professor Nelson Schaun, à rua Visconde de Ouro Preto n.º 45, nesta cidade, ministrando aulas teoricas e práticas de lingua portuguêsa, através de estudos morfologicos, sintaticos e estilisticos.

O referido Curso aceita alunos para especializar-se, no nivel ginasial, também no colegial, assim como para concursos, vestibulares ou simplesmente para a vida prática. Aulas diarias ou alternadas.

Diário da Tarde, 09.12.1960

ESTADO DA BAHIA

Certificado de Habilitação

A Comissão infra assinada certifica que a aluna Ivaní Torres Miguel deste Curso ~~Escola~~ Especial de Nelson Schaun foi aprovado com distinção nas materias que constituem o curso primario — Cidade de Ilhéus — Curso ~~Escola~~ Especial de Nelson Schaun em 9 de novembro de 1935

O DELEGADO ESCOLAR

O ALUNO
Ivaní Torres Miguel

A COMISSÃO EXAMINADORA
Themistocles C. Mendes Rocha
Camillo Filho da Silva
Nelson Schaun

NELSON SCHAUN*

Correio de Ilhéos,
25.03.1926

Transcorre, hoje, o aniversário natalício do nosso distinto amigo Nelson Schaun, redator chefe do nosso vespertino.

Organização viva, inteligência lúcida e esclarecida, o digno anniversariante, nesta terra que lhe serviu de berço vem conquistando as sympathias daquelles que privam de sua intimidade.

Na imprensa, a sua penna fulgurante e cheia de esplendor vem luctando dia a dia trabalhando sempre ao lado da colectividade, zelando as causas nobres de um povo em prol de um ideal digno e edificante.

Amigo sincero a toda a prova tem merecido a confiança que lhe depositam os elementos do partido situacionista local, que tem a frente dos seus destinos, a figura veneranda do senador Antonio Pessôa.

Nós do *Correio de Ilhéos* nesta sincera homenagem, pedimos ao Creador a reproducção de tão gloriosa data que é o caminho de interminas esperanças, ao lado de um futuro risonho e cheio de prosperidade.

NELSON
SCHAUN

Transcorre, hoje, o anniversario natalicio do nosso distincto amigo Nelson Schaun, redactor chefe do nosso vespertino.

Organização viva, inteligencia lucida e esclarecida, o digno anniversariante nesta terra que lhe serviu de berço vem conquistando as sympathias daquelles que privam de sua intimidade.

O jornalista Nelson Schaun

Na imprensa, a sua penna fulgurante e cheia de esplendor vem luctando dia a dia trabalhando sempre ao lado da collectividade, zelando as causas nobres de um povo em prol de um ideal digno e edificante.

Amigo sincero a toda a prova tem merecido a confiança que lhe deposita os elementos do partido situacionista local, que tem a frente dos seus destinos, a figura veneranda do senador Antonio Pessôa.

Nós do «Correio de Ilhéos» nesta sincera homenagem, pedimos ao Creador a reproducção de tão gloriosa data que é o caminho de interminas esperanças, ao lado de um futuro risonho e cheio de prosperidades.

*A ortografia original foi mantida neste texto.

NA UNIÃO PROTETORA
A comemoração solene do 13º aniversário de sua fundação

Diário da Tarde,
26.06.1935. Pág. 1

Teve numerosa assistência de representantes das classes e organizações proletárias do nosso meio, além de exmas famílias, autoridades e pessoas gradas a sessão solene realizada ontem na sede da Sociedade União Protetora dos Artistas e Operários de Ilhéus para a comemoração do 13º aniversário de fundação daquela agremiação trabalhista e posse dos seus novos dirigentes, eleitos há dias passados.

Assumiu, a convite, a direção dos trabalhos, o cel. Álvaro de Mello Vieira, elemento de alto relevo nos nossos círculos sociais, secretariado pelos professores Nelson Schaun e Camilo Lélis de Matos.

Após a solenidade de posse da nova mesa administrativa da instituição operária, usaram da palavra os srs. dr. Vito de Carvalho Filho, advogado em nosso meio, o professor Nelson Schaun, novo presidente da Assembléia Geral da União Protetora, pouco antes empossado. Os discursos de ambos causaram excelente impressão, pela oportunidade com que foram desenvolvidos, abordando temas palpitantes da magna questão social.

Por fim o cel. Álvaro Vieira, encerrando a sessão, congratulou-se com a União Protetora e agradeceu a comparecência de todos aqueles à expressiva solenidade.

AS COMEMORAÇÕES DA FESTA DA ÁRVORE REUNIRAM, ONTEM, NESTA CIDADE, CENTENAS DE CRIANÇAS DE ILHÉUS E ITABUNA

Diário da Tarde,
23.09.1935 Pág. 1.

... a oradora oficial do banquete, professora Elza Pinheiro de Mello, que ofereceu o almoço, em nome do professorado local, aos colegas de Itabuna. Ainda usaram da palavra o jornalista Otávio Moura, do *Diário da Tard*e, o dr. Aziz Maron, delegado escolar de Itabuna e o representante de *A Época*, o professor Nelson Schaun e por fim um dos assistentes que proferiu veementes palavras a Ilhéus e Itabuna.

ECOS DO DIA DO PROFESSOR

Diário da Tarde,
6.12.1935. Pág. 1

O Grêmio do professorado de Ilhéus que promoveu as expressivas comemorações aqui efetuadas no Dia do Professor recebeu entre outros votos congratulatórios os seguintes das principais autoridades bahianas:

Do Governador do Estado:
Nelson Schaun, Grêmio Professorado, Ilhéus: congratulo-me êxito comemorações Dia Professor Ilhéus.
Cordias saudações(a)
Juracy Magalhães

Do Secretário do Interior:
Nelson Schaun, Ilhéus. Agradeço-lhe e a Temístocles Rocha telegrama comunicando justas festas comemorativas Dia do Professor.
Afetuosos cumprimentos(a)
João Santos

Do Secretário de Educação e Saúde Pública:
Nelson Schaun, Grêmio Professorado, Ilhéus. Acusando telegrama prezado amigo participando comemorações sessão solene Dia Professor agrade-

ço gentileza comunicação louvando gesto Grêmio professorado interesse ... desenvolvimento ensino nosso Estado.
Cordiais saudações (a)
Barros Barreto

Do Diretor de Instrução:
Prof. Nelson Schaun, Ilhéus. Agradeço sobremodo, penhorada gentileza comunicação festa educativa, cívica digna todos aplausos.
Saudações cordiais (a)
Agrippino Barbosa

ESCRITORES REGRESSARAM ONTEM AO RIO DE JANEIRO

A sessão de terça-feira na Academia.

Diário da Tarde,
02.04.1960. Pág. 01.

...realizou-se terça-feira a sessão que a Academia de Letras programara em homenagem à ilustre caravana de escritores que visitou essa cidade a convite do prefeito Henrique Cardoso. Ao abrir a sessão, o sr. Abel Pereira congratulou-se com a presença de Adonias Filho, Sosígenes Costa e Jorge Medauar, os quais se apresentavam pela primeira vez à Academia, como ocupantes das cadeiras patrocinadas por Bernardino de Souza, Arthur Sales e Junqueira Freire, respectivamente. Congratulou-se ainda pelo reencontro de Barbosa Melo com a cidade de Ilhéus, e depois fez a apresentação nominal dos demais escritores visitantes, mencionando os seus valores.

O escritor Barbosa Melo, eleito correspondente, tomou posse, e as palavras de saudação, escritas pelo acadêmico Nelson Schaun, foram lidas pelo acadêmico Jorge Fialho, também incumbido de saudar a caravana. Barbosa Melo agradeceu, relembrando a sua vida passada em Ilhéus, e aproveitando o momento para dizer de sua atividade no setor da propagação da cultura brasileira na América Latina. O acadêmico Jorge Medauar focalizou o prestígio da Academia no Rio e, principalmente, em São Paulo, revelando nomes ilustres, como o baiano Fernando Gois. Desejosos de fi-

gurarem como membros correspondentes da Academia, e também da grande repercussão do *Concurso das Chaves de Ouro*, dizendo que o próprio Guilherme de Almeida é constantemente procurado por cartas e telefonemas, parabenizando-o.

O ponto alto da sessão foi a palestra do escritor e professor Antônio Olinto. Perfeito didata, grande expositor, sabe dizer com profundeza de conhecimentos o assunto de que se ocupa. Apreciando apenas um ângulo da literatura brasileira, focalizou pelos fundamentos da língua brasileira, para que ela saia dos nossos lábios, naturalmente, sem nenhum artifício.

Mostrou com fartos argumentos que uma região é sempre responsável pelo aparecimento dos seus grandes vultos, pois eles aparecem em conseqüência da força que a sua civilização apresenta. E referindo-se à zona do cacau, disse que essa força cresceu tanto em economia e em civilização, que não poderia deixar de produzir um Jorge Amado, um Adonias Filho, um Sosígenes Costa e um Hélio Pólvora, valores vivos da região.

Ontem, pelo avião de carreira da Cruzeiro do Sul retornaram ao Rio de Janeiro os escritores viajantes.

ACADEMIA DE LETRAS EMPOSSOU NOVO QUADRO DIRETOR

Diário da Tarde,
05.04.1961 Pág. 4

A secretaria da Academia de Letras de Ilhéus comunicou-nos, por ofício, ter sido solenemente empossado o novo quadro diretor dessa entidade, para o biênio 1961/1962.

A diretoria ficou assim constituída:

- Presidente: Abel Pereira
- Primeiro vice-presidente: Halil Medauar
- Segundo vice-presidente: Osvaldo Ramos
- Secretário geral: Nelson Schaun
- Primeiro secretário: Francolino Neto
- Segundo secretário: José Nunes de Aquino
- 1º Tesoureiro: Jorge Fialho
- 2º Tesoureiro: Washington Landulfo
- Diretor da biblioteca Adonias Filho: Nilo Cardoso Pinto
- Diretor da revista: Plínio de Almeida
- Diretor do museu Jorge Amado: Leopoldo Campos Monteiro

QUARTO DE HORA LITERÁRIO (ONTEM) NA ACADEMIA DE LETRAS

Diário da Tarde,
31.05.1961. Editorial

Em sua reunião ordinária de ontem, em verdade bem concorrida, recebeu, a Academia de Letras de Ilhéus, visita do ilustre deputado federal dr. Waldir Pires de Souza, ora em visita política a esta cidade e região, cujos interesses vem brilhantemente defendendo no Congresso Nacional. Em nome da Academia, saudou-o o acadêmico Carlos Pereira Filho.

Após vários assuntos de rotina, coube ao professor e acadêmico Nelson Schaun, proferir o Quarto de Hora Literário. O ilustre acadêmico, que é, entre nós, um estudioso das coisas da língua, prendeu o auditório com um paralelo entre Ruy e Carneiro Ribeiro na memorável polêmica travada em prol da redação do Código Civil, estudando com apaixonado interesse de cultor do vernáculo, as excelências de ambos na disputa, porém encarando o velho Carneiro, como mais técnico, mais profundo, o filólogo no sentido amplo.

Esse trabalho do professor e acadêmico Nelson Schaun será retransmitido no próximo sábado pela Rádio Cultura, no programa *Ad Imortalitatem*, às 16:15 horas.

Ao término da sessão, coube a palavra ao ilustre visitante dr. Waldir Pires que, com a sua palavra fácil e elegante, disse de tal satisfação de estar em contato com os acadêmicos de Ilhéus, muitos dos quais

velhos amigos e companheiros. Disse do interesse com que vem acompanhando a marcha da Academia como poderosa força de cultura na região e, por isso, doravante fazia-a ligada aos seus interesses tanto no parlamento como em qualquer setor de suas atividades intelectuais.

Como convidados especiais estiveram presentes os doutores Izaías Fraga de Almeida, Soane Nazaré de Andrade, diretor da faculdade, Walter Pires de Souza e os vereadores dr. Antônio Cruz e Mofon Lourival Seixas.

Compareceram os seguintes acadêmicos: Abel Pereira, Nelson Schaun, Joaquim Lopes Filho, Francolino Neto, Jorge Fialho, Paulo Cardoso Pinto, Halil Medauar, Carlos Pereira Filho e Nilo Cardoso Pinto.

NA ACADEMIA DE LETRAS: A IMPORTANTE SESSÃO DE TERÇA-FEIRA ÚLTIMA

Diário da Tarde,
30.06.1961. Pág. 04

Presidida pelo acadêmico Abel Pereira, realizou-se, terça-feira, com regular freqüência, a sessão semanal da Academia de Letras de Ilhéus, aliás, bem movimentada em face dos importantes assuntos tratados. O acadêmico Nelson Schaun, a propósito dos sessenta anos da fundação do *Correio da Manhã* e do primeiro decênio de *Última Hora*, apresentou significativa e oportuna moção de aplausos àqueles órgãos da imprensa brasileira. Como velho jornalista que é, salientou de modo conciso e elegante os verdadeiros postulados da imprensa.

O acadêmico Carlos Pereira Filho trouxe para os anais da casa, o falecimento, no último sábado, do eminente sacerdote e cientista pe. Camilo Torrend, cuja vida quase meio século na Bahia, outra coisa não fizera, senão servir ao Brasil nos postulados da ciência e da religião. Propôs ainda o acadêmico Carlos Pereira filho que o deputado Juracy Júnior, ora na sub-chefia da Casa Civil da Presidência da República, seja especialmente convidado a tomar parte na sessão do dia 4 de julho quando estará nesta cidade, para assuntos ligados aos interesses de Ilhéus e da região.

O acadêmico Abel Pereira apresenta e entrega à casa, o livro de poemas *Rosa da noite*, do poeta

paraense Georgenou Franco e no fazê-lo, tece elogiosas referências ao brilhante e fecundo homem de letras do grande estado planiciário e membro dos mais brilhantes da Academia Paraense de Letras.

Por proposta firmada pelo presidente Abel Pereira e subscrita ainda pelos acadêmicos Nelson Schaun, Francolino Neto e Plínio de Almeida, por unanimidade, foi eleito o renomado escritor e poeta luso Antônio de Souza para membro correspondente em Lisboa, consoante indicação de Maria Helena, a admirável poetisa luso que integra a nossa Academia, e bons serviços de divulgação vem prestando à mesma em Portugal.

Em virtude de terem cumprido as condições exigidas foram regimentalmente empossados membros correspondentes em Portugal, os escritores João Ameal, Fernando Namora e Antônio de Souza. Os dois primeiros, eleitos em sessão de 25 de abril, indicados também por Maria Helena, e o último eleito na presente sessão. Os três novos correspondentes da Academia de Letras de Ilhéus, em Lisboa são considerados como expressões da mais alta cultura lusa. Participam de vários institutos literários e científicos de Portugal e do estrangeiro, considerando-se ainda que o escritor Fernando Namora faz parte da mais alta entidade da cultura portuguesa que é a Academia de Ciências de Lisboa.

O Quarto de Hora Literário foi admiravelmente preenchido pelo acadêmico Plínio de Almeida e posto de magnífico e substancioso trabalho sobre a consagrada mestra e poetisa Amélia Rodrigues. O trabalho que a todos encantou, pela harmonia, pela concisão, pela forma, e sobretudo, pelo entusiasmo do orador também da mesma querecência da grande educadora

baiana – Santo Amaro – a contribuição da Academia de Letras de Ilhéus à memória de Amélia Rodrigues neste primeiro centenário de seu nascimento.

Como convidado especial, o dr. Adauto Sales Brasil, ilustre promotor público desta comarca e cultor das boas letras.

UM CENTRO DE OPEROSIDADE E CULTURA: ACADEMIA DE LETRAS DE ILHÉUS

Diário da Tarde,
10.02.1962. Pág. 4. Editorial

Tudo quanto concorre para o crescente alevantamento social, econômico, artístico, financeiro e espiritual de nossa Ilhéus, fica a merecer desta folha, apreço, dedicação e aplauso.

A Academia de Letras de Ilhéus é um cenáculo sério, onde se trabalha pelo desenvolvimento intelectual de Ilhéus, de todos os modos cabíveis a instituições dessa espécie. conferências, quartos de hora literários, pesquisas históricas e folclóricas, tudo enfim quanto se relaciona com a vida de uma academia.

Ilhéus, no estrangeiro, hoje, não é cidade conhecida só porque exporta cacau. É também conhecida através de sua Academia de Letras, obra meritória, fundada por um homem modesto, que encontrou o imediato apoio de um Nelson Schaun, de um José Nunes de Aquino, de um Plínio de Almeida, o primeiro a ser consultado, quando Abel Pereira sonhou com a fundação deste nosso hoje já vitorioso filólogo.

O BOI

Plínio de Almeida

Diário da Tarde,
28.12.1962. Notas Sociais

À Nelson Schaun, afetuosamente

Passo tardo, olhar frio abismado em distâncias
Vagueia filosofando, a sós, pelas Campinas,
De onde flui, sonolento as vivas fragrâncias,
O boi, amigo fiel das gentes Campesinas.

Escravo paciente e bom, sem discrepâncias,
Sob o jugo, no carro, em manhãs purpurinas,
Num pesado lidar, em arrancos e em ânsias,
Vive a canga a arrastar através das ravinas.

Boia no seu olhar tranqüilo e quase humano,
Uma saudade, um quê de causas ancestrais,
Um como que pesar do seu labor insano...

Mas, depois, pachorrento, à sombra do arvoredo,
Sob o condão da luz dos dias estivais,
Ei-lo então, querençoso, a cismar, triste e quêdo.

A ACADEMIA DE LETRAS DE ILHÉUS FESTEJOU CONDIGNAMENTE O SEU PRIMEIRO LUSTRO DE VIDA ATIVA

Edgar Souza

Diário da Tarde,
04.05.1964. Pág. 2

Fundada em 14 de março do ano de 1959, por um grupo de abnegados, amantes e cultores das letras em nossa região, a Academia de Letras de Ilhéus festejou, com uma brilhante festa de arte e cultura, o seu primeiro lustro (cinco anos) de atividade marcante, no dia 14 de março de 1964.

Por tão jubiloso motivo, altas personalidades, das mais autênticas, do mundo das letras e das artes em Ilhéus, acorreram ao amplo e majestoso auditório do Bancrelar, para prestigiarem, com as suas presenças, as solenidades das entregas das medalhas de ouro e dos artísticos diplomas aos vencedores, num concurso realizado para exaltar e festejar de modo mais expressivo os seus cinco anos de vida cultural, que a referida Academia instituiu sob o tema: *Príncipes da Poesia e da Prosa baianas*, sendo os eleitos em pleito livre de votação: *Príncipe dos Poetas baianos* – o poeta e professor Flávio de Paula e o *Príncipe dos Prosadores baianos*, o eminentíssimo prosador não somente de âmbito baiano, mas nacional e internacional, o escritor e historiador e Magnífico Reitor da Universidade do Brasil, o dr. Pedro Calmon.

A festa de arte e poesia, que foi irradiada por emissora local, teve como oradores, pela ordem pro-

gramada, os seguintes acadêmicos: dr. Ramiro Berbert de Castro, cuja oração foi um belíssimo histórico agradecendo a homenagem que a Academia acabava de prestar do seu saudoso pai, o cel. Ramiro Ildefonso de Araújo Castro, um dos pioneiros e desbravadores da região cacaueira e também homem de letras, cujo centenário coincidia com a data da fundação daquela agremiação de intelectuais que, justamente naquele dia, completava o seu primeiro lustro de fundação.

O segundo orador da noite foi o acadêmico, jornalista e professor Plínio de Almeida que, em brilhante discurso, saudou o Príncipe dos Poetas baianos e, também acadêmico daquele sodalício o professor Flávio de Paula que, sendo o terceiro orador, agradeceu sensibilizado, em palavras simples munificentes e harmoniosas como o próprio canto singelo e apoteótico do poeta, aquela homenagem que lhe tocava fundo o coração.

O quarto orador foi o advogado, escritor e acadêmico dr. Francolino Gonçalves Neto que, em vibrante e erudita alocução, fez o panegírico do consagrado historiador dr. Pedro Calmon, nome nimiamente conhecido nas letras pátrias e agraciado com o galardão de Príncipe, não somente dos Prosadores mas, a meu ver, da poesia e da oratória.

No seu agradecimento, como quinto e último orador da festa da cultura e da inteligência, o egrégio mestre dr. Pedro Calmon a todos emocionou e empolgou com a mestria do seu verbo e o encanto de suas palavras que eram verdadeiros poemas de testemunha. O aspecto sombrio e sereno da sua atitude de orador, a expressão singela e simples de sua gratidão, profundo em observações históricas e conceitos cívicos, começou a sua brilhante aula de oratória as-

sim falando: "Aqui estou, venho de longe, venho de mim mesmo, venho do meu passado".

E continuou fazendo um cônscio e histórico relato do que sentiu e observou naquela festa, onde recebia tantas demonstrações de carinho e de civilidade, mesmo, dizia ele, reconhecendo o seu demérito, concluindo por esclarecer certos fatos que o levaram a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras e da honra de estar presente à festa do primeiro lustro da Academia de Letras de Ilhéus, a qual considerava com todo o afeto, como sendo a de casa, por ser baiana, e foi às raias da mais pura eloqüência.

Todos os oradores foram efusivamente aplaudidos, principalmente o Magnífico Reitor da Universidade do Brasil, o dr. Pedro Calmon, que foi delirantemente aplaudido por toda a assistência de pé, que o saudava com calorosas salvas, e lágrimas vieram aos olhos do mestre.

O imortal poeta dos escravos, Castro Alves, que é patrono da Academia, cuja data do seu nascimento ocorria naquele mesmo dia, foi também exaltado por todos os oradores, que o situaram como uma das maiores vozes da poesia das Américas.

Os escritores, Abel Pereira idealizador, fundador e atual presidente da Academia de Letras de Ilhéus, Halil Medauar, Osvaldo Ramos, Nelson Schaun, Francolino Neto, Francisco de Paulo Teixeira, Jorge Fialho, Eusínio Lavigne, Clarêncio Baracho, Plínio de Almeida, Carlos Pereira Filho, dom Caetano Lima dos Santos, Leopoldo Campos Monteiro, Joaquim Lopes Filho, Flávio de Paula, Camilo de Jesus Lima, Flávio Jarbas e tantos outros, também fundadores da Academia, estão de parabéns, não somente pela magnífica noitada de arte e beleza que ofereceram ao culto

povo de Ilhéus e Itabuna e aos visitantes de outras cidades, através da Academia, como também pelos cinco anos de vida de tão importante entidade de arte e cultura, que houvera sobremaneira os foros de civilização da terra cacaueira.

PATRONOS E OCUPANTES DAS 40 CADEIRAS DA ACADEMIA DE LETRAS DE ILHÉUS

Diário da Tarde,
02.12.1965. Pág. 2

A Academia de Letras de Ilhéus, que tem como presidente o poeta Abel Pereira, funciona provisoriamente no edifício da Associação Comercial desta cidade, tendo a sua secretaria instalada à rua Visconde de Ouro Preto, 45.

Os nomes dos acadêmicos e seus patronos são os seguintes:

PATRONOS	OCUPANTES
Afonso Costa	Carlos Marques Monteiro
Afrânio Peixoto	Francolino Neto
Almáquio Diniz	Fernando Diniz
Anísio de Carvalho	Wilde de Oliveira Lima
Anísio Melhor	Clarêncio Baracho
Antônio Pessôa C. e Silva	Leones da Fonseca
Arlindo Fragoso	Flávio Jarbas
Arthur de Sales	Sosígenes Costa
Bernardino de Souza	Adonias Filho
Carlos Chiachio	Camilo Jesus Lima
Carlos Ribeiro	Washington Landulfo (vaga)
Carneiro Ribeiro	Nelson Schaun
Castro Alves	Jorge Amado
Ciridião Durval	Abel Pereira
Domingos Guimarães	Gileno Amado
Eduardo Ramos	Nilo Cardoso Pinto
Epaminondas B. de Castro	Raimundo de Souza Brito
Fernando Caldas	Joaquim Lopes Filho
Ferreira da Câmara	Eusínio lavigne
Filinto Bastos	Jorge Fialho
Francisco Borges Barros	Paulo Cardoso Pinto
Francisco Mangabeira	João Mangabeira

Gutemberg B. de Castro
João Florêncio Gomes
João B. Silva Campos
José Bastos
José de Sá Nunes
Junqueira Freire
Manoel Quirino
Marquês de Paranaguá
Napoleão Level
Pethion de Vilar
Rui Penalva
Sá Oliveira
Simões Filho
Teodoro Sampaio
Vasconcelos Queiroz
Virgílio de Lemos
Visconde Cairu
Xavier Marques

Ramiro Berbert de Castro
Otávio Moura
Plínio Almeida
José Nunes de Aquino
Heitor Dias
Jorge Medauar
dom Caetano Lima Santos
Leopoldo Campos Monteiro
Amilton Ignácio de Castro
Flávio de Paula
Francisco Paula Teixeira
Carlos Pereira Filho
Milton Santos
Halil Medauar
Fernando Natan Coutinho
Nestor Passos
José Cândido de C. Filho
Osvaldo Ramos

FOI MESTRE DOS MAIS COMPETENTES

Diário da Tarde,
13.08.68. Pág. 1

Causando profunda consternação nos meios sociais e educacionais ilheenses, faleceu ontem, depois do meio dia, o professor Nelson Schaun, educador dos mais abalizados e pessoa das mais benquistas de nossa cidade. O professor Nelson Schaun veio a falecer em consequência de doença cardio vascular, do que já vinha sofrendo, tendo a sua morte ocorrido no Hospital São José.

O ilustre extinto, deixou viúva a sra. Vanja Miguel Schaun e filhos Nicolau Schaun, estudante de Agronomia, Simone e Maria do Socorro, ambas professoras. O seu enterro será na manhã de hoje no cemitério local.

O professor Nelson Schaun faleceu aos 67 anos de idade, prestando relevantes serviços à nossa terra no setor educacional como mestre de Português e Matemática que foi dos mais competentes.

Por coincidência vai publicado na edição de hoje um artigo do professor Nelson Schaun, que recebemos precisamente no dia em que o autor sofreu a crise de que veio ontem a sucumbir.

ÚLTIMO ADEUS AO PROFESSOR NELSON SCHAUN

Diário da Tarde,
14.08.1968 Pág. 4

Com grande acompanhamento que reuniu pessoas de todas as classes sociais ilheenses, foi sepultado ontem no cemitério da Vitória, cerca de meio dia, após encomendação do corpo na catedral de São Jorge, o professor Nelson Schaun, figura das mais benquistas e com grande folha de bons serviços prestados à causa da educação em nossa terra, como mestre dos mais ilustres e eficientes.

À beira do túmulo falaram o sr. Rubens Correa e o professor Plínio de Almeida, presidente da Academia de Letras de Ilhéus, de onde o extinto era membro dos mais destacados pela sua inteligência e cultura, ressaltando-lhe os méritos e as qualidades, que faziam do mestre um devotado à causa da educação e um cidadão útil a Ilhéus.

A sua morte causou profunda consternação nos meios sociais e educacionais de Ilhéus, tendo vários estabelecimentos de ensino suspenso suas aulas em respeito à sua memória.

POSSE NA ACADEMIA: SETEMBRO

Diário da Tarde,
14.08.1968

Segundo informações prestadas pelos acadêmicos Plínio de Almeida e Francolino Neto, presidente e secretário geral eleitos, a posse da nova diretoria da Academia de Letras de Ilhéus está definitivamente marcada para o dia 10 de setembro, Dia da Imprensa, quando será prestada homenagem de saudade ao acadêmico Nelson Schaun e tomará posse o acadêmico eleito, professor Dorival de Freitas.

DESPEDIDA

João Alfredo Amorim de Almeida

Diário da Tarde,
21.08.1968 Pág. 2.

O velho mestre não pertence mais a este mundo. O antigo professor já não priva mais conosco. Perdemo-lo para sempre. E com ele se foi manancial insuperável de conhecimentos; uma avalanche de sabedoria; uma verdadeira cachoeira de erudição a serviço da mocidade e cultura ilheenses e dos grandes destinos da nossa terra.

Do velho mestre, na sua simplicidade e até mesmo na sua introversão bem compreendida pelos seus amigos mais chegados, emanava a preocupação pelo destino das terras de São Jorge dos Ilhéus. Porém muitas vezes ele fugia da condição imposta pela sua saúde para uma ligeira palestra com amigos pelas ruas da cidade, expondo o seu estoicismo ardoroso, lamentando tristemente o retrocesso político-administrativo e sócio-econômico espelhados a todo instante e a olhos vistos das coisas de Ilhéus.

Preocupava-se assim, o meu antigo mestre, o professor da minha primeira infância, na antiga rua do Sapo, de todos os aspectos fundamentais atinentes ao processo de desenvolvimento não só de Ilhéus mas de toda uma região riquíssima. E hoje me lembro quando em companhia de Halil, no seu leito de dor, há tempos passados, eu lhe apresentava um estatuto de uma nova sociedade a ser criada em Ilhéus, composta de jovens desejosos intransigentes do crescimen-

to da nossa terra, quer vertical quer horizontalmente abrangendo os vários setores de produção. E o velho mestre, lendo de relance o meu trabalho, com a sua alta sabedoria e rapidez de julgamento, dizia-me: "Muito bem, porém xenófobo. Tome cuidado com estas coisas porque a sensibilidade humana pode prejudicar o seu idealismo".

E realmente ele estava certo. Por mais que queiramos explodir o nosso afeto de amor à terra em que nascemos é preciso sermos estóicos. A humanidade, pela sua condição heterogênea, caracteriza-se realmente em certas ocasiões dentro daquela expressão do dramaturgo Plauto: - *Homo homini lupus*.

Leio o seu artigo, justamente no dia de sua morte, quando ele havia reiniciado as suas lides jornalísticas, após um afastamento de muitos anos. Apenas poucos trabalhos preciosos foram publicados nessa nova fase de atividade literária. Havia lhe dado os meus parabéns dias antes, porque estávamos ansiosos pela leitura de suas preciosas letras. A mocidade de hoje irá encontrar nos seus trabalhos algo de acalentador e estimulante.

Perdemo-lo, é bem verdade, e perdemo-lo com uma despedida das mais preciosas de Ilhéus.

"Como explicar o atraso de Ilhéus?". Eis o seu último artigo, o qual em outra oportunidade o mestre prometia "tentar discernir através de próximas considerações". Não poderá fazê-lo jamais, entretanto, deixou para os ilheenses e aqueloutros que aqui mourejam a grande pergunta. Que cada um de nós, examinemos, nos estudemos, nos critiquemos para, em conjunto, em algum dia próximo, darmos a resposta ao querido professor e em seguida marcharmos para as nossas grandes conquistas como homenagem

post mortem àquele que na sua simplicidade, foi um autêntico idealista, ótimo conselheiro e finalmente um bom amigo. Amigo de verdade.

Meu caro e saudoso professor Nelson Schaun. Guardaremos com carinho o seu último trabalho. Ele servirá para a posteridade. Jovens e velhos abrirão uma nova etapa. Ilhéus tomará outros rumos. Novas perspectivas se abrirão diante de nós.

ELE ERA UM HOMEM BOM

Antonio A. Peres

Diário da Tarde,
22.08.1968 Pág. 2.

Naquela tarde de junho de 1923, quando já ia caindo a noite, atracando no cais das docas de Salvador o navio *Iris* - eu era um dos passageiros. Vinha para Ilhéus, queria enfrentar a vida em uma terra de ricos. Uma turma de rapazes no tombadilho do barco contava anedotas, pilheriava e discutia política; era um bando alegre contagiando todos com aquela alegria que sabem ter os jovens. Um apito rompeu o silêncio da noitinha. Lenços acenavam para bordo e os de bordo acenavam para terra; era o adeus de quem vai e a saudade de quem fica. As gorras e pesadas correntes largaram-se do cais e o monstro de ferro foi se distanciando de terra, as luzes da cidade iam ficando para trás e uma onda de espumas nascia da poderosa hélice do navio.

Entre aquela turma alegre um jovem polido, olhar penetrante, testa ampla e a conversa de uma inteligência transparente meteu as mãos no bolso e sacou várias moedas de cobre que na época circulavam na terra de Thomé de Souza.

Os tempos rolaram, fui para o interior, somente tempos depois reencontrei o moço e fiquei sabendo o seu nome: Nelson Schaun.

Tornamo-nos conhecidos, tornei-me seu amigo e admirador. Nas minhas vindas de Pirangi, isto naquela época, sempre o procurava para conversarmos; sentia

na sua palavra fluente, como ele era idealista e antes de tudo humano.

Amava Ilhéus e certa vez me disse que aqui era a cidade melhor do mundo. Professor, macejador da nossa língua com uma robusta felicidade e conhecimento, para cada frase tinha um termo adequado e belo. Podemos dizer que foi educador de gerações e cresceu na estima de muitos. Jornalista sereno, coerente com suas atitudes e respeitador dos seus adversários. Viveu na humildade do seu lar, porém, feliz ao lado de uma esposa dedicada. Nos maiores transes de sua vida se tornou grande na estima de todos que o conheceram e o admiraram. Agora ele passa para o outro lado da vida, deixando na lembrança de todos a memória de um homem bom e de bem.

NELSON SCHAUN – UMA SAUDADE

Paulo Sergio
(Pseudônimo usado por Ariston Cardoso)

Diário da Tarde,
26.08.1968 Pág. 2.

Dos homens que eu conheci posso considerá-lo um puro. Puro, sem qualquer tolice, despido de toda maldade, e nobre. Nobre como poucos existem, igual na adversidade – que foi sua companheira inseparável, longos anos – o mesmo no pleno exercício de sua vocação de professor, dos mais sérios, competentes e probos. Probo ante tudo, medindo os homens pelo que eles valiam realmente, sem lhes dar nem lhes retirar a feição valorosa ou a caricatura inexpressiva, valor pelo valor mesmo, negação por medida exata.

Exata foi a medida de todos os seus dias de emérito professor de português, íntimo da língua, freqüentador de seus segredos, recebido sempre bem num convívio que o enobrece, último dos grandes mestres ilheenses duma geração. Geração que teve que optar entre a mudança violenta das instituições carcomidas e a aceitação dos novos dias que a democracia oferece como um desafio. Desafio dos mais sérios que a muitos perturba e a todos é uma oferta. Oferta de dias tranquilos, que não podem sobrevir enquanto poucos tudo desfrutem e a imensa maioria nada possua, deserdada pelos séculos em fora, desprotegida e só, gemido imenso que se não quer escutar, inquietador, contudo, até para os que são felizes, desassossegados na sua grandeza. Grandeza, posso afirmá-

lo, foi a tônica da vida do mestre pranteado.

Pranteado não porque a sua fosse a grandeza comum que vem do *status* social, da posição econômica ou política, a tola grandeza dos vaidosos. Vaidosos duma vaidade vazia. Vazia por si e em si, por mais que se queira grande. Grande era a grandeza do velho professor, igual no tempo que a simplicidade sempre revestiu sem um gesto de inferioridade num mundo de tantos inferiores, sem uma atitude mesquinha, ante tanta mesquinhez. Mesquinhez de quem podia ser nobre, justo e sereno. Sereno, para que o mundo fosse menos agressivo. Agressivo e injusto como não convém ao ser humano. Humano que grita por humanidade. Humanidade que se procura, que se deseja, que se anseia e parece perdida.

Perdida para muitos não para o velho mestre desaparecido, que nela sempre acreditou, sofredor que jamais se maldisse, lutador que não esmoreceu, fiel a si mesmo, puro e nobre. Nobre como poucos o podem ser, puro sem pretensões, porque era inteligente demais para ser igual à maioria dos homens com que conviveu, dos quais sorriu e não maldisse.

NELSON SCHAUN

Eusínio Lavigne

Diário da Tarde,
31.08.1968 Pág. 2.

Foi com profundo pesar que recebemos a notícia da morte do professor Nelson Schaun, um dos mais esclarecidos intelectuais de Ilhéus, em todos os tempos. Ao lado das suas excelentes virtudes morais – bom filho, bom esposo, bom pai, bom amigo e homem honesto e de caráter – avultava a sua visão exata dos fenômenos sociais e, pois, uma inteligência penetrante. Era um escritor correto. Não é o elogio de amigo que aqui fazemos. É a verdade dos fatos. Basta leiamos os seus últimos artigos, neste querido e tão lido *Diário da Tarde*: *Inquietação da Juventude* e *Como explicar o atraso de Ilhéus*, pelos quais se sente que Nelson Schaun era um sociólogo, era um humanista, chamejado pelo espírito do progresso.

E foi isso na luta pelo ideal, sofrendo até prisões e mal compreendido, que o levou ao abalo da saúde, de cujas conseqüências veio a falecer ainda relativamente moço.

Seu gosto pela educação – a chave dos problemas espirituais – fê-lo dedicar-se ao ensino, depois de anos atrás ter sido militante jornalista na imprensa de Ilhéus. E foi, ainda, para comprovação do nosso asserto um dos ardorosos fundadores da Academia de Letras de Ilhéus, para o funcionamento da qual, em falta de sede própria (que precisamos disso cuidar), concedera uma sala de sua residência.

Sugerimos, pois, que um ilheense desse porte, de tão elevado e profícuo espírito público, se preste, além de outras a que faz jus, a homenagem da mudança do nome da rua onde ele morava de Visconde de Ouro Preto, para Nelson Schaun – até porque, na nomenclatura das ruas devemos dar preferência aos cidadãos que prestaram serviços de suma importância à terra onde viveram. E o nome de "Visconde de Ouro Preto" não foi dado porque tivesse sido ministro do Império, senão teríamos de homenagear, analogamente, todos os demais ministros, mas por motivos de partidarismo local, que aquele político estadista prestigiou com outros nomes, pelos mesmos motivos injustificáveis, constam em ruas de Ilhéus. A nomenclatura das ruas não deve ter origem puramente pessoal, mas educativa ou de pessoas que valeram pelos seus grandes sacrifícios e serviços à ciência, à Pátria ou à cidade natal, ou de datas históricas que relembrem esses mesmos sacrifícios e serviços.

A PRESENÇA DO PROFESSOR NELSON NA ACADEMIA

Francolino Neto

Diário da Tarde,
04.09.1968 Pág. 4.

Está bem viva na memória de todos os componentes do quadro da Academia de Letras de Ilhéus, o trabalho desenvolvido por Nelson Schaun, eleito desde os primeiros momentos, secretário daquele sodalício.

Exercendo tal função, o fez dentro de um critério de seriedade e amplitude tais que as outras tarefas diretivas, inclusive a de presidente, passou a sofrer a influência de sua personalidade. Nelson, portanto, exerceu em todos os acadêmicos, atuantes ou não, ação decisiva e norteadora no que concerne aos propósitos geradores daquela casa.

Embora conhecesse Nelson Schaun fazendo jornal de debate ideológico nos começos da década de 50, orientando as massas obreiras e combatendo as injustiças sociais, condição que o tornava gigante e invencível, passei depois a conhecê-lo mais de perto, quase que na intimidade, vendo, daí sua singular e apaixonada vocação para o magistério, sobrepujando tudo. Era inconfundível.

Professor de Português, tendo sua cultura formada no tradicional estudo das letras, vivendo numa fase, como a atual, de mudanças constantes de orientação pedagógica e inovação metodológica, Nelson Schaun sempre soube integrar-se no processo de desenvolvimento da Língua Portuguesa, acompanhan-

do, atento, o debate havido entre gramáticos, filólogos e lingüistas.

Em várias e inesquecíveis ocasiões, discuti com ele os pontos da temática saussuriana, tendo em vista as mudanças fonéticas, mórficas, semânticas e léxicas do processo diacrônico, vendo, também, o encadeamento dos fatos da língua num dado momento histórico, preso às correlações e oposições. E, ao invés de encontrar nele, um professor bitolado e cheio de argumentos comuns aos gramatiqueiros, Nelson Schaun sobrepunha-se como um professor evoluído e conhecedor profundo da Língua Portuguesa.

Não só na vida da gente, mas, sobretudo, na das comunidades, vêem-se os ideais identificados no comportamento das pessoas que as constituem. Uns são frágeis, vaporizam ante os primeiros sopros dos vendavais. São falsos. Outros ideais, sinceros e puros, suportam todos os choques e partem irredutíveis para a eternidade das realizações. São úteis. A utilidade de Nelson Schaun foi tanta, que ele será, sempre, a figura representativa do ideal da Academia de Letras de Ilhéus, e, como seu secretário geral perpétuo, viverá nas nossas lembranças, professorando entre os seus confrades.

PROFESSOR NELSON SCHAUN

Edgar Souza

Diário da Tarde,
05.09.1968 Pág. 3. Notas Sociais

Ele foi em vida um bom e arauto da imprensa,
Um arauto por fim, em todos os sentidos;
O seu estro plasmava em bem da causa imensa,
Do sofrimento atroz dos povos exauridos.

Quando em horas de paz chegavam aos
teus ouvidos,
Os lamentos do povo, em ais, em desavença;
Esses ecos então, esses roucos gemidos,
Te causavam tristeza e tamanha descrença...

De vir um dia feliz todo o povo da terra
Que este mundo constrói, num labor incessante;
E por que tanto mal, por esta esfera erra...?

Que o teu gênio de luz imortal, retumbante,
De excelso professor, de alto cabo de guerra.
Clame a Deus pela paz do mundo trepidante!

VOCÊ ESTÁ VIVO, NELSON

Ton Lavigne

Diário da Tarde,
11.09.1968 Pág. 3. Notas Sociais

Nelson Schaun
Você morreu.
Seu corpo sem vida,
Levamos para a Vitória.
Lá carinhosamente o guardamos.

Mas este acontecimento de dor,
Nelson,
Não foi uma vitória
Da Morte sobre a Vida!

Você não morreu, Nelson.
Você está vivo:

vivo na chama do seu amor
que arde no peito puro de Vanja,
sua companheira;
vivo porque permanece viva
a sua carne, na verdadeira
continuação da Vida em
Nicolau, Simone e Socorrinho;
Vivo, você Nelson, no
Seu inteiro e puro
Ideal de Justiça.

Você não morreu, Nelson.
Não

Você está vivo
Na luz e no vento.

O pensamento claro
Da claridade da luz
sem segredo.

O espírito livre
Na liberdade do vento
No musicar dos eucaliptos
em embalo
de folhas perfumadas
que dão sombra generosa
ao túmulo branco
onde repousa seu sofrido
corpo
e onde humilde
a Natureza ante a Inteligência
se ajoelha e derrama
lágrimas de dor em orvalho.

Você está vivo, Nelson.

NELSON SCHAUN

Diário da Tarde,
12.09.1968. Nota

Foi apresentado um projeto de resolução denominando de prof. Nelson Schaun à atual rua Visconde de Ouro Preto, nesta cidade. Autor: João Alfredo que, em outro requerimento, solicita ao governo do Estado que não mais permita a saída, de Ilhéus, de órgãos estaduais, aqui sediados.

PARA VANJA NÃO LER

Durval Cardoso

Diário da Tarde,
19.09.1968 Pág. 2.

Muito antes de Cristo, na velha Grécia, berço de uma das civilizações mais ricas do pensamento humano, Solon já reconhecia que as leis eram como teias de aranha, onde só aos pequenos ela segurava, pois os grandes sempre encontravam jeito de rompê-las. Infelizmente os milênios de civilização não fizeram arrefecer o tão velho conceito, ao contrário, cada vez mais ele se afirma. Tristes histórias que se repetem na marcha inexorável do tempo.

Entre tantos, relembro a do jovem professor, em peregrinações constantes com a sua Vanja, pelo hediondo crime de pedir mais amor aos desprotegidos da sorte. Com que estoicismo cumpriram o degredo na pequena palhoça de beira no chão, em meio à mata virgem, caçados como almas espúrias, tendo apenas como elo humano, um braço amigo que os alimentava e de cujo segredo dependia a liberdade de ambos, se isso era liberdade.

Nelson e Vanja ficaram escondidos neste local entre 1940 e 1945.

Com que compaixão o jovem esposo sentia os arrepios de terror da sua

companheira ao cair mais brusco de uma folha ou ao bater mais violento das asas de uma tururim arisca. Que noites longas, onde só o cri-cri dos grilos e o coaxar dos sapos feriam o silêncio, intercalado não raro pelo gargalhar de uma coruja.

Unidos, contra a incompreensão humana, quantas vezes se julgaram felizes, mesmo molhados e tiritantes de frio depois de uma noite invernosa, ao saudarem auroras, sempre bem vindas, assistindo as pequenas rendeiras saltitantes de rama iniciarem a sua faina canora, assim como ao sabiá, que bom cantador ele era, entoar seu mavioso canto, como um constante "boas vindas", àqueles novos companheiros. Ao mestre, o silêncio, a prisão, o desejo incontido de cercear a liberdade, no aviltamento cívico de uma sociedade carcomida, às avezinhas a imensidão do firmamento para voarem sem rumos, a comida farta, a água cantante das ribeiras encachoeiradas, o canto livre nas madrugadas ou a seresta vadia nas noites enluaradas, num ensinamento da mãe Natureza, que os homens não querem aprender.

Recordações tristes, bem sabemos, Vanja, mas elas traduzem toda expressão de amor de duas almas, contra as injustiças do mundo. É o cabedal que lhe resta, da riqueza imensa distribuída por Nelson, a mancheias à mocidade da sua terra. Como esperança, os seus exemplos hão de servir à nossa juventude, para que num amanhã bem próximo os "cães não ladrem mais nem as caravanas circulem nos salões" evitando a cólera do Senhor dos Mundos para que não haja novas Sodomas e novas Gomorras.

NELSON SCHAUN

Clarêncio Baracho

Diário da Tarde,
28.10.1968 Pág. 3. Notas Sociais

Baixa o silêncio...
Venho com o olhar dilacerado
Na dor que é o dilema da saudade
Pairando onde os teus olhos vão fulgindo
À luz da eternidade.
Não trago flores, chego sufocado
Nas lágrimas que espargiram pelos ermos...
Trago-te o embalsamamento
Das assembléias místicas de crentes.
Revejo aqueles passos taciturnos,
Sob o teu peso imortal da enciclopédia.
Além, a mocidade pressurosa,
Sugando o mel que brota dos teus lábios
Sigo teus passos, chego à tua porta,
Os róseos canteiros perpetuam
A tua imagem heroicamente simples
Pontificando sobre um mar de escolhos.
A tua casa, ó paladino augusto,
Lembra o fastígio de uma Academia!

À BEIRA DO TÚMULO DO PROFESSOR NELSON SCHAUN*

Rubens Correia

Diário de Itabuna,
11.01.1969 Pág. 3.

No alto da Vitória – cemitério local: - saudoso mestre Nelson Schaun, dizem que, "ninguém é insubstituível neste confuso planeta". Todavia, o dr. João Batista Soares Lopes – na medicina ou assistência social; coronel Manoel Misael da Silva Tavares – no setor econômico, industrial e urbano; coronel Avelino Fernandes da Silva – na liderança da lavoura; coronel Antônio Pessôa da Costa e Silva – na política; o agricultor José Ninck – na valentia; aquele "Perigo"- na fiscalização sanitária; dr. Eusínio Lavigne – na administração municipal e o coronel Arquimedes Farias – no termo policial, ainda não foram substituídos nesta cidade!

Eu gostaria de perguntar a esta multidão que acaba de acompanhar os derradeiros passos deste grande homem: quem irá substituir o professor Nelson Schaun no ensino de Ilhéus?

Beneméritos de fato

Querido mestre: aproveitando o que aprendi com você – durante aquelas setenta e cinco aulas, estou escrevendo – *Coisas e Fatos de Ilhéus*. No terceiro capítulo deste meu modesto volume, você já está re-

gistrado como um dos seus beneméritos de fato, entre nós – ilheenses. E no décimo quarto capítulo do mencionado livro, em marcha, você, na qualidade de político idealista, é o maior sofredor em toda esta região do cacau.

Inesquecível orientador Nelson Schaun, a nossa eterna saudade.

Causando emoção e surpresa nos ouvintes, encontra-se nos tópicos acima, o nosso ligeiro discurso de improviso naquela sombria manhã de 12 de agosto de 1968, à beira do túmulo do professor Nelson Schaun.

* Prof. Nelson Schaun, após 67 anos de idade e 45 de ensino, deixou uma lacuna nos meios culturais de Ilhéus.

A ACADEMIA DE LETRAS DE ILHÉUS

Ilhéus Jornal,
05.12.1976, pág. 05 e 06

Entrevista com o acadêmico Francolino Neto

IJ - De quando data a fundação da Academia de Letras de Ilhéus?

FN - 14 de março de 1959

IJ - Quem foi o seu idealizador e quem deu execução à idéia?

FN - O poeta Abel Pereira, que, juntamente, com o professor Nelson Schaun, deram início à execução da idéia, tendo logo após, a adesão de dom Caetano Antônio Lima dos Santos, então, bispo de Ilhéus, do professor Osvaldo Ramos, do jornalista Octávio Moura, dos poetas Plínio de Almeida e Clarêncio Baracho e eu.

IJ – Quais os patronos das cadeiras da Academia e os seus primeiros ocupantes?

FN – PATRONOS	OCUPANTES
Cadeira no. 1 Afonso Costa	Carlos Monteiro (vaga)
Cadeira no. 2 Afrânio Peixoto	Francolino Neto
Cadeira no. 3 Almáquio Dias	Fernando Diniz
Cadeira no. 4 Aloisio de Carvalho (Lulu Parola)	Wilde de Oliveira Lima

Cadeira no. 5 Anísio Melhor	Clarêncio Baracho
Cadeira no. 6 Antônio Pessôa da Costa e Silva	Leones da Fonseca (vaga)
Cadeira no. 7 Arlindo Fragoso	Flávio Jarbas (vaga)
Cadeira no. 8 Artur Sales	Sosígenes Costa (vaga)
Cadeira no. 9 Bernardino de Souza	Adonias Filho
Cadeira no. 10 Carlos Chiachio	Camilo de Jesus Lima(vaga)
Cadeira no. 11 Carlos Ribeiro	Washington Landulfo(vaga)
Cadeira no. 12 Carneiro Ribeiro	Nelson Schaun(vaga)
Cadeira no. 13 Castro Alves	Jorge Amado
Cadeira no. 14 Ciridião Durval	Abel Pereira (1° Presidente)
Cadeira no. 15 Domingos Guimarães	Gileno Amado
Cadeira no. 16 Eduardo Ramos	Nilo Cardoso Pinto(vaga)
Cadeira no. 17 Epaminondas Berbert de Castro	Raimundo Brito
Cadeira no. 18 Fernando Caldas	Joaquim Lopes Filho(vaga)
Cadeira no. 19 Ferreira Câmara	Eusínio Lavigne(vaga)
Cadeira no. 20 Filinto Bastos	Jorge Fialho
Cadeira no. 21 Francisco Borges Barros	Paulo Cardoso Pinto
Cadeira no. 22 Francisco Mangabeira	João Mangabeira(vaga)
Cadeira no. 23 Gutemberg Berbert de Castro	Ramiro B. de Castro (vaga)
Cadeira no. 24 João Florêncio Gomes	Octávio Moura

Cadeira no. 25 João da Silva Campos	Plínio de Almeida(vaga)
Cadeira no. 26 José Bastos	José Nunes de Aquino
Cadeira no. 27 José de Sá Nunes	Heitor Dias
Cadeira no. 28 Junqueira Freire	Originariamente sem ocupantes
Cadeira no. 29 Manuel Quirino	d. Caetano Antônio L. dos Santos
Cadeira no. 30 Marquês de Paranaguá	Leopoldo Campos Monteiro
Cadeira no. 31 Napoleão Level	Amilton Ignácio de Castro
Cadeira no. 32 Pethion de Villar	Flávio de Paula(vaga)
Cadeira no. 33 Rui Penalva	Francisco Paulo Teixeira
Cadeira no. 34 Sá e Oliveira	Carlos Pereira Filho
Cadeira no. 35 Simões Filho	Milton Santos
Cadeira no. 36 Teodoro Sampaio	Halil Medauar
Cadeira no. 37 Vasconcelos de Queirós	Natan Coutinho
Cadeira no. 38 Virgílio de Lemos	Nestor Passos
Cadeira no. 39 Visconde de Cairu	José Cândido de Carvalho Filho
Cadeira no. 40 Xavier Marques	Osvaldo Ramos

A relação supra citada refere-se aos Membros Efetivos da Academia, os quais foram considerados fundadores. Além desses, a Academia tem um Quadro de Membros Correspondentes.

IJ - Em que época a A.L.I. foi mais atuante?

FN - Nos quatro primeiros anos, quando era seu presidente o poeta Abel Pereira

IJ - A A.L.I. já publicou alguma obra dos seus membros ou promoveu movimentos culturais?

FN - Publicação, não. Entretanto, promoveu vários movimentos culturais, salientando-se o 1º Festival de Escritores Regionais (1962) e um curso sobre Castro Alves (1971). Ministraram o referido curso os seguintes professores: Antônio Loureiro, da Universidade Federal da Bahia; Halil Medauar, da Faculdade de Direito de Ilhéus; Plínio de Almeida, na época, presidente da Academia; Raimundo de Almeida Gouveia, da Universidade Federal da Bahia; Nestor Passos, da Faculdade de Filosofia de Itabuna; Francolino Neto, da Faculdade de Direito de Ilhéus; e Adonias Filho, do Conselho Federal de Cultura.

IJ - Quais os acadêmicos falecidos?

FN - Carlos Monteiro, Leones Fonseca, Sosígenes Costa, Camilo de Jesus Lima, Washington Landulfo, Nelson Schaun, Gileno Amado, Nilo Cardoso Pinto, Joaquim Lopes Filho, Eusínio Lavigne, João Mangabeira, Ramiro Berbert de Castro, Plínio de Almeida e Flávio de Paula.

IJ - Quantas cadeiras estão vagas atualmente?

FN - Quinze cadeiras

IJ - Quando ocorre o preenchimento das cadeiras vagas?

FN - Tão logo ocorra a publicação de Editais, na forma de regimento da A.L.I., ensejando inscrições de candidatos e, a seguir, a eleição regimental.

IJ - A A.L.I. recebe algum auxílio dos órgãos governamentais?

FN - Atualmente não.

IJ - Que planos tem, atualmente, a A.L.I. no sentido de renovação e revitalização?

FN - Primeiramente, a recomposição; a seguir, reforma do regimento. Neste particular, há uma grande corrente que espera com a reforma, admitir a mulher como membro efetivo da A.L.I., à forma adotada pela Academia de Letras da Bahia. É que o modelo usado por ocasião da fundação da A.L.I. foi o da Academia Brasileira de Letras, que, até hoje mantém impedimento para o ingresso da mulher como acadêmica.

IJ - Quem, no momento, é o presidente da Academia de Letras de Ilhéus, e até quando vai o mandato?

FN - O professor Amilton Ignácio de Castro, cujo mandato irá até o dia 14 de março de 1977. Pelo regimento da A.L.I., em homenagem a Castro Alves, a 14 de março de cada ano, os trabalhos da A.L.I. têm início; e justamente nesta data,

bienalmente, ocorrerá eleição para a diretoria. Também, em homenagem a Ruy Barbosa, a A.L.I. encerra, anualmente, seus trabalhos no dia 5 de novembro. A última eleição ocorreu, extraordinariamente, no dia 17 de dezembro de 1975, quando, por seu turno, a A.L.I., empossou seus novos membros, dentre os quais o poeta Telmo Padilha.

IJ - Algum ou alguns acadêmicos efetivos deixaram de tomar posse?

FN - Pouquíssimos. Lembro-me apenas do professor e escritor Milton Santos, por se encontrar ausente do país.

IJ - Jorge Amado também tomou posse?

FN - Sim, inclusive assinou a ficha de acadêmico.

IJ - A A.L.I. pretende realizar, ainda este ano, algum curso?

FN - Transcorrente este ano o centenário de nascimento de Afrânio Peixoto, patrono da cadeira número 2 da A.L.I., pretendemos realizar um curso a respeito do festejado escritor, à maneira como a Academia fez sobre Castro Alves.

O PARTIDO COMUNISTA QUE EU CONHECI
PCB e Governo caminham para o interior

João Falcão*

"(...)O prefeito Mário Pessoa e a população ilheense receberam em festas o governador e sua comitiva. Notava-se um grande regozijo na cidade, ocasionado por presenças tão ilustres: o presidente da Corte de Apelação, o prefeito de Salvador, engº. Durval Neves da Rocha, os secretários da Agricultura e de Viação e Obras Públicas, o presidente da Associação Comercial da Bahia, homens de negócios, jornalistas, etc. Mas, em meio a tudo isso - reuniões, audiências e festanças -, eu aproveitava o tempo para realizar a minha tarefa. De acordo com a credencial recebida, meu primeiro contato seria com um combativo dirigente comunista, o professor Nelson Schaun, que não teria dificuldades em me identificar, pois era correspondente de *Seiva*. Ele, porém, encontrava-se foragido. Aconselhado por amigos a fugir para não ser preso, embrenhou-se pelas matas do sul baiano, à procura de abrigo e segurança. O segundo contato seria com o motorista Bernardirno de tal, que me recebeu cauteloso e reticente. Apresentei-lhe a credencial para Schaun. Negro, baixo, forte, aparentava 45 anos e estava fardado de branco. Por incrível coincidência, era o chofer do prefeito. Ele, a princípio, fez-se de desentendido, mas chegamos a um clima de confiança, e a conversa fluiu. O companheiro Nelson Schaun realizara um bom trabalho, e ainda existia uma célula na cidade. Pedi a Bernardino que organizasse uma

reunião para que eu pudesse transmitir as diretivas do Comitê Regional e restabelecer os meios de comunicação, interrompidos há muito tempo. Dois dias depois, à tarde, nos reunimos com mais quatro companheiros. A casa situava-se num lugar paradisíaco, em meio a uma praia e a um coqueiral imensos, perto de uma vila de pescadores. Aí chegamos numa pequena lancha, após a travessia de Ilhéus a Pontal, àquela época um simples lugarejo. Minha intervenção, em nome do Comitê Regional, abrangeu desde a situação nacional e internacional, até a guerra imperialista. Informei-lhes, ainda, acerca da atuação do Partido em Salvador e da luta pela liberdade do nosso líder Prestes, preso há mais de quatro anos e condenado à pena de 30. Um companheiro da região, talvez secretário da célula, nos colocou a par do trabalho ali desenvolvido e da situação do companheiro Schaun, que vinha recebendo assistência financeira, inclusive de alguns amigos seus. Pedi que lhe transmitissem a tarefa de escrever, para a nossa revista, um artigo sobre a situação dos trabalhadores na zona do cacau. A reunião não poderia se alongar, sob pena de chamar a atenção da vizinhança. (...)"

* FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1988. P. 85.

NELSON DE FERRO E DE FLOR

Antônio Lopes

Jornal *Agora*,
Itabuna, 3 de março de 2001

Um não identificado repentista nordestino, falando de Gregório Bezerra, saiu-se com estes versos: "Mas existe nesta terra/Muito homem de valor/Que é bravo sem matar gente/E que luta em seu favor:/Como Gregório Bezerra/Feito de ferro e de flor". O educador ilheense Nelson Schaun (um autodidata que conseguiu ser filólogo, sociólogo, jornalista, latinista e professor de português) também era feito de ferro e de flor. E tinha outros pontos comuns com o comunista pernambucano. Militante do PCB, tal qual Gregório no Recife, Nelson foi arrastado pelas ruas de Ilhéus, tendo no comando da operação um certo coronel Arsênio Alves. Presos ambos, manietados, amarrados como se bichos ferozes fossem, humilhados, enxovalhados, exibidos como troféus, caças de duas ditaduras diferentes no tempo e iguais no comportamento.

O Nelson-flor que eu conheci na rua do Sapo nº. 45 era filho da resistência, o caráter forjado na luta política, homem que absorvera as iniqüidades e as exorcizara, não se permitindo cicatrizes perceptíveis, nele ou na família. Se as tinha, era no íntimo, para consumo doméstico. Jamais ouvi os Schaun comentar esse passado de sofrimento, quer fosse como vanglória, quer para tornar público oculto rosário de lamentações. Nelson Schaun não pousava de herói ou vítima, não

transformava sua vida num romance sujo ou poema barato, e sua família (à frente d. Vanja, esposa e companheira de fugas e esconderijos) fazia o mesmo.

Ele apenas usava sua experiência para, balizado por princípios humanistas, ler e traduzir o país que o rodeava. E, é lógico, manter a capacidade de indignar-se com o que via. Tendo os pés e a cabeça no seu tempo, passava a impressão de que o passado, importante como farol do presente e do futuro – não fosse ele versado na dialética marxista – não é matéria-prima de choro nem vela. Quando conheci Nelson Schaun, eu era um tímido adolescente, incapaz de lhe apreender a grandeza ou fazer esta interpretação, que só me ocorre neste momento.

Não fui seu aluno, a não ser por via indireta. Na casa da rua do Sapo, hoje Visconde de Ouro Preto, seu filho Nicolau, Hermano, Sandoval e eu, nos reuníamos para estudar as matérias do currículo do Instituto Municipal de Educação (IME), mas, principalmente, coisas amplas e variadas, que incluíam nossa descoberta de Marx, Rosa Luxemburgo, Máximo Gorki, Trotsky, e por aí vai, além, naturalmente, de embalar sonhos e prescrever soluções para tirar o Brasil da beira do abismo. Havia no quintal, se bem me lembro, uma mangueira, primeira e única sede dessa confraria dos quatro, que imaginávamos como uma coisa fechada, uma espécie de maçonaria (o que digo?), que ganhou com rapidez a noite dos tempos e nela desapareceu. Parênteses, para dizer que debaixo dessa mangueira dos Schaun, pouco antes, em 1959, nascera a Academia de Letras de Ilhéus. Note-se que a instituição veio à luz sob evidente espírito de tolerância, na casa de um comunista, abrigando o bispo diocesano, alguns integralistas e, naturalmente, os

indefectíveis do tipo "nem contra nem a favor, muito pelo contrário". Fecha parênteses.

Mas ninguém pense que o velho comunista tinha alguma influência nessa nossa leitura "perigosa". É de justiça dizer que jamais presenciei de Nelson Schaun qualquer ação de proselitismo, alguma tentativa de nos influenciar no que líamos, no que fazíamos ou no que queríamos ser na vida. Com Nicolau, seu filho, o comportamento era o mesmo, até porque ele nos equiparava a todos, como se fôssemos também seus filhos. Nelson Schaun era um comunista liberal, se é que posso ser entendido.

O sustento da família era tirado das aulas de português e latim, que dava em sua casa, ao ar livre, sob a mangueira, cercado pelas flores de d. Vanja. Além de professor, era incorruptível fiscal da língua portuguesa, sempre pronto a, com clareza e bondade, explicar os motivos de acentuar ou não uma palavra, trocar um termo por outro, suprimir uma redundância, melhorar um texto, aclarar uma sentença.

Além de ter copidescado (anonimamente) textos para *O Renovador*, jornalzinho do Grêmio Castro Alves (IME), que eu dirigi, concordou comigo que "plangente violão" encontrado num clássico da MPB, era uma imensa bobagem. Aquela aprovação do mestre, mais do que me envaidecer, avalizou minha nascente ojeriza aos adjetivos.

Não era um comunista durão, ortodoxo, dos que expelem seriedade burguesa pelos poros. Nunca o vi comer uma criancinha sequer, em qualquer das três refeições. Ao contrário, era um Nelson simples, aberto, bem humorado, de bem com a vida, chegado a uma cerveja, capaz de dar boas risadas, se a piada valesse a pena. Uma de suas leituras habituais era o

jornal *Última Hora* e, nele, a coluna de Stanislaw Ponte Preta. Tinha ele 62 anos quando o conheci e ainda era dono de raciocínio vivo e rápido. Num certo domingo, à porta da casa, filosofava sobre a vida e a morte com um motorista de táxi e, a certa altura, este lhe perguntou:

Professor, qual é o nome daquelas mulheres que choram...

Carpideiras! – Ele respondeu de chofre, deixando pálido de espanto o pobre homem, que, antes de se recuperar do susto e cair na risada, esteve a ponto de desembestar rua do Sapo afora, tão inusitada lhe pareceu, não a resposta, mas a compreensão da pergunta. Mais tarde, no almoço com d. Vanja, Nicolau, Simone, Socorro e Sônia (e eu), o assunto foi muito comentado, com o "velho", entre um e outro copo de cerveja, se divertindo muito com a impressão que causara àquele homem, para quem, dali em diante, Nelson Schaun não só era um "porreta" em língua portuguesa, mas também uma espécie de bruxo, capaz de ler e ouvir pensamentos. E do que sabe este escriba outonal para dizer que o motorista não estava certo?...

Este é o Nelson que guardo (mais no peito esquerdo do que na cabeça), com base em cortes e traços de uma já pouco confiável memória. Única certeza certa: me orgulho de, mesmo que não compreendesse o significado do momento, ter convivido com um dos homens mais dignos, incorruptíveis, sofridos, honrados e lúcidos que Ilhéus conheceu: Nelson Schaun, um que era feito de ferro e de flor.

Antonio Schaun, Nelson, desconhecido e João Schaun (Salvador, 1930)

Depoimentos de amigos e companheiros

Com familiares no Campo Grande (Salvador, 1930)

EDUCAÇÃO E IDEAL

Abel Pereira*

Rio de Janeiro,
outubro de 1997

Conheci Nelson Schaun lá pelos idos de 1923. Eu morava numa localidadezinha próxima a Ilhéus, e ele foi lá a serviço do *Correio de Ilhéus*, do qual era redator-chefe. Desde esta época, eu já andava querendo ser poeta e mostrei-lhe um soneto meu. Tempos depois, já em Ilhéus e colaborando com poesias e artigos para jornais, passamos a ser amigos. Ambos fazíamos parte do Grêmio Olavo Bilac. E esta amizade durou ao longo de quase 30 anos, até minha ida para Porto Alegre, onde morei dois anos, de onde saí para morar, definitivamente, no Rio de Janeiro.

Nelson era uma pessoa extraordinária, um grande caráter e uma inteligência privilegiada. Era um idealista e um lutador em prol da Educação. Foi ele quem instituiu a campanha ABC, demonstrando ao povo humilde a necessidade de aprender a ler. Para ensinar alguém, Nelson nem queria saber se ela poderia pagar-lhe ou não. Ele se dedicava ao ensino com toda a sua integridade.

Era um homem profundamente ligado ao estudo, um autodidata de alto nível. Na Campanha do ABC, era incansável nos comícios em praça pública, incentivando o povo a estudar. Era combativo. Mas se filiou ao PC. E isto foi a sua ruína, econômica e social.

Minha vivência com Nelson Schaun mantinha-se em plano mais agradável, literário e intelectual, in-

tegrantes que éramos do Grêmio Olavo Bilac e fundadores da Academia de Letras de Ilhéus. Tenho recordações do tempo em que José do Patrocínio Filho – o mirabolante Zeca Patrocínio – chegou à Ilhéus para realizar um série de conferências. Que orador! Corria o ano de 1926, depois do trabalho íamos para o bar Vesúvio. O Nelson Schaun chegava, junto com amigos e intelectuais, para fazermos uma roda em volta do Zeca Patrocínio. Nós acreditávamos em tudo que ele dizia.

Nelson Schaun saía cedo destas rodas. Como eu também. Tínhamos trabalho no dia seguinte. Nelson era professor de inúmeros colégios. Lembro que foi mestre do colégio da Piedade. E graças ao depoimento de uma freira – madre Maria Thaís – foi solto, certa vez, em uma das prisões injustas a que o submeteram. Questionada, pelos fanáticos, se Nelson Schaun andava pregando idéias absurdas no colégio da Piedade, madre Thaís respondeu, duramente:

"-Disto não sei. O que eu sei é que Nelson Schaun é um excelente professor e está fazendo falta à Educação deste país".

Com este depoimento, Nelson foi posto em liberdade. Nelson Schaun foi injustamente perseguido pelas suas idéias. Era um homem extraordinário e generoso. Infelizmente, não deixou nenhuma obra. E tinha condições de realizar um grande trabalho, sobretudo no campo da Educação. Mas o tempo que passou foragido atrapalhou-lhe a vida e os estudos. Nelson foi vítima de seu próprio ideal. Pelo ideal, sacrificou-se, sacrificou a família e o seu próprio futuro. Deixou tudo pelo ideal, viveu grande parte de seu tempo perseguido, foragido, na clandestinidade, longe da família. Digo isto porque, se ele não hou-

vesse se prendido tão fortemente a um ideal, teria sido – e reconhecido, hoje – como um dos maiores professores de Língua Portuguesa que a Bahia jamais teve.

* Abel Pereira foi criador e fundador da Academia de Letras de Ilhéus e seu primeiro presidente. É membro do Instituto Histórico da Bahia, Associação Brasileira de Imprensa, Sociedade de Homens de Letras do Brasil. Academia Maçônica de Letras (RJ) e Ordem dos Velhos Jornalistas. É autor de *Colheita* (1957), *Mármore Partido*, *Quando o Outono Voltar...*, *Bahia nos meus haicais*, *Assim é o haicai* e *Poesia até Ontem*.

O PRAZER DE CONVIVER COM NELSON

Zezito Pena*

São Sebastião do Passé,
08 de janeiro de 2001.

Lembrar de Nelson Schaun é lembrar dos meus verdes 20 anos. Eu morava em São Sebastião do Passé e trabalhava como caixeiro de uma loja que recebia todos os jornais de Salvador, começo da década de 1930, até a década 1940. Eu era menino, de uns dez anos, e me habituei a ler os jornais que chegavam: *O Imparcial*, *A Tarde*, o *Diário de Notícias*, *O Estado da Bahia*, depois veio o *Diário da Bahia,* pelo menos são os de que me lembro.

Assim sabia as notícias da guerra e ouvia falar do Exército Vermelho, da Queda de Paris, de Luis Carlos Prestes, Agildo Barata Ribeiro... Isso começou a despertar a minha curiosidade e eu terminei me ligando, simpatizando com as idéias do Partido Comunista. Daí, fui morar em Catu, e em 45, aos quatorze anos de idade, fui para Salvador onde comecei a militar no Partido Comunista. Em 1949/1950, eu era da Juventude Comunista, já na ilegalidade. Nesta época, comecei a ir a Ilhéus.

Entretanto, através dos jornais *O Momento* e *Tribuna do Sul*, que chegavam a Salvador, já admirava a figura do professor Nelson Schaun, - meu ídolo, além de Luis Carlos Prestes e Agildo Barata. Quando eu fui a Ilhéus, pela primeira vez, foi uma alegria muito grande conhecer Nelson, conviver com Nelson. Além da sua firmeza ideológica, além de sua coragem fora

do comum, Nelson era a cara legal do partido, (porque tinha o subterrâneo do partido e tinha a frente legal). Nelson sempre militou na frente legal e, por isso, era quem recebia todas as pancadas do governo. Era quem escrevia os artigos e batia de frente com a repressão e era uma repressão violenta; Nelson foi preso muitas vezes. Toda vez que a *Tribuna do Sul* saía, Nelson ia preso, pois era o redator chefe do jornal.

Tive uma convivência muito grande com Nelson e tenho saudade desse tempo. Ele conseguia ser um militante duro, ativo, firme ideologicamente, mas era um figura profundamente carinhosa. Isso me emociona! Porque existiam aqueles militantes duros, sem singeleza, sem delicadeza e Nelson tinha essas qualidades. Quando vi aquela famosa frase de Che Guevara: "Hay que endurecer-se, pero sin perder la ternura jamás..." Nelson era exatamente isso. E, às vezes, como era um homem muito querido, fora das fronteiras do partido, a própria direção partidária não o valorizava, pois não era um homem do aparelho, ele nunca aceitou ser do aparelho, perder as ligações com a comunidade, com o povo. Vivia normalmente e freqüentava as rodas intelectuais de Ilhéus.

Então esse tipo de militante não era valorizado, pela circunstância de não se adaptar à luta armada, à militância dentro do aparelho, pois o partido se voltava para dento e iniciava ações, tentava ações, até de luta armada... mas sem nenhuma condição objetiva. E Nelson era isso, um militante ativo, um intelectual da maior qualidade, escrevia brilhantemente, usava muita ironia e isso enraivecia as lideranças políticas. Num episódio da vinda da Virgem de Fátima, aquela imagem portuguesa de Nossa Senhora de Fátima, a Ilhéus, houve uma passeata da comuni-

dade religiosa de Ilhéus, que tinha uma tradição religiosa muito grande. Várias faixas foram colocadas nas ruas e uma delas dizia assim: "Virgem de Fátima ficai conosco que é noite!" Nelson pegou esse gancho e escreveu um artigo muito duro, mas não no sentido de atacar a alguém, esta era outra qualidade da interação de Nelson - ele não fazia ataques pessoais, ele fazia artigos duros, mas sempre no terreno ideológico.

Essa postura impunha respeito. Então, publicou um artigo que dizia assim*: É noite para os inimigos do povo*. E isto lhe custou mais um período na prisão. Desta vez, usamos a amizade com um desembargador para libertar Nelson. Sei também de seu valor como professor no sul da Bahia, sobretudo em Ilhéus, onde ele era uma figura respeitadíssima. Não só escrevia muito bem, mas como nós gostávamos de ouvir Nelson falar... Ele era, realmente, uma figura extraordinária na política, como professor, um ser humano de primeiríssima grandeza... e, mesmo no tempo do partido duro ideologicamente, daquele sectarismo violento, ele conseguia manter uma relação muito boa com a comunidade de Ilhéus, sobretudo com a comunidade intelectual.

Tem um outro episódio que também lhe custou a prisão. Na região tinha um coronel Arsênio Alves, era a época da Guerra da Coréia, e o general MacArthur era o comandante dos exércitos americanos, sediados lá no Sudeste da Ásia. O MacArthur declarou, uma vez, que utilizava "estratégias", "recursos estratégicos", e o Arsênio, querendo imitar o general MacArthur, numa luta com os índios, em Corumbau, na região sul da Bahia, - onde a Polícia Militar precisou intervir... só que saiu um batalhão de Ilhéus, para combater os

índios e uma outra força militar, de um outro local, sobre a qual ele não tinha conhecimento, foi também com a mesma finalidade - as duas guarnições se chocaram. No retorno, o Arsênio deu uma entrevista para o jornal *A Tarde* dizendo: "Nós fizemos contato com os inimigos, mas tivemos que fazer uma retirada estratégica", imitando os termos que o general MacArthur utilizava. Então, Nelson escreveu: *O ridículo MacArthur de Corumbau*. Rapaz, o homem enlouqueceu! Aí, outra cadeia!

Como Nelson era uma figura respeitada, nunca foi espancado. Ele costumava dizer: "Pelo menos me respeitam". Desde 1935, Nelson foi preso muitas vezes. Numa das vezes, ficou por quatro anos e teve problemas sérios de saúde. Nesta época, houve um retorno da democracia no Brasil, depois da ditadura Vargas, e Mangabeira foi o governador de 45 a 50. O regime endureceu, depois de Régis Pacheco, por causa de Laurindo Régis que era o secretário de segurança pública, mas existiam algumas figuras que eles não mexiam por causa das próprias relações com os intelectuais, a repressão tinha mais cautela, pegavam brutalmente, mas não torturavam.

Outros companheiros foram torturados, submetidos ao pau de arara. Mas Nelson, eles respeitavam muito, apesar de que, qualquer coisinha, cadeia, porque Nelson nunca foi para a clandestinidade, eu o conheci sempre na frente legal do partido. Nelson era considerado a frente legal, pelo seu prestígio, por suas relações pessoais e pelo seu valor intelectual como homem de jornais, jornalista. Rompemos com o partido em julho de 1957 e, nesse momento, saiu todo o comitê regional sul baiano, todos os componentes assinaram um documento que foi publicado n'*A Tarde*. E

aquele texto foi cunhado por Nelson. Ali temos o estilo claro dele.

Nelson foi submetido a muitas restrições dentro do partido nos 30 anos de estrada. Porque ele era um cara que postulava, na sua própria consciência ideológica, a liberdade e a verdade como valores universais, ele compreendia que só se constrói uma sociedade socialista a partir da liberdade plena de opinião – e essa era a principal característica dele, seu grande valor está nisso. Tenho Agildo Barata e Carlos Mariguella também como belos exemplos dentro do partido, figuras humanas, populares... Agildo Barata esteve com bastante freqüência em Ilhéus, se fosse vivo daria boas informações... Mariguella também foi muito na casa de Nelson. Estas visitas se davam pela importância do comitê regional sul baiano, pois havia o partido e os comitês regionais, ligados diretamente a um comitê central e, na Bahia, havia o comitê regional da Bahia, sediado em Salvador, e o comitê regional sul baiano, sediado em Ilhéus, e é pela importância desse comitê que as estrelas do partido visitavam a região.

* José Valdomiro Pena (23.02.1931) nasceu em São Sebastião do Passé e aos 14 anos ingressou na UJC (União da Juventude Comunista). Sempre trabalhou no comércio, na iniciativa privada. De 1945 a 1949 morou em Catu onde mantinha, com o irmão, uma empresa de ônibus. Em 1957, quando se desligou do PC, ingressou na área de Comunicação do IAPC. Militou no Movimento Trabalhista Renovador e em 1958 filiou-se ao PTB de Ferrari. Depois do golpe de 64 filiou-se ao MDB. Em 1990, se aposentou do IAPC e voltou para São Sebastião do Passé, onde se elegeu deputado estadual pelo PSDB, em 1994. Em 1996, foi eleito prefeito de São Sebastião pelo PMDB, sendo reeleito em 2000.

NELSON, UM MARXISTA CONSCIENTE

Hermano Penalva*

São João do Panelinha,
12 de janeiro de 2001

Nos últimos tempos, sempre que penso em Nelson eu me lembro de Tom Jobim falando sobre a morte de Vinícius de Moraes: "Não, Vinícius não morreu, ele está em Londres".

Aspectos curiosos

Conheci Nelson por volta dos anos sessenta em decorrência das minhas relações de amizade com Nicolau, seu filho, e lembro perfeitamente da primeira vez que eu entrei naquela casa, na rua do Sapo, em frente à rua do Dendê, essas são referências interessantes na vida de Ilhéus, como foi na vida dele e na minha. Eu o conheci ali, quando um dia entrei, repentinamente, e ele dava aula para alguns rapazes. Nossa relação foi se aprofundando pouco a pouco e de repente eu já tinha mais um motivo para ir àquela casa, já não era Nicolau, meu amigo de correrias, de estripulias, mas a presença do próprio Nelson e foi através dele que dei os primeiros passos para conhecer realmente o que era filosofia dialética, foi através dele que eu consegui meu primeiro livro sobre o assunto *A Dialética da Natureza*, de Engels. Esta foi a primeira manifestação direta de Nelson para comigo – o estímulo à busca bibliográfica.

Assim eu dava os primeiros passos no sentido de conhecer mais profundamente o marxismo, e a militância ativa que vim a exercer, posteriormente, devo, ao exemplo que Nelson significou para mim. Lembro que, quando começamos a tratar desses assuntos, ele o fazia com muita cautela, porque me considerava muito jovem, mas a minha inquietação me levou a estabelecer alguns contatos fora de Ilhéus e fui descobrindo que novas organizações políticas e marxistas acenavam no cenário político nacional vislumbrando, através delas, a possibilidade de vir a ter uma militância que não trouxesse os vícios do Partido Comunista.

Apresentei os primeiros documentos da organização, à qual estava me vinculando, a Nelson - ele se surpreendeu, pois eu estava mais avançado do que ele pensava e talvez ele tenha tido a idéia exata de que eu estava muito mais avançado do que ele imaginava exatamente pela ação dele junto a mim. Esses documentos o impressionaram tanto que ele me disse: "tivesse eu menos idade retomaria toda a minha militância em cima desses postulados". Essa foi a segunda grande manifestação de Nelson comigo quando me mostrou que estava no caminho certo, que eu havia interpretado bem as primeiras lições.

Impressionava-me muito a maneira como Nelson se relacionava com as pessoas em geral e, mais ainda, com algumas pessoas em particular. Pessoas de destaque da sociedade de Ilhéus e pessoas que estavam muito distantes, no extremo oposto da postura ideológica assumida por ele. Certa vez, encontrei em cima de sua mesa um livro que tratava do humanismo, mas não era o humanismo concebido do ponto de vista marxista e sim um humanismo gratuito e, esse livro, foi dedicado a Nelson por aquele que seria seu ad-

versário político ideológico na cidade, a dedicatória me chamou a atenção e é um referencial em minha vida, dizia o seguinte: "A inquietação identifica os homens, o ideal os aproxima", isso partindo de um velho integralista, para um velho combatente comunista é extraordinariamente interessante... duas pessoas apreciáveis pelo interesse intelectual pela vida, pela cultura, enfim duas pessoas, duas expressões culturais de Ilhéus, daquela época, e, ambas, bem definidas ideologicamente. Esse foi um dos acontecimentos singulares que aconteceram nas visitas que fazia à casa de Nelson.

A faceta de Nelson que mais me interessava era a sua militância política. Disso, na verdade, pouco conversamos, pois ele se limitava a apenas transmitir ensinamentos, falava pouco de si mesmo. Nelson era aquele indivíduo que encontrou o equilíbrio entre o emocional e o racional, ele tinha gestos de carinho comigo como se eu fosse um filho e, em compensação, era rígido como se eu fosse seu discípulo, mas tudo isso feito de uma forma tão discreta que chegava a ser comovente.

Outra curiosidade desses contatos com Nelson, foi com relação ao esporte, ao futebol: "Hermano, você pensa que futebol aliena, isso é ingenuidade, o futebol bem apreciado é um excelente balé", dizia. Eu tinha um respeito profundo pelo conhecimento que ele demonstrava pela língua portuguesa, ele tinha muito conhecimento de cultura geral e eu o respeitava pelo seu histórico político, então, tudo isso fazia com que eu o visse um pouco como ídolo.

Acordar às cinco horas da manhã, naquela idade, depois de uma farra durante a noite e enfrentar o serviço militar, não era nada agradável, mas quis fa-

zer o serviço militar, achava que iria aprender sobre armamento e a postura de Nelson, frente a isso, foi a seguinte: "Rapaz, o serviço militar orienta, disciplina e você precisa de disciplina, é conveniente que você faça esse troço".

Nelson era excelente, foi com ele que eu ouvi, pela primeira vez, a palavra semântica, foi através dele que eu comecei a entender como se formam as palavras. Nelson orientava sem dirigir, mostrava que era preciso aprender as coisas, que devíamos enfrentar as dificuldades, que devíamos buscar sempre para ter um conhecimento mais profundo do idioma, e apesar de todo esse conhecimento, de toda a exigência, pois cobrava de todos uma linguagem correta, ele próprio usava o mais simples e o mais correto linguajar

Quando ele foi convidado a dar aulas no IME, foi aplaudido pelos estudantes, sobretudo pelo que tal medida continha de inovador, pois pela primeira vez na vida do colégio um autodidata assumia uma disciplina. Foi um período curto, mas o suficiente para que os alunos sentissem profundamente sua falta quando deixou o cargo. Fato idêntico ocorreu com relação à Academia de Letras de Ilhéus: como se não bastasse toda a contribuição que havia dado à cultura local, encontrou fôlego para, ao lado de Abel Pereira e outros intelectuais da região, fundar aquela Academia: outra vez o autodidata se impunha e a sociedade aplaudia.

O segredo da admiração por Nelson é muito simples: ele não conseguia dizer bobagens, se estivesse numa mesa de bar conversando, contando piadas, jamais contaria uma piada vazia, era sempre com conteúdo. Isso é uma característica marcante dele, sobretudo, porque foi um intelectual de alto nível, um

conhecedor profundo de filologia, que tratava as pessoas com um linguajar corriqueiro e comum, mas nunca equivocado. Esse era o maior dom de Nelson, todo mundo que o conheceu o admirava.

Minha fonte inspiradora

Na primeira aula formal de política (início da década de sessenta) ele fez um comentário comigo em três níveis - primeiro me explicou o que estava acontecendo no nível internacional, pois, a essa altura, a União Soviética se cristalizava como um país em progresso acelerado (Nelson já estava afastado do Partido Comunista e possuía uma concepção mais clara do desmembramento da União Soviética), ninguém nunca falou com tanta clareza, pra mim, sobre isso, senão Nelson, e, é impressionante, se compararmos a situação de hoje, com a União Soviética já destruída, a história do muro de Berlim já ultrapassada, como, naquela época, ele me ensinou o que significava a teoria da cortina de ferro ou, mais precisamente, a teoria do socialismo, num só país.

Nelson percebia claramente que aquele isolamento da União Soviética não tinha nada a ver com a concepção original marxista do socialismo universal. Assim, ele me fez as primeiras observações sobre isso, comentou sobre a conjuntura internacional em que o mundo vivia; o que o Brasil significava dentro dessa conjuntura e os reflexos que isso poderia ter internamente, inclusive dentro da nossa cidade e, é verdade, ocorreram todas essas coisas. A história comprovou aquelas teorias que ele tentava esclarecer para mim: a União Soviética se desmembrou, o Brasil sofreu as

conseqüências desse desmembramento e, até mesmo na região aonde vivíamos, os resultados foram visíveis, pois, a partir daquele momento, houve uma política na região cacaueira, que fazia parte desse complexo analítico de Nelson, de estabelecer preço mínimo para a venda do cacau, houve toda uma agitação regional em relação à cacauicultura visando a estabilizar a região cacaueira. Depois desses acontecimentos é deslanchada uma série de ações em nível local, nacional, e internacional que gera um novo mundo, a partir dos anos sessenta e que, por conseguinte, gera também o golpe militar de 1964.

De tal forma Nelson se tornou um referencial pra mim... que depois de toda a agitação estudantil na Bahia, depois da necessidade de me refugiar no Chile e, posteriormente, na Suécia, devo considerar que meu trabalho de militância no Chile me credencia a fazer alguns comentários que podem ter importância para a interpretação do comportamento de Nelson ou, pelo menos, da influência que ele pode ter sobre mim e sobre outras tantas pessoas. Eu não o conheci no tempo de militância e sim depois, mas sua personalidade era tão forte e seu apego à ideologia marxista era tão grande!

Nelson não era um comunista, era um marxista consciente, não tenho nenhum pecado a registrar por parte dele e, exatamente por isso eu o segui, tratei de trilhar esse caminho, pode ser até um pouco de vaidade da minha parte, mas sinto que Nelson não abandonou a luta, ele me entregou a bandeira e eu me sinto um continuador de todo o trabalho político de Nelson. Então, lembro, perfeitamente, de quando vivi a crise chilena com a morte do presidente Salvador Allende, quando tudo era uma questão de sobre-

vivência, se fugia ou morria no Chile, ainda que de forma ligeiramente inconsciente, refletia nestes termos: "Que faria Nelson nesse momento?" e sei lá por que, que fonte inspiradora é esta, aliás, os segredos do universo são incontáveis... mas o fato é que sempre consegui sair bem das situações e Nelson era minha fonte inspiradora.

De outra vez, recebi uma lição que foi muito interessante, o Brasil vivia uma convulsão social. O governo de Jânio Quadros se havia posto numa encruzilhada: ou se transformava numa ditadura ou se democratizava de vez. Quando se dá a renúncia de Jânio Quadros, Jango que era o vice e que deveria assumir, estava na China. Nelson não perdeu a oportunidade de me dar ensinamentos nesse momento fazendo os comentários adequados da conjuntura internacional - acreditava que Jango iria voltar, mas que retardaria o seu retorno para fazer alguns conchavos internacionais, particularmente porque estava na China, que era um país acessível às posturas de esquerda e, quem sabe, traria uma situação absolutamente nova.

Nelson, sempre Nelson, ele fez o seguinte comentário sobre esse fato - que a situação que se geraria a partir da renúncia de Jânio seria uma situação de caos e tratou de me explicar o sentido grego da palavra caos - significa que tudo ou nada poderia acontecer a partir daquele momento -, a sua previsão era de que haveria uma tendência para a esquerda e que o Brasil entraria em uma crise profunda, porque haveria disputa entre as elites, disputa pelo poder, mas que a identificação do governo de Getúlio Vargas, já passado, com o governo de Jango que se anunciava, permitiria uma correlação de forças capaz de estabelecer um go-

verno de esquerda no Brasil. Seria só um embrião de um governo de esquerda, ele não esperava grandes coisas... é tanto que quando Jânio se estabelece e trata de promover as reformas, Nelson se transforma num entusiasta defensor das reformas, não pensando que com isso chegaria à revolução, mas pensando que com isso se daria um passo importante na evolução política revolucionária do Brasil. Então, vem o golpe de sessenta e quatro.

Outra coisa que eu devo a Nelson é a compreensão da frase de Engels: "O espírito é o estágio superior da matéria", ou seja, o próprio marxismo admite que haja um estado superior. E isto é uma questão curiosa em relação a ele, pois, naquela época, já falávamos de questões transcendentais de filosofia, de religião, etc. E, hoje, com o conhecimento de Física Quântica, isso me reporta a Nelson Schaun, porque eu queria ter uma noção de como é que Nelson via a questão da metafísica, porque a gente já estava muito familiarizado com as questões de dialética, já tinha posto de lado a lógica formal, e, de certa forma, utilizávamos a lógica dialética, mas a questão transcendental, a questão metafísica mesmo da própria origem do homem, da essência do homem, isso a gente não tinha comentado.

Nelson já manifestava os primeiros problemas cardíacos e havia adotado uma buginganga, uma pulseira de cobre o que, segundo as crenças, facilitaria a circulação sangüínea. O fato dele adotar esse troço me parecia, absolutamente, descabido, pois era um indivíduo com formação dialética, científica e marxista. Quando perguntei por que usar aquilo ele respondeu de forma meio jocosa, colando uma parte do aro à outra e mostrando que havia uma atração, como

se houvesse um imã entre as duas partes. Essa atitude me lembra Nills Bohr, da Física Quântica, quando um dia um amigo encontrou uma ferradura com sete furos, na porta de sua casa e questionou: "Mas você, um cientista de Física Quântica, com essa ferradura aí na porta?" e Nills Bohr disse: "Eu não sei se é verdade não, mas que está dando certo, está". Resposta similar me deu Nelson, naquela época, quando questionei: "Oh! Nelson, você acredita nisso?", ele respondeu: "Rapaz, eu não sei não, mas que uma pega na outra, pega!"

Com a esposa e os filhos

A relação de Nelson com a família era algo que me encantava. Imagina, naquela época, ninguém tratava o pai de você, Nicolau tratava, é preciso se situar na época pra ver a importância que isso tem na cabeça de um jovem adolescente. E chamava a atenção uma contradição latente, que era incompreensível, para mim - o tipo de relacionamento de Nelson com Vanja, sua esposa. Eu não alcançava a dimensão do relacionamento de Nelson com os filhos, Socorrinho, aos doze anos, continuava no colo de Nelson, que alimentava este tipo de relacionamento de uma forma absolutamente fantástica. Quanto a Vanja, Mãezinha como era chamada, ah, Mãezinha, como eu tenho saudade de você! era mais difícil ainda entender aquela relação, mas, quem sabe, tudo isso não tenha contribuído para formar, na minha consciência, o que é realmente a contradição entre pessoas ou contradição entre idéias.

Mãezinha era uma mulher rude, muito sensível,

delicada, cativante, mas não tinha formação cultural. Nelson era exatamente o oposto, e o que me impressionava, na época: como manter um relacionamento dentro de um conceito marxista, que era o conceito base de Nelson, como manter um relacionamento de não dependência? de não submissão da mulher? pois a essência do marxismo está na igualdade entre os seres humanos. Como Nelson administrava isso nesse relacionamento? Pensar que Vanja, aquela mulher rude, e ao mesmo tempo submissa, preocupada com os afazeres da casa, uma mulher capaz de cultivar bredas (figos) – frutos raros na Bahia, maturados e protegidos em saquinhos de sal -, para presenteá-lo. Como podia compatibilizar sua vida com ele? Ele administrava essa relação de uma forma magnífica, porque, na verdade, Vanja não passou de uma mulher tradicional, submissa ao seu homem e isso foi tratado como se fosse um fenômeno natural, ele não forçou em nenhum momento sua libertação, esta era uma contradição difícil de compreender e assim foi Mãezinha ou Vanja. Eles viviam uma relação de submissão, mas dentro de uma aceitação dialética em que também não se pode violentar os valores, romper uma estrutura, quando o indivíduo é apenas o elemento de um conjunto social ao qual ele responde. Mãezinha! você foi fantástica! Nelson foi fantástico! Socorrinho era aquela menina dengada no colo, Nicolau o filho varão, o homem de quem se esperava tudo, mas que Nelson jamais induziu a fazer qualquer coisa que fosse, e Simone, a mais velha, aquela que o apoiava nos trabalhos intelectuais, aquela que copiava delicadamente seus discursos para a Academia de Letras de Ilhéus.

O relacionamento com o partido

Nelson Schaun com sua grandeza espiritual, com tanta disciplina ideológica, ficou restrito ao Partido Comunista Brasileiro da região cacaueira, porque a situação da União Soviética, da conjuntura internacional que levou à criação da cortina de ferro, à opção entre o socialismo em um só país e à expansão do socialismo levou a isso. Por exemplo, na substituição do Lênin, só se contava com Stálin e Trotski e a sociedade russa da época não dispunha só desses dois indivíduos, mas havia um trabalho subterrâneo para impedir que outras lideranças aparecessem. E isto se refletiu no Brasil.

E, voltando a falar da situação do PCB na região cacaueira: jamais Nelson faria isso, pelo contrario, ele seria um profundo criador de líderes, então, o leque de opções para escolher uma liderança específica seria muito grande, só que, essas deformações aplicadas ao marxismo da época fizeram com que se tivesse um número cada vez menor de alternativas. Sabemos da triste história da polícia secreta soviética que teve que eliminar lideranças potenciais, uma marca essencial do stalinismo - não permitir que aparecessem muitos líderes para que a centralização do poder fosse cada vez maior, e esse era um princípio que a União Soviética utilizou, que permitia o domínio absoluto do poder. Nelson teve potencial para ser uma liderança estadual e nacional e isso não foi possível, por conta dos conceitos stalinistas da época, de impedir que aparecessem lideranças como a dele.

Nelson agüentou o quanto pode, se tivesse opções de ruptura teria feito essa ruptura, só que o

comunismo, na época, absolutamente centralizador... ele, simplesmente, não teve opção... ou ia para o ostracismo ou ia para um confronto direto.

* Hermano José Penalva da Silva nasceu em 05/07/1940, na fazenda *Rialta*, na Região Cacaueira; estudou em Ilhéus, onde chegou a dirigir o Grêmio Castro Alves, do Instituto Municipal de Educação Eusínio Lavigne. Participou da formação da Associação de Pequenos Agricultores de Camacã (ATAC), nos anos 60, e foi conduzido à clandestinidade em razão dos movimentos decorrentes da renúncia de Jânio Quadros. Por essa época conheceu e conviveu com Nelson Schaun, de quem aprendeu muito sobre filosofia e política. Exilado no Chile, em 1969, foi colaborador do governo Salvador Allende, e ali permaneceu até a sua queda, em 1975. Expulso do Chile, foi para a Suécia onde viveu até 1979. De volta ao Brasil, se dedicou ao estudo e pesquisa de tecnologias alternativas. Atualmente, de volta às origens, vive na fazenda *Feliz Vitória* (município de Camacan) desenvolvendo pesquisas de cacau para a Universidade do Estado da Bahia – UNEB -, e presta assessoria ao Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST).

MESTRE E CÚMPLICE

Zezé Kruschewsky*

Salvador,
março de 2001

Tenho excelentes recordações de meu curto convívio com o professor Nelson Schaun. Precisava estudar mais português e literatura, para o vestibular que se avizinhava naquele final de ano de 1962; sabia do Curso Particular do Professor Nelson, como também ouvia dizer o quanto era severo e rigoroso. Deveria policiar minha inquietude!... controlar meu espírito brincalhão!...

Meu pai, Alcides Kruschewsky, grande amor de minha vida, contava que havia tido, na mocidade, divergências políticas com o professor, quase beirando a agressão física, tendo sido contidos por amigos; mas reconhecia seu valor e sua hombridade, não se opondo a que eu o buscasse como mestre.

A escola, ou melhor dizendo, o Curso do Professor Nelson Schaun funcionava em sua casa, no seu lar, ladeado por um jardim florido, multicolorido, cuidado por sua gentil e amada esposa Vanja. Na minha chegada ao curso, fui surpreendida pela carinhosa acolhida do homem sério, de aparência fechada e austera, de olhos brilhantes e irrequietos, cheios de sabedoria, inteligência e bondade. Gostamos muito um do outro, à primeira inspeção. Eu, "cheia de dedos"; ele derramando a sua vontade de ensinar, de conhecer cada novo aluno, de ajudá-lo a aprender, custasse o que custasse!...Nelson Schaun queria passar para os alunos o que pudesse do seu incomensurável

saber literário e gramatical. Queria vê-lo "crescer" e não mantê-lo mentecapto; e muitas vezes, severo, utilizava com energia a voz firme, chamando de volta os desatentos ou os que não demonstravam vontade de saber: "Ô seu mentecapto!...dessa forma você não acompanha Gil Vicente...não saberá fazer valer o dinheiro que seu pai está desembolsando com você!...vamos seguir juntos!...

E o repreendido reingressava na viagem prazerosa, através de suas narrativas, permeadas de fatos interessantes, sobre os grandes homens da literatura luso-brasileira, por exemplo.

Com muita ansiedade eu freqüentava as aulas de professor Nelson. Nós nos entendíamos e nos achávamos cúmplices de situações engraçadas; éramos personagens vivas daqueles *embrólios* literários que ele nos ia fazendo vivenciar como se lá estivéssemos, vivendo aqueles amores, sofrendo algumas desventuras, sonhando grandes utopias. Nós estávamos nas letras e nas vidas dos livros de literatura, ou dos romances e versos de renomados escritores e poetas. Ele viajava conosco! Quem não embarcasse "naquela nave", era, inegavelmente, pelo menos momentaneamente, um mentecapto! Sem dúvida.

Preparando-nos para as provas orais dos exames vestibulares, cuidava de nossa expressão, de nosso português e nos alertava sobre erros corriqueiros cometidos, possivelmente, pelos que não o tiveram como mestre!!! Lembro-me de que recomendava: "Olhem bem, Almeida Garrett não se pronuncia como se fosse francês o seu sobrenome!...Almeida "Garrete", alemão, grafia com dois "t", não vão fazer o morto estremecer!..."

Estava eu, um dia, no curso, em rebuliço, mostrando um livro de história que havia comprado para

presentear, no Dia dos Namorados, meu recém-namorado, Fernando, meu marido, enquanto ele corrigia os exercícios no "quadro negro", quando fui surpreendida por sua voz grave: "Maria José, o que trouxe pra dividir conosco, hoje?" e eu, pouco à vontade, mas conhecendo o que havia sempre nos seus olhos astutos e cúmplices, disse, sem pestanejar: "-Um livro que comprei para o meu novo namorado!..." risos sufocados dos demais alunos, alguns com a mão na boca, em suspense... E ele, leve e curioso: "E qual é o problema???..." respondi brejeira: "A dedicatória professor, a dedicatória!..." E o professor Nelson indagou-me: "Qual o título do livrinho de história para seu namorado?" Eu, dessa vez, já meio sem graça, diante da insignificância do assunto para aquele momento, disse-lhe: "Seu lobo e os seus lobinhos..." Então, o grande mestre, de olhos da cor da bondade e da cumplicidade, cheios de travessura, falou: "Antes lobo do que urso, muito melhor lobinho..." Só hoje Fernando soube quem fez aquela dedicatória!...O livrinho já não deve existir. Mas existe na minha memória, no meu coração e no meu ser pedagógico, muito daquele grande homem transbordante de sabedoria e conhecimentos. Severo e austero para alguns. De alma e olhos de menino para tantos! Um legado de Deus para Ilhéus.

* Maria José Kruschewsky Pedreira da Silva é Pedagoga formada pela Faculdade Santa Úrsula - RJ (1966) e orientadora educacional com curso de complementação na Universidade Católica de Salvador. Foi professora de Psicologia, Sociologia e Pedagogia do Instituto Nossa Senhora da Piedade, em Ilhéus (1967/1968); professora concursada do Estado para as disciplinas de Sociologia e Psicologia (1970/1975) e orientadora educacional do Instituto Nossa Senhora da Piedade (1983/1987).

NAS LUTAS POPULARES

Aristeu Nogueira*

Irará,
março de 2001

Quando eu conheci Nelson, ele era do partido há muito tempo, em Ilhéus, onde já havia liderado várias lutas pelos colonos e índios daquela região. Comunicávamo-nos com freqüência, porque eu era da direção do partido e orientava os trabalhos em Ilhéus e Itabuna. Ele trabalhou pela emancipação daqueles lugarejos que pertenciam a Ilhéus e foram se libertando. Trabalhamos juntos na emancipação de Coaraci, Itajuípe e Uruçuca (1945/1955), mas, de uma maneira geral, lutávamos muito pelo povo. Como membro da direção estadual do partido, posso falar que Nelson era um dos companheiros mais respeitados entre nós. Era uma pessoa que tinha uma sensibilidade muito grande e foi um grande lutador pelos direitos dos cidadãos.

Essas lutas na região sul da Bahia em defesa dos colonos e dos índios são episódios importantes da história, mas foram muito antes de nos conhecermos e, como tudo era feito na ilegalidade, não guardávamos papel, não tomávamos notas de nomes, tudo ficava na memória.

O Partido Comunista do Brasil (PCB) foi criado, em Niterói, em 25 de março de 1922, foi registrado e legalizado, mas em de junho do mesmo ano, o presidente da República colocou o partido na ilegalidade e permaneceu ilegal até a década de 1940, quando nós travamos a luta pela constitucionalidade do Bra-

sil. Ingressei no partido, em março de 1938, com o objetivo de lutar contra o Estado Novo. Criei uma célula dentro da Faculdade de Direito que, nessa época, eu cursava e, daí, viajei muito pelo interior. Dirigi *O Momento,* jornal do partido, durante dez anos, e, mais tarde, tive uma certa participação na direção nacional, mais ligado à intelectualidade daquela época.

O partido se chamou Partido Comunista do Brasil até o VI Congresso, em 1960. Nesse congresso, o partido estava na ilegalidade e, apesar de haver um processo de democratização no país, o tribunal não aceitava o registro de partido, porque estava na ilegalidade, estava, juridicamente, numa posição que não podia ser legalizado com o nome de Partido Comunista do Brasil (PCB). Nesse congresso, então, passou a chamar-se Partido Comunista Brasileiro (PCB). Naquele momento, houve uma cisão, porque nós já combatíamos o Stalinismo. Stalin lutou pela revolução de 1917, mas mudou o sentido marxista da luta, e João Amazonas aproveitando-se dessa troca de nomes, criou o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) apoiado pelos comunistas da Albânia.

Depois as coisas tomaram outros rumos com o golpe de 1964. Mas esse trabalho que vocês estão fazendo sobre a biografia de Nelson, o resgate da história de Nelson Schaun, é elogiável, porque foi um grande homem neste país!

* Aristeu Nogueira nasceu em 21 de janeiro de 1915, formou-se em Direito em 1939 e foi funcionário do Tribunal de Contas do Estado até 1970, quando se aposentou. Filiou-se ao PCB em 1938, do qual nunca se desligou. Hoje está filiado ao PPS e, atualmente, vive em Irará.

BREVE E BEM HUMORADA CRÔNICA SOBRE DEUSES E SONHOS

James Amado*

Salvador,
março de 2001

Duas personalidades que se marcaram no perfil do mundo cultural sul-baiano, Sosígenes Costa e Nelson Schaun, têm centenário de nascimento este ano. Seus trabalhos e paixões impõem-se à rememoração.

Sosígenes Costa, que teve a poesia por destino, imaginou uma mítica história de sua terra e sua gente, mas datou-a "do tempo do onça, em que o rio não tinha cacau" e misturou nesse enredo os deuses do Olimpo e os que ele criou na sua mitologia indígena, aboliu o néctar e a ambrosia do banquete dos gregos e os substituiu pelo suco da polpa do cacau:

E o cacau foi chamado o alimento do céu.

A origem divina dessa lavoura se mostra, com clareza, quando nasceram Sosígenes e Nelson, e por sobre a imensidão da floresta que ia da foz do rio Cachoeira à barra do Jequitinhonha, terá havido a cimeira dos deuses. Não somente os locais, mas todos eles num congresso de ventos. Maravilhados com a beleza do mar e da mata virgem, deitaram sobre ela uma bênção consensual.

Ei-la, em termos concisos:

1. A floresta seria substituída por uma lavoura, feita pela mão do homem e com o suor de seu rosto e a planta dos deuses cobriria rapidamente o chão ainda virgem e esta teria as seguintes características: de três sementes mandadas de fora por agentes divinos, nasceria a muda que, sem requerer trato, além da sombra das grandes árvores de copa larga e madeira de lei, reservadas na derruba da mata, deitariam seus primeiros frutos aos cinco anos, e esses frutos subiriam pelo tronco e pelos ramos, atropelando-se como jabuticabas, e essa floração continuada, todos os dias da vida útil da planta, que seria de 100 anos. E, finalmente, o produto da lavra seria convertido imediatamente em moeda farta e forte, ao alcance de todos.

2. Esse presente dos deuses, como igual não se soubera jamais haver existido, estaria ao alcance dos eleitos, aos quais chegaria a notícia, e seriam de todos os cantos do mundo, e ali se juntariam, e se misturariam por baixo dos galhos do arbusto novo, e formariam uma gente nova, virgem de crimes antigos, para melhor gozar tanta benesse, bem comum desse vivente, de cada um e de todos, e ele seria chamado grapiúna, palavra cunhada na reunião celestial e sem outra raiz etimológica.

A bênção divina foi rapidamente levada à prática e dois novos elementos se juntaram ali: um odor denso, moreno, cobriu toda a região, encheu todos os peitos do mesmo anseio, todas as cabeças do mesmo e único sonho.

*

* *

Nelson Schaun e Sosígenes Costa, dois legítimos grapiúnas, nasceram no primeiro ano do último século do milênio. O cacaueiro, que nenhum deles plantou, até já teria deixado de produzir, mas seus trabalhos e paixões são ainda palpáveis, mesmo que, para alguns, possam parecer de duvidosa utilidade. Neste relato, que agora se faz pedestre, retomo da memória suas figuras num mesmo dia-a-dia sem aventura, diferentes uma da outra mas que se aproximam e se assemelham no lastro comum que animou seu pensamento.

Nelson nasceu em Ilhéus, Sosígenes chegou de Belmonte aos 16 anos. Nunca saíram dali, a não ser por raros e breves dias, Ilhéus era o núcleo urbano central do mundo cacaueiro, dali a lavoura subira os rios para o interior. Num movimento inverso, a ela chegavam as cargas de amêndoas secas, nos vagões de brinquedo da ferrovia dos ingleses, transferidas em alvarengas aos cargueiros estrangeiros que ancoravam diante da avenida da praia, pois o porto somente recebia embarcações de pequeno calado. Ilhéus era o centro nervoso do processo de produção, cofre dos primeiros bancos, comprava e pagava à vista, com seus agentes por todo o interior, o cacau miúdo dos posseiros e burareiros e as safras numerosas dos grandes fazendeiros. Era bela com seu mar e suas colinas, e era nova em folha, ao tempo de Nelson e Sosígenes; de discutível antigüidade tinha apenas a igrejinha de São Jorge; dispensava fortes coloniais que lhe recordassem antigos canaviais, donatários ou senhores de engenho. Renascera capitalista, por seus cami-

nhos corria dinheiro vivo, nada lhe perturbava a riqueza, tanta e tão acessível. No imaginário popular, Deus fora rebaixado a simples corretor da esperança que levaria o *alugado* à eminência da estátua dourada do Coronel, figura emblemática da bem-aventurança.

Nelson Schaun e sua cidade eram amantes e contentes. Ele a tratava com a intimidade alegre e sem restrições do namorado nascido, criado, vivido e disposto a morrer ali onde bate seu coração e seu sangue reconhece cada esquina e seu rosto é reconhecido em todos os momentos por todas as pessoas. Os dois, a cidade e aquele seu produto, que não se afasta dela para viver no interior o sonho geral de riqueza, que nada lhe reclama além desse aconchego de contemplar a festa de cores enlouquecidas, no fim de cada tarde, incendiando toda a vista, ou imergir no infinito do mar, à noite, água morna com cheiro de cacau, ou subir suas colinas e sentir o apelo da imensidão de luz exultante da alegria de viver. Nelson e sua cidade dos ilhéus, contentes um do outro.

De acordo com sua vocação de figura pública, ele se fez professor. Sua escola estava em toda parte, estava no mestre sempre disposto à lição. Na sala de sua morada com Vanja (nome raro, suave sussurro) primeira casa da rua do Sapo, a das moças sem maridos, mas com filhos, aos quais ele ensinou gratuitamente a "ler e escrever corretamente a língua portuguesa"; assim, também, as meninas do internato das freiras ursulinas aprendiam com ele a recitar os românticos e parnasianos, embevecidas com a presença de um homem na semi-clausura e impregnavam dele seus olhares sornas e arteiros. Mais informalmente, nas mesas do bar de antes do almoço, ponto de reunião àquela hora de advogados, comerciantes,

fazendeiros, caixeiros-viajantes e oficiais dos navios no porto, o professor comentava as notícias da região e do mundo, captadas nos primeiros aparelhos de rádio, explanava a discordância dos pontos de vista diversos, apontava os sinais dos novos tempos e movimentos, e com sua platéia improvisada bebia à alegre camaradagem, nos cálices de aguardente de engenho de barro e conhaque francês, nos copos altos do *whisky-and-soda* que os ingleses da ferrovia e os exportadores europeus acrescentavam aos hábitos assentes. No bar do fim de tarde, era onde se tornava aluno da intimidade, apenas murmurada, com um sorriso maroto, dos segredos que todos saboreavam: o Maraú, do comandante italiano, havia chegado e apitara longamente para avisar à Cremilda, no alto de São Sebastião, que seria seu parceiro-coronel para a noite de amor; ou o afundamento do iate no gargalo da barra, de onde escapara a professorinha de Itapira, beata e virgem, passando graxa de sapato em todo o corpo para esgueirar-se pela vigia estreita - e a garotada se assanhara com a visão. Nelson estava na cidade toda, com toda gente e acontecia marcar encontro consigo próprio na sessão do tribunal do júri, quando promotor e advogado de defesa liam as razões finais do processo, escritas por ele na madrugada precedente; no seu artigo sobre a eterna crise do cacau que estava no *Diário da Tarde*, assinado pelo filho do coronel; na intervenção, enérgica e flamejante, do vereador dos bairros pobres.

À noite, Nelson Schaun era visto na sede da sociedade de ajuda mútua dos artesãos e oficiais de vários misteres, reciclando-os nos conhecimentos gerais, aprendendo com eles, como costumava dizer. Em toda parte e a todo instante ele era presente e

participante com sua lição necessária, clara e fraterna. Onde não era visto, mas estava, sombra debaixo do chapéu de baeta, era na cabeceira das pontes entre estivadores, no vagão abandonado perto da estação ferroviária, nas casinhas dos bairros distantes, entre homens e mulheres cansados e atentos, a todos eles o mestre Nelson falava da esperança.

Sosígenes Costa nasceu na ponta sul da região, foz do Jequitinhonha e trouxe para Ilhéus todo o seu cabedal: o conhecimento dos sinais do sistema *morse* e uma bela caligrafia, bens úteis e requeridos dos telegrafistas. Aprendeu o Boudot, que imprimia em fitas estreitas de papel as mensagens telegráficas. Estes eram os laços mais estreitos que Sosígenes Costa mantinha com a comunidade, pois a ele cumpria ler, corrigir, cortar e colar nos formulários cumprimentos, ordens, pedidos, declarações sucintas, nascimentos e óbitos e quanto mais lhe revelasse, na brevidade dessas comunicações, a vida da cidade. Ele preservava, rigorosamente, sem concessões, seu direito à privacidade, sua necessidade de comunicação tinha canais próprios, dispensava o contato físico e a conversação, câmbio de sentimentos e pensamentos. Raramente era visto em locais públicos. A caminho da agência do telégrafo, transitava por ruas pouco freqüentadas e, assim, quando retornava ao seu quarto-e-sala, improvisado num edifício comercial, sua oficina de trabalho noturno, onde fazia e refazia, numa escala de tempo muito particular, seu verso maravilhoso. Ilhéus era, também, a sua cidade, e ele seu produto, ali aprendeu, com rara percepção crítica, os motivos de sua poesia tão especial, sem parentesco a não ser, pela excelência da qualidade, com os poucos grandes poetas universais da língua. Ali apren-

deu os ritmos populares das festas de largo, e reinventou a linguagem dos alugados. Sobre o longo poema da origem mítica da lavoura, esclarece: "Começa com versos livres, soltos como menino no pasto, pula num samba, emenda por um coco, cai de novo no samba e termina falando como a gente fala".

Às tardes, na Associação Comercial, secretariava e reportava em atas formais, com sua letra cuidada e clara, as semanais reuniões da Diretoria. Nos outros dias, ele supervisionava o cuidado dos jardins da casa imponente, que ornamentava com flores raras, e tratava pessoalmente de algumas dezenas de gaiolas de passarinhos canoros, que os meninos da redondeza pegavam e lhe traziam, em troca de algumas moedas. A casa e a praça enchiam-se de trinados de canários, cardeais e pintassilgos. Um pássaro preto, que imitava o canto dos demais e repetia a primeira frase do Hino Nacional, andava atrás dele, esvoaçava pelas salas do andar superior e às vezes pousava na mesa grande das reuniões. À noite, quem passasse pela praça e os jardins diante da Prefeitura, ouvia, vindo do salão de festas da Associação Comercial, o som das músicas que o poeta *tirava* no piano de meia-cauda, entremeando peças clássicas e populares. Sua solidão, tão grande quanto desejada, não comportava tristeza ou depressão. Sua poesia era uma festa afinada com a vida:

fonte, fonte do amor querida
ó fonte boa em que mergulho a mão.

*

* *

O mal dos deuses é terem fé nas criaturas que os criaram. Na região cacaueira, o sonho único da riqueza geral foi rapidamente burlado: o lavrador estabelecia a sua posse no meio da mata, plantava sua rocinha, vivia com a família, da caça e da pesca abundantes. Certo dia, aparecia o fazendeiro, que havia comprado do governo, ao preço de um centavo o hectare, a terra devoluta. Pagava ao posseiro a benfeitoria feita ao chão, contratava-o para fazer uma roça muito maior e, quando a plantação começava a produzir, assumia a sua propriedade, pagando ao lavrador um tostão por árvore. A "operação" repetia-se muitas vezes, o lavrador alugava seu braço e sua intimidade com a lavra, vivia e morria miserável, sem dinheiro e sem terra, proibido de comer cacau, perdido de seu sonho.

Nelson Schaun e Sosígenes Costa, grapiúnas urbanos, sem machado ou foice para derrubar pau e ciscar o solo, um deles professor e extrovertido, o outro poeta e introvertido, pareciam não cruzar seus caminhos no espaço exíguo da cidade pequena. Uma vez, ao menos, estiveram juntos.

Nelson Schaun reuniu seus poucos companheiros e, sem os cuidados que a situação de clandestinidade impunha ao seu sonho, estruturou o primeiro comitê do movimento comunista em toda a imensa região cacaueira. Durante algum tempo aquela mínima unidade orgânica foi sozinha na cidade de Ilhéus, sozinha no mundo inteiro. Vista desde hoje, sete décadas passadas, tão longínqua, é um pequeno e singelo momento da mais alta grandeza humana. O so-

nho era devolvido à população grapiúna, sonho antigo e desgastado, mas renovado em termos modernos, um século antes. Nelson Schaun gostaria de haver encerrado o ato simples com o verso oratório de um poeta de sua predileção (mas ainda por escrever):

Um fantasma assombra a Europa, o mundo[1]
Nós o chamamos Camarada.

Sosígenes Costa, infenso a reuniões de quaisquer tipos, soube do ocorrido e fez um pequeno poema, como se fosse ele o professor:

DUAS FESTAS NO MAR

Uma sereia encontrou
um livro de Freud no mar.
Ficou sabendo de coisas
que o rei do mar nem sonhava.

Quando a sereia leu Freud
sobre uma estrela do mar
tirou o pano de prata
que usava para esconder
a sua cauda de peixe.

- e o mar então deu uma festa.

No outro dia a sereia
achou um livro de Marx
dentro de um búzio do mar.
Ficou sabendo de coisas
que o rei do mar nem sonhava
nem a rainha do mar

Tirou então a coroa
que usava para dizer
que não era igual aos peixinhos.
Quebrou na pedra a coroa

- e houve outra festa no mar.

*

* *

Depois, muito depois, aqueles deuses simpáticos e benfazejos, que doaram aos grapiúnas a bênção do cacau, aborrecidos com tanto *caxixe*, fizeram uma breve reunião de controle da situação e resolveram mandar a praga da *vassoura de bruxa* dar fim à história.

* James Amado é escritor grapiúna.

(1) Abertura do texto do Manifesto Comunista (1948) de Engels e Marx.

DADOS BIOGRÁFICOS

Nelson Schaun (10.04.1901/12.08.1968) nasceu em Ilhéus.

Filho de Luís Napoleão Schaun e Elvira Bárbara da Silva Schaun. A família Schaun chegou ao Brasil no início dos anos 1800 fixando-se em Ilhéus, onde deixou numerosa descendência. Luis Napoleão foi de sua terceira geração e o casamento com Elvira Bárbara, descendente de portugueses, gerou 10 filhos: João (1893), Luiz Napoleão Filho (1895), Helena (1896), Almerinda (1898), Eulina (1899), Maria Izabel (1900), Nelson (1901), Noé (1902), Edson (1902), Heloysa (1905).

Cedo, Nelson demonstrou idéias extravagantes e, ainda na terceira série primária, ao ser castigado por alguma indisciplina, enquanto apanhava, foi puxando a gravata do professor até quase enforcá-lo. Foi expulso e não voltou mais aos bancos escolares.

Membro do Grêmio Olavo Bilac, na década de 1920.

Presidente da Sociedade União Protetora dos Artistas e Operários de Ilhéus, em 1922.

Em 1926, seu nome já despontava no jornalismo regional, como redator chefe do *Correio de Ilhéos* e, posteriormente, em outros jornais, *O Momento*, *Diário da Tarde*, *Diário de Itabuna*, *Revista Seiva*.

Casou-se em 10 de abril de 1935 com Vanja Kruschewsky Miguel, que passou a chamar-se Vanja Kruschewsky Miguel Schaun, com quem teve três filhos: Simone Miguel Schaun, Nicolau Miguel Schaun e Maria do Socorro Miguel Schaun.

Instituiu o *Curso Especial de Nelson Schaun,* em 1938, para o ensino da Língua Nacional e Ciências Propedêuticas.

Correspondia-se com gramáticos portugueses, dos quais adquiriu grande parte de sua cultura.

Desde jovem, interessado pelas causas sociais, estudou com afinco a filosofia marxista, cujo conteúdo teve grande influência na instalação do Partido Comunista do Brasil (PCB) na região cacaueira da Bahia, em 1927. Filiado ao PCB por 30 anos, saiu em 19 de julho de 1957.

Foi candidato a deputado estadual pelo PCB nas eleições de 1947, quando obteve o segundo lugar, atrás apenas de Eusínio Lavigne.

Professor do Instituto Nossa Senhora da Piedade, Ordem das Ursulinas, em Ilhéus.

Professor do Instituto Municipal de Educação Eusínio Lavigne, no período de1958/1959.

Membro fundador da Academia de Letras de Ilhéus, criada em 14 de março de 1959, onde ocupou o cargo de secretário geral, desde a fundação até 12 de agosto de 1968, quando faleceu.

Na Academia de Letras de Ilhéus ocupou, como imortal, a cadeira de número 13, cujo patrono é Ernesto Carneiro Ribeiro.

Reativou o *Curso Especial de Nelson Schaun* na década de 1960 para o ensino da Língua Portuguesa e de outras disciplinas.

Pseudônimo que utilizou – *Modesto da Silva*

Pelas artes e através da arte é que podemos conhecer intuitivamente a vida e o universo. Claro que, nesta afirmação, não havemos de confundir o conceito dialético de arte com o anti-natural e vazio conceito fixista de arte.

Queremos, de fato, significar que a concepção da vida e do universo, isto é, a filosofia, se afirma através da expressão artística, e, pois, da realidade estética. E, é claro, se a filosofia, como um produto da vida, não pode estar fora da própria vida, – também a estética – produto que é da vida – está naturalmente condicionada ao tempo e ao espaço, por conseqüência, às forças históricas da natureza e da vida. **(N.S., 1960)**

ISBN 85-7455-031-0
9 788574 550312